



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Joaquim Miguel Mendes Martins

**Os profissionais de Reconhecimento e
Validação de Competências: análise
crítica de um processo de
profissionalização**

ANEXOS

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos

Trabalho efetuado sobre orientação de
Doutor Manuel António Ferreira da Silva

Índice

| | |
|---|-----|
| Índice de Figuras | 2 |
| Índice de Quadros | 2 |
| Anexo 1 | 3 |
| Guião da entrevista | 4 |
| Anexo 2 | 5 |
| Transcrição da Entrevista 1 | 6 |
| Transcrição da Entrevista 2 | 27 |
| Transcrição da Entrevista 3 | 42 |
| Transcrição da Entrevista 4 | 60 |
| Transcrição da Entrevista 5 | 78 |
| Anexo 3 | 101 |
| Matriz de redução de dados | 102 |
| Anexo 4 | 115 |
| 1. Perfil de competências dos profissionais de RVC | 116 |
| 2. Funções e competências dos profissionais de RVC | 118 |
| 3. Competências-chave para os educadores de adultos | 120 |

Índice de Figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Competências-chave dos profissionais de Educação e Formação de Adultos..... | 126 |
|--|-----|

Índice de Quadros

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 - Quadro resumo da Matriz de Redução de Dados | 102 |
|--|-----|

Anexo 1

Guião da entrevista

Procedimentos

1. Expuseram-se os objetivos da entrevista:
 - Evidenciar as práticas profissionais e as condições de exercício profissional dos profissionais de RVC – trajetórias profissionais, condicionalismos externos e condições de trabalho;
 - Perspetivar os mecanismos e estratégias de desenvolvimento profissional em termos de espaços e processos de aprendizagem – trajetórias educativas e formativas.
2. Salientou-se o anonimato dos entrevistados e da confidencialidade das informações e solicitou-se a disponibilidade para utilizar um gravador áudio que permitisse registar a entrevista num formato digital.
3. Registaram-se os seguintes dados: número de entrevista; data da entrevista; nome do entrevistado; idade; estado civil; instituição empregadora; tipo de contrato; fim do contrato; nível de escolaridade; experiência de trabalho

Tópicos orientadores

- Enquadramento do percurso profissional e trajetória profissional no campo da EFA;
- Qualificações e formações específicas ao exercício profissional: áreas; motivações; relevância e adequabilidade;
- Formas de preparação pessoal e organizacional para o exercício profissional;
- Principais aprendizagens e transformações nas práticas profissionais: abordagens, tarefas e responsabilidades;
- Práticas de aconselhamento e orientação: definição, funções e relacionamentos.
- Definição da prática educativa e perceções relativa à ação educativa: formas, métodos e finalidades;
- Reconhecimento, visibilidade social e estatuto social e profissional (dentro e fora da comunidade de prática);
- Atratividade da ocupação profissional: condições de trabalho; contexto organizacional; estabilidade profissional;
- Regulação da atividade profissional: códigos deontológicos; associações profissionais; credenciais para o exercício profissional; qualificações específicas; reconhecimento de competências;
- Avaliação do contexto sociopolítico e económico (oportunidades e constrangimentos pessoais e profissionais).

Anexo 2

Transcrição da Entrevista 1

| | | | |
|--------------------------|---|--------------------|-----------------------|
| Entrevista | 1 | Data da entrevista | 13/06/2012 |
| Código do entrevistado | E1 | | |
| Instituição empregadora: | Centro Novas Oportunidades em Escola Pública | | |
| Tipo de contrato: | A Termo Certo | Fim do contrato: | 31/12/2013 |
| Idade | 37 anos | Estado Civil: | União de Facto |
| Nível de escolaridade | Licenciatura em Ensino de Matemática; Pós-graduação em Educação de Adultos | | |
| Experiência de trabalho | 5 anos como Profissional de RVC | | |

1. Como e porque é que te tornaste profissional de RVC? Há quanto tempo desempenhas essa função?

Eu tornei-me profissional de RVC por acaso. Eu trabalhava numa loja. Tinha a minha licenciatura. Tinha acabado nesse ano o curso de Ensino de Matemática e surgiu a oportunidade de fazer uma ‘espécie’ de voluntariado na Escola Secundária Z, no CNO, que iria arrancar, ou que estava a arrancar, com grupos de Secundário. Portanto, eu, em paralelo com a minha atividade profissional, fui para lá ‘estagiar’, aprender um bocado... Portanto, a minha profissão atual surge então um bocado caída da oportunidade. Surgiu a oportunidade... Trabalhava precariamente, a recibos verdes. Despedi-me da livraria porque não conseguia conciliar as duas coisas. Não eram muitas horas que trabalhava! Trabalhei assim durante cerca de seis meses. Depois a escola abre concurso, isto já em 2008. Pronto e eu concorri! Já não me recordo se um dos requisitos era ter trabalhado na ‘casa’; experiência que tinha na área e assim fiquei. Portanto, eu caio um bocado de paraquedas, digamos assim.

2. Desempenhas essa função há quantos anos? Desde... Desde 2008, início de 2008...

... com contrato. Foi em 2007. Fui para lá aprender... ajudar...

3. Além de seres profissional de RVC já desempenhaste outras atividades no campo da educação e formação de Adultos?

Não.

4. Nunca deste formação?

Dei, dei, dei formação! Mas também foi no âmbito... Surgiu por trabalhar no CNO da Escola Secundária Z. Dei formação de Matemática para a Vida.

5. Dentro do CNO?

Dentro do CNO, de nível Básico... Matemática para a Vida. Já não me recordo, B2 ou B3.

6. Fora isso, mais nenhum tipo de atividade?

Não. Em termos de profissão não.

7. Só para ser mais resumido: acabas a licenciatura; vais trabalhar para uma livraria. Depois de trabalhar na livraria. Trabalhaste um ano?

Na livraria?

8. Quanto tempo é que trabalhaste na livraria?

Na livraria, um ano e pouco.

9. Depois disso, desde 2008, fins de 2007...

Em 2008 é que começo a receber, digamos assim. Não é um estágio! Foi voluntariado. Não posso considerar... É que eu trabalhava. Não recebi!

10. Em que medida consideras que as tuas qualificações são adequadas para o exercício das tuas funções de profissional de RVC? De que maneira é que a licenciatura em Matemática-Ensino...

Eu depois fiz uma pós-graduação, em 2009, penso eu. Foi em 2009/2010. Não sinto que isso tenha mudado muito as minhas práticas como profissional de RVC na área da educação de adultos. Normalmente os requisitos são a Psicologia ou a Sociologia ou alguma coisa ligada a entender a mente ou o perfil das pessoas. Não acho que o tipo de licenciatura que foi me tenha diminuído ou restringido de alguma forma as minhas capacidades ou formas de trabalhar.

11. Mas a tua licenciatura preparou-te convenientemente? Se sim, em que sentido?

Em termos de referenciais não me preparou porque eu não conhecia. Em termos de desconstruir os adultos e ajudá-los não me preparou. Isso é mais a minha própria preparação e a minha própria personalidade, digamos assim. Não posso dizer que eu tive uma cadeira de pedagogia que me ensinasse... Mas isso nem para os miúdos, acho eu. Não acho que a licenciatura tenha algum efeito. Acho que depende muito da forma de uma pessoa ser e estar.

12. Além da tua licenciatura e das tuas qualificações iniciais, fizeste formações específicas quando começaste a trabalhar como profissional de RVC?

Fiz a pós-graduação ou especialização em Educação de Adultos.

13. Só mais tarde, já durante...

Já durante, não foi antes.

14. Mas não fizeste formação pela ANQ?

Sim, fiz!

15. Que te ajudasse? Foram importantes?

Eu acho que não... É um cliché que a formação é sempre importante e que se aprende sempre alguma coisa, óbvio! Mas até acho que quem me deu a formação... Estavam também a desbravar caminho e a aprender, portanto, não foi assim uma... Não acho que isso me tenha preparado de forma diferente, não! Ouvi muito do mesmo.

16. Quais eram os conteúdos?

Da formação?

17. Os que tu destacarias mais?

Nem me recordo, neste momento. Teria de aceder a 'ficheiros' muito antigos ou ir a capas. Não sei se foi isso. Houve uma altura em que se trabalhou... Lembro-me que se trabalhou o referencial de básico e até estava uma parte - não sei se era em Linguagem e Comunicação, acho que sim - havia lá uma coisa, uma frase que ninguém entendia aquilo, mesmo no básico: "o que nós estamos aqui a pedir aos adultos que façam se, nós próprios, não conseguimos perceber o que eles querem com isto?" Trabalhou-se, nesse sentido, os referenciais. Fez-se uma outra simulação do que era Matemática para a Vida mas parecia quase uma brincadeira. Mas se calhar estou a ser um bocado crítica de mais.

18. Que tipo de formação achas que seria conveniente ter no início? Quando começaste a trabalhar sentias...

Era quase pôr-nos a escrever uma autobiografia com alguns temas. Nem que fosse... Tivéssemos que escrever cada um de nós três ou quatro páginas em que conseguíssemos abordar... Era um bom

exercício para cada um de nós! Eu nunca o fiz, por exemplo. Em que se tivesse de abordar, não digo já à partida alguns temas, mas à partida aquelas partes: o meu percurso profissional, o meu percurso pessoal, as escolas, os meus gostos, os meus...

19. Uma coisa mais concreta, mais prática?

Sim! Pôr-nos objetivamente a fazer aquilo que nós pedimos para eles fazerem.

20. E a questão do enquadramento teórico? Tu dizes que a tua licenciatura não te forneceu abordagens teóricas ou metodológicas, ou vias para trabalhar diretamente com os adultos e com as características dos adultos. Achas que seria importante ou gostarias de uma coisa mais objetiva e mais prática? Ser-te-ia mais útil?

Eu confesso que não tive muitas... Não tive sequer dificuldades em trabalhar com adultos. Portanto, a pergunta que me estás a colocar não te sei bem como hei de responder. Qual é a formação que se dá para se trabalhar com adultos? É ter Psicologia? É perceber a génese? Não sei responder a isso, porque realmente não senti dificuldades... nenhuma!

21. Mas não sentiste dificuldades por atributos especiais, atributos específicos que tenhas? Atributos pessoais específicos?

Isso é um bocado constrangedor estar aqui agora a... Atributos especiais. Eu não tenho atributos especiais!

22. Atributos pessoais específicos?

[pausa] Talvez. Talvez seja uma pessoa compreensiva... tolerante... Portanto, acho que aceito a diferença. Não sei se pode ser por aí! Tenho um campo um bocado, se calhar, abrangente das coisas... Não sei se passa um bocado por isso... pela tolerância... pela compreensão...

23. Disseste que fizeste uma pós-graduação em Educação de Adultos, em 2009. Por que é que escolheste fazer essa pós-graduação em Educação de Adultos?

Primeiro porque me apetecia estudar. Estava a sentir falta... Depois pensei... já que estava. [Pausa] Eu agora estou um bocado perdida. Eu candidatei-me nos meses de verão. Ainda não sabia se ia ficar na Escola Z. Portanto, foi quando eu comecei a trabalhar com contrato de três anos que entro na pós-graduação. Achei importante para o meu currículo, basicamente, e queria aprender. Na altura achei que ia fazer o mestrado, mas depois dececionei-me um bocadito e parei por ali.

24. Em que medida é que consideras relevante para o exercício das tuas funções essa pós-graduação? Aprendeste coisas específicas, desenvolveste algum tipo de conhecimentos, modificaste abordagens, formas de trabalhar?

Não acho que tenha modificado formas de trabalhar. Aprendi algumas coisas teóricas sobre as políticas da educação que me passavam muito ao lado. Não estava dentro do sistema, cá e lá fora. Mas principalmente cá! Perceber o desenvolvimento e a evolução da educação e adultos em Portugal. Se calhar é isso que eu até destaco mais isso que me tenha ficado. Algumas coisas mais teóricas que...

25. Pretendes terminar essa pós-graduação? Esse mestrado?

Não. Acho que não. Não tenho vontade nenhuma. Fiquei um bocado desiludida.

26. Ficaste desiludida porquê? Ou com o quê?

Com a forma de dar aulas, com a forma... Com o grau de exigência!

27. Era muito, pouco?

Pouco.

28. Aqui na Universidade do Minho?

Sim. Havia duas aulas que eu gostava de ir. Era com um professor que gostava de ir. Parecia que eu tinha voltado a ir à escola. Na altura, tinha um bocado de receio. Mas, no fundo, o senhor revelou-se que era o único, dos poucos, que trabalhava e que levava as aulas 'estudadas': Licínio Lima. É um prazer ouvi-lo falar.

29. Pretendes frequentar uma outra pós-graduação, um outro mestrado?

Se calhar. Para já não me parece que fosse alguma coisa relacionada com esta área.

30. Em que área é que tu gostarias de investir, de estudar?

Bibliotecas, Matemática, Recursos Humanos.

31. Não necessariamente ligada à tua profissão?

Não necessariamente ligada. Até se calhar preferia não ligada.

32. Ao longo destes cinco anos de exercício das tuas funções quais foram as principais aprendizagens que tu efetuaste? Em termos de trabalho com os adultos. O que vais fazendo? O que foste aprendendo e aperfeiçoando?

[Pausa] Acho que com o tempo tornei-me mais exigente, no bom sentido. Antes sofria daquele mal de ver os adultos como uns coitadinhos e de amparar sempre. Agora não! Acho que são adultos, ok. Nem todos os adultos são carentes ou têm... e se calhar eu, à partida, pensava isso, ou abandonaram a escola por motivos frágeis, ou... Não, nem todos! Muitos deles até... Ao voltarem à escola a estudar, foi importante e é importante! Acho que evolui nesse sentido. Porque no princípio acho que lhes 'amparava muito o jogo', não é ser compreensiva de mais, mas era até... Faziam um bocadinho e até achava que já estava e até eu não puxava mais por eles, porque pronto... coitados... agora não, já os posiciono como deve ser acho que estava errada e evolui. Nas minhas práticas... Como é que evolui? A minha evolução.

33. Quais foram as principais aprendizagens? De que forma essas aprendizagens transformaram, ajudaram a alterar ou condicionaram as tuas formas de atuação profissional?

Eu já vi tanta coisa escrita e lida. Eu e tu... Toda a gente. Ajuda-nos... Não é a ficar mais maduras, ajudamos a relativizar outras coisas. Portanto, como ser humano, acho que aprendi muito e aprendo muito ainda com muitos deles. Às vezes, até pode ser cansativo e desgastante. Ainda assim ainda tem um lado com mais coisas boas do que coisas más. Mais até na relação comigo e com eles. Agora em termos de aprendizagens e em termos de conteúdos: o referencial na altura estudei-o, tentei... Ultimamente não o tenho visitado tanto como devia, pois se calhar uma pessoa depois encaixa as coisas e depois dá este exemplo e aquele e fica; mas cheguei a um ponto que acho que estagnei. Não me sinto a criar, a desenvolver cognitivamente. Isto já não mexe muito!

34. Tens vontade de fazer diferente? De fazer crescer? De deixar de estagnar?

Tenho vontade que fosse diferente mas com aquele referencial não sei se dá muito mais 'pano para mangas' para ser diferente.

35. Referiste que aprendeste com os adultos. Só aprendeste que vais aprendendo com os adultos em termos relacionais e tudo mais. Aprendeste...

E com os meus colegas.

36. Com os teus colegas? Com os formadores?

Sim. Com todos! Uns mais que outros, naturalmente.

37. Aprendeste mais especificamente o quê?

Algumas abordagens, algumas metodologias.

38. Formas de trabalhar? Alteraste as tuas práticas dessas aprendizagens?

Com essa partilha fui alterando as minhas práticas, sim.

39. Se tivesses de hierarquizar essas aprendizagens, como é que hierarquizavas? Imaginemos uma categoria «adultos» - tu a trabalhares com os adultos; uma outra categoria que fosse «profissionais»; outra categoria «formadores»; o «coordenador»; as tuas leituras. Como hierarquizarias isso?

Primeiro, as minhas aprendizagens foram muito por mim.

40. As tuas próprias! Essas estariam no topo?

Estariam. Foi muito sozinha. Muita gente diz: "Eu é que parti pedra e não sei quê!". Não acho que isso fosse 'partir pedra'. Na altura, li e reli e tentei perceber! As primeiras aprendizagens foram comigo, sem dúvida.

41. Depois na tua relação com os adultos, ou com os profissionais?

No grupo de profissionais não havia grande... Quando a **ent#2** depois entra, há uma certa troca, fala-se e tal... Primeiro, os profissionais nem trabalhavam o referencial com os adultos. Faziam os primeiros 'instrumentozinhos' da 'Roda da Vida' e não sei quê. Com os formadores, o professor P. tinha algumas ideias que... Portanto, punha primeiro comigo, depois com a equipa. São aprendizagens diferentes, isto de categorizar é um bocado complicado. As aprendizagens com os adultos não posso comparar às aprendizagens que tive contigo.

42. E ao longo do tempo? Estás-te a remeter muito ao início, às fases preparatórias e às fases iniciais. Ao longo deste tempo foste aprendendo da mesma forma com os teus colegas, com os adultos? Foste modificando as tuas próprias práticas dessa relação?

As minhas próprias práticas também porque nós mudamos a forma de trabalhar as narrativas. O portefólio teve um ponto de viragem! Tive também que me ajustar e fazer o que devia ser feito. Passar dos núcleos para a autobiografia... Houvesse interligação com as passagens... Mas remeto-me mais aos primórdios. Como te digo, depois aquilo não sai muito dali... Pelo menos é o que parece a mim!

43. Mera aplicação de procedimentos?

É um bocado, infelizmente.

44. Depois voltaremos a falar dessa aplicação de procedimentos. Como é que tu apresentas o teu trabalho fora da tua comunidade de prática, fora de pessoas que trabalhem nessa área? Como é que tu apresentas o teu trabalho? O que dizes que fazes? O que é tu fazes?

O que é que eu faço? Eu ajudo os adultos, ou oriento os adultos a escreverem uma autobiografia, já por ela que também tem de ser orientada – isto é redundante, não é? Dou apoio inicial para que os adultos consigam escrever uma biografia com conteúdos específicos.

45. É inteligível para as pessoas fora da tua comunidade de prática? Fora das pessoas que falem essa tua língua, pessoas que trabalhem na mesma área?

Não, não deve ser muito fácil de explicar.

46. É assim que tu explicas? Explicas que orientas um adulto para fazer um portefólio? Para ser certificado, validado?

Era a primeira coisa que eu diria, acho que era isso.

47. Orientas como?

Explico em que é que consiste o processo; o que é que eles têm que fazer; o que devem escrever; o que é que podem... O que é pretendido e a parte reflexiva associada a todas as experiências que eles tiveram.

48. Ajuda-os a pensar sobre as suas próprias práticas? Sobre as suas aprendizagens?

Espero que sim. Acho que essa...

49. E dentro da tua comunidade de prática, a explicação muda?

Na minha comunidade de prática?!

50. Junto aos teus pares. Continuas a definir a tua ocupação da mesma forma?

Acho que sim.

51. Orientadora... acompanhas, ajudas a refletir?

Às vezes até digo formadora de CLC, CP ou STC, porque acho que conseguia perfeitamente... como acho que ali, no nosso local, a maior parte de nós conseguiria fazer isso.

52. Consideras-te uma educadora de adultos? Uma formadora de adultos?

Não. Uma educadora de adultos, não. Não sei o que queres dizer com uma educadora?

53. O que tu pensas que é uma educadora de adultos? [Pausa] Para dizeres que não, que não te consideras uma educadora de adultos?

Pois, mais aí tínhamos então... Se calhar temos perspetivas diferentes do que é educar. Educar... O que é educar? É formar, é ensinar... não é... é perspetivar, é...

54. Faço-te a pergunta de outra maneira. Em que medida a tua ação é educativa?

[pausa] Na parte da autorreflexão e provavelmente também... Também lhes ensino alguma coisa. Mas se calhar isso já não tem muito a ver com o Reconhecimento [*e Validação de Competências*]. Não estamos a falar só de Reconhecimento. Ensino-lhes!

55. O que ensinas?

Ensino a mexer no computador; ensino a fazer pesquisas; ensino a pôr imagens; ensino a formatar textos; ensino, se for preciso, a corrigir um erro. De matemática, se houver alguma dúvida, também ensino e gosto dessa parte, de lhes ensinar! O que eu noto é que eles gostam que lhes expliquem bem as coisas.

56. Que lhes transmitam informação?

Não é que transmitam, é expliquem! Não é só transmitir. À partida, se educar é ensinar, se for por aí só...

57. Consideras-te então uma educadora de adultos, uma formadora de adultos? O teu trabalho enquanto profissional de RVC exige ou envolve isso?

Envolve! Quer dizer, comigo envolve! Mas isso porque eu gosto de fazer e acho que se posso, devo fazê-lo! Agora se são características associadas aos meus deveres de profissional de RVC? Não sei se são atributos. Facilitar...

58. Há pouco referias que foi um bocado casualmente que começaste a trabalhar nesta área. Mas achas que para desempenhares estas funções precisas um bocado de espírito de missão? Uma vocação educativa, digamos assim?

Não.

59. Ou podes ser mais uma mera aplicadora de procedimentos, como referiste há pouco?

Não quero ser uma mera aplicadora de procedimentos.

60. Uma mera profissional, uma profissional, uma aplicadora de...?

Isso de espírito de missão era se trabalhássemos de graça. Nós temos um salário, portanto não há missão nenhuma! Pode ser mais ou menos gratificante? Se a tua pergunta for por aí percebo. Agora o espírito de missão... Porquê? Porque não tiveram oportunidade e agora estão a voltar à escola.

61. O teu espírito?

Eu não vou...

62. Acreditas no que fazes?

Acredito.

63. Achas que é uma missão, uma vocação?

Não é uma missão, é um objetivo! Há dias em que acredito mais e dias em que acredito menos. Naqueles que se esforçaram e se empenham e que chegam lá e que gostaram e que realmente trabalharam, realmente acredito! Há dias em que te aparece um adulto que te copia tudo da internet, ou que te telefona ou não sei quê e não faz nada e eu penso... Ai é a desacreditação total.

64. Mas achas que são antagónicas? O espírito de missão... uma certa vocação para o ensino... para a educação... é antagónica do trabalho assalariado?

Então os professores têm espírito de missão?

65. Achas que os professores têm espírito de missão?

É isso que não estou a perceber. Se calhar estou a levar o espírito de missão para: “somos os salvadores; somos os voluntários e somos porreiros e altruístas que fazemos”... Mas, não somos, não somos!

66. Somos o quê?

Eu não sou!

67. Tu és o quê?

Eu sou uma trabalhadora da área que tenta fazer... Há dias... Quase todos os dias o seu melhor; que espera que eles cheguem a bom porto, principalmente. E que me causa grande satisfação alguns deles, como a P., por exemplo, que trabalhou imenso e se empenhou e a colher frutos, isso sim. Agora não acho... Autoajuda e não sei quê... Alguns realmente... autoestima ou o facto de serem... É capaz de ter acontecido e acredito que aconteça, mas... não me vejo como missionária.

68. Tens verificado muitas alterações nas tuas tarefas e nas tuas responsabilidades desde que começaste a trabalhar como profissional de RVC?

Eu acho que já fiz de tudo, um bocadinho. Agora felizmente também... O facto de trabalharmos numa escola pública também temos formadores com o tempo contado e, se calhar, com menos horas do que o que precisávamos e, muitas vezes, temos um bocado nós de fazermos nós de formadores. Mas algumas tarefas que estavam até antes destinadas a nós, a mim, já foram sendo mais partilhadas.

69. De que tarefas é que estamos a falar?

Por exemplo, relatórios dos adultos da própria área [*de competências-chave*] éramos nós que fazíamos. Relatório de créditos, passá-los. Não é? Agora, se calhar, já pomos mais vezes os formadores a falarem com os adultos. Eu ainda ponho pouco! Por uma questão de agilidade, se calhar não faço tanto como gostaria. Antes era quase... Não acontecia muito... Não era muito prático isso acontecer. Já fiz de Técnica de Diagnóstico, no início, também! Portanto, já fiz um bocadinho de tudo, menos ser Coordenadora.

70. E responsabilidades? Tens tido maiores responsabilidades, menores responsabilidades? As responsabilidades têm sido distribuídas? Crescentemente, menos...

Eu agora não é tentar desresponsabilizar-me mas antes sentia que tinha mais uma carga... Sentia-me mais sobrecarregada do que agora. Isto é, alguma coisa que corria mal... Nunca pensava que a responsabilidade poderia ser partilhada pela equipa ou por todos os formadores. Pensava logo que a responsabilidade seria minha. Agora felizmente mudei essa minha postura, essa minha forma de pensar, porque realmente não é!

71. Há uma maior responsabilização coletiva?

Acho que sim. Embora eu antes encarava como minha. Se calhar eu é que encarava mal no início.

72. Atualmente, como avalias o teu trabalho e o teu desempenho profissional? Achas que és uma boa profissional de RVC?

Acho.

73. Porque achas que és uma boa profissional de RVC?

Por quê? Porque acho que tenho conseguido levar a bom porto... Tenho visto bons portefólios! Uns bons, outros maus. Não tenho grandes taxas de desistência. Acho que as coisas funcionam. E porque tento trabalhar... Acho que basicamente é isso!

74. Qual é que é a função do profissional de RVC, para ti?

Eu não respondi já a isso?

75. Sim, mas é para ser mais concreto em termos de... Para seres boa profissional de RVC?

É apoiar o adulto desde que começa a sua autobiografia até chegar ao fim da sessão...

76. Achas que és uma boa profissional pelo apoio que dás aos adultos para atingir os objetivos que eles têm?

Acho! Acho que às vezes... Acho, não! Gostaria, às vezes, de ter mais tempo e quando marco uma sessão individual se calhar não estar só 10 minutos com eles. Mas, às vezes, não tenho tempo para estar mais!

77. Porque é que não tens?

Porque tenho outras coisas para fazer.

78. O quê, por exemplo?

Ver outros trabalhos, relatórios, preparações de júri, sessões. Eu sei que isto é por fluxos. As minhas horas de trabalho são muito preenchidas em termos de estar sempre a fazer alguma coisa e raramente tenho as coisas em dia. Posso ser eu uma má gestora do tempo, não sei.

79. Mas tens mais trabalho agora, ou no início? Não havia mais adultos, há mais tempo?

Mas, por exemplo, o nosso nível básico levou um salto muito grande. Enquanto antes eu podia ter dois grupos de nível básico e eles só tinham de fazer aquelas 'fichinhas'. Agora o acompanhamento é muito mais... É uma dedicação muito maior, os portefólios estão muito mais... Levaram uma evolução não sei de quanto? Mais de 50%! Muito mais! Isto só para o nível básico. Antes eu não fazia muitas sessões individuais! Era as coletivas, uma ou outra marcação mas nem dávamos grande primazia, tanto que nem inseríamos no SIGO sessões individuais.

80. Achas que tens melhorado o teu desempenho profissional? Tem-se mantido da mesma forma, ou tem declinado? Como avaliarias?

Declinar não declinou! Posso ter passado ou estar a passar por uma fase de estagnação. Mas mesmo quando começo os grupos novos tento sempre por alguma coisa de diferente que dê... Atividades que dê para se fazer em grupo. E que dê para eles... Uma vez, foi um grupo que inventei atividades de sequências lógicas, *sudokus*, pegamos no telemóvel e vemos as características do telemóvel, brincamos com números. Outro grupo, que eu e a **ent#2** iniciamos, foi a leitura do livro e da Junta de Freguesia [*deslocação à Junta de Freguesia*]. Se calhar devia fazer mais atividades eu própria com eles.

Isso realmente nunca fiz! Ir conhecer a cidade ou espaços culturais. Neste último grupo, de básico, estou a falar de nível básico: escolherem o filme preferido e uma música e refletirem no porquê dessa preferência. Quando começo um grupo tento sempre dar um cunho mais... Uma novidade qualquer que é para eu não esmorecer e para não ser sempre a mesma coisa.

81. Para que essas atividades?

Para quê?

82. Sim!

Além de ajudar a refletir, vão de encontro às áreas de competência. Os jogos das sequências é Matemática; e Tecnologias: pegar no computador; pegar no telemóvel e ver se eles sabem mandar mensagens, se não sabem. As outras têm a ver com Linguagem e Comunicação e Cidadania.

83. Sempre no sentido de uma maior consciencialização do adulto? Uma maior capacidade de reflexão?

Óbvio. Saber dizer qual é o porquê.

84. Porque é que se dá tanto valor a essa capacidade reflexiva?

[Pausa] Porque é importante sabermos argumentar porque é que gostamos das coisas ou não gostamos; porque escolhemos uma coisa; ou porque eu tenho essa opinião ou por que é que não tenho. Temos de refletir! Não devemos ficar indiferentes... Não podemos ter receio de argumentar ou de dizer porque é que achamos que é assim. Podemos não ter argumentos suficientes mas temos de parar, pensar e tentar expor.

85. Fazes uma distinção entre básico e secundário. Já referiste isto duas ou três vezes.

Faço.

86. Por que é fazes essa distinção?

Não sei. Realmente não fizeste nenhuma pergunta onde houvesse essa distinção. Eu acho que se calhar sou mais protetora em relação aos adultos de nível básico do que do secundário.

87. E por que?

Porque se calhar penso que têm fragilidades ou lacunas e, às vezes, não é isso que acontece, atenção! Se calhar, é por isso que estou a fazer essa separação. Se calhar, à partida penso que são menos autónomos. Deve ser isso!

88. Achas que se deve ter ou tens abordagens diferenciadas?

Acho que tenho.

89. Nas sessões coletivas, nas sessões individuais, de uma forma geral, na tua relação com eles?

A minha relação com eles é sempre ou quase sempre... 95% boa. Mas sou mais exigente com o secundário. Noto.

90. Mais exigente? Exiges que eles sejam mais autónomos?

Sim, sim. Espero... Embora também já me apareceram alguns que não tinham autonomia nenhuma e eu não me nego, obviamente. Mas parto de um ponto de partida que achava que isso devia acontecer, não sei porque. Mas faço essa distinção.

91. Falando agora mais das questões organizacionais, laborais, de trabalho. Tu falaste que, apesar de uma certa estagnação em termos de estímulos intelectuais e mesmo de trabalho, o teu desempenho profissional tem-se mantido ou até melhorado ao longo do tempo porque tem havido uma certa evolução em termos de procedimentos e de práticas e de formas de trabalhar. Referiste até que, no básico, houve um crescimento em termos de trabalho. Estás satisfeita com as tuas condições de trabalho? E com o contexto da organização em que desempenhas as tuas funções? Achas que há alguma relação entre o teu desempenho profissional e as condições que tu tens no trabalho?

Acho que é outra coisa que estagnou também e não há por onde... Não há muito mais por onde evoluir também, pelo menos, parece-me!

92. Em que sentido?

Não há evolução na carreira! Não sei...

93. Evolução na carreira! Parece que está estagnado. Em termos de remunerações? Em termos de horas de trabalho? Como é que tu avalias isto? Em termos da intensidade de trabalho?

Para o desgaste que nós... que eu tenho... Não falando do nós mas do eu... Para a quantidade de coisas que eu consigo fazer e, se calhar, pode-te parecer presunçoso: desde burocracias; parte administrativa; parte de formadores; parte de trabalhar em sessões; quantidade de coisas que temos de fazer e 'berbicachos' que, muitas vezes, temos de resolver, acho que somos mal pagos. Ganho quase tanto como a minha empregada doméstica! Sem algum tipo de preconceito associado e à partida isso não me parece muito bem.

94. Mas estás satisfeita com o sítio onde trabalhas? Em termos de condições...

Em termos de condições físicas...

95. Físicas, materiais... Organizacionais...

...estou muito satisfeita! Eu gosto da escola! Acho que nós... Não penso tanto como vocês que dizem que somos a 'escumalha' da escola, ou... não... Acho que temos o nosso sítio, se calhar... Naturalmente, se calhar, com menos importância ou com menos relevo do que a parte dos miúdos. É natural que isso aconteça, acho eu! Agora, nós pouco tratamos com a própria direção do Centro. Tratamos só com o nosso Coordenador! Se calhar muitas das coisas que não acontecem é porque também bloqueiam ali. Como é que hei de dizer? Eu gostava mais de poder lidar diretamente com o meu diretor do meu Centro do que com a diretora da minha escola. Não sei se me estou a fazer entender? Queres que seja mais específica?

96. Não! E a relação com os teus colegas de trabalho? Colegas de trabalho: profissionais de RVC, os outros profissionais, administrativos, formadores... É uma boa relação?

É uma boa relação! Para a quantidade de horas que passamos juntos são poucas as vezes em que discordamos. Já fui mais ativa e participativa nas reuniões. Agora devo estar a passar um fase de

estagnação ou também de... Tu também, às vezes, falas de mais, e os outros poderem falar...! [*Risos de um certo escárnio*] Posso dizer isto? Às vezes... Intervir não é fácil. Mas estou satisfeita. Com os meus formadores, com 70% deles. Apesar de alguns eu benzer-me várias vezes... Acho que, se eu fizer as contas, há para aí quatro ou cinco deles que valem muito. A nossa Técnica [*Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento*] acho-a pouco... Acho-a murcha! Mas isso tem a ver com a personalidade dela.

97. E esta indefinição?

Esta indefinição? É um bocadinho complicada, estamos os dois na mesma situação e pronto, já por si é complicada. Eu preferia neste momento, eu e toda a gente, que me dissessem a 31 [*de agosto*] acaba e eu faria o que tivesse que fazer, com tudo o melhor que pudesse... Esta indefinição causa-me alguma ansiedade! Porque também tenho outros projetos, tenho outras coisas... Se arranjar emprego não será nesta área quase de certeza. Se calhar a indefinição é para baixar. Não te posso dizer que estou numa fase muito pacífica da minha vida, por que causa-me... E mesmo a nível profissional - não sou santa nenhuma - mas comecei grupos e custa-me ver ou pensar que os meus adultos, aqueles com quem eu perdi tanto trabalho e que têm trabalhado imenso, eu poder não conseguir dar resposta que é, que seria a certificação. Preocupa-me!

98. Mas se te dissessem que iria acabar a 31 de Agosto, continuarias com o mesmo problema? Os adultos que começaste não conseguirias... Achas que irias manter, ou que vais manter... a trabalhar nesta área?

Acho que vou ter dificuldades!

99. Trabalhar na área da Educação de Adultos? Mas vais ter dificuldades porquê?

Porque se vão fechar muitos Centros [*Centros Novas Oportunidades*] ou não sabemos o que está para vir o número de ofertas de emprego vai diminuir também... E acredito que haja pessoas mais qualificadas do que eu, com qualificações específicas para ficarem à minha frente.

100. Quais é que são os principais fatores? O que tu achas desta questão? Destas dificuldades? O que tens a dizer desta reorientação política, desta...

Tenho pena que não deixem as coisas... Muda de governos, muda de políticas! Daqui a quatro anos vem outro governo, muda outra vez! Mas isso também acontece no ensino regular, não dão tempo para as coisas assentarem para se poderem moldar, melhorar e aperfeiçoar! Agora que eu acho o processo de RVC – falando especificamente disso e também os EFA [*Cursos de Educação e Formação de Adultos*] – precisa de uma lufada de ar fresco, precisa! Mas a lufada de ar fresco não passa por despedimento de profissionais! Lufada de ar fresco nos conteúdos programáticos, nas coisas a trabalhares, como defines as autobiografias. A indefinição política... Nós nem temos uma classe para nos defender. Não temos nada, andamos aqui a brincar, às vezes, aos profissionais que é uma coisa... que é uma profissão recente.

101. Achas que devia se uma profissão regulada? Ou mais regulada?

Acho. O que é que tu és? Um Técnico Superior porque na função pública tiveram-te que encaixar em algum sítio, não é.

102. Mas devia ser regulada em que sentido? Devia existir códigos deontológicos?

Devia.

103. ...para regular em termos éticos a nossa postura...

Também. Porque não. Todas as profissões têm.

104. Todas...

Não têm? Ou quase todas?

105. O que é que entendes por profissão?

Por profissão? O que é que eu entendo por profissão?

106. Sim. O que é uma profissão? Os canalizadores são uma profissão? Os canalizadores não têm um código deontológico. Se considerares...

Está bem. Aqui estamos a falar de profissões com uma grau de habilitação superior e que há um número já suficiente se calhar para haver alguma coisa a regular ou a tutelar ou a ajudar e a organizar. Não é? Não digo um sindicato.

107. Uma associação profissional?

Por exemplo.

108. O que é que achas destas movimentações das associações profissionais que têm surgido?

Eu não tenho acompanhado muito porque eu não tenho *Facebook* e não tenho muita paciência para isso! Não tenho acompanhado muito. Eu acho que a iniciativa por si é boa! Mas aquela que fomos da ANPEFA [*Associação Nacional dos Profissionais de Educação e Formação de Adultos*], começou logo mal! Fomos para uma criação de uma associação que já estava criada e que já havia cargos estipulados para... Portanto, as coisas começaram a ser mal logo de raiz. A serem mal feitas! Parecia aí quase uma imaturidade, ou uma falta de... Não sei... de agir ou de atuar! Ou anda tudo tolo!

109. Não acreditas então muito no associativismo profissional? Achas que era necessário mas não sabes se será necessário...

Eu acredito...

110. ...Com esta associação?

Esta não, desculpa! Eu também estou a falar um 'bocado de cor' porque não estou a acompanhar, como te disse, os passos, as conversas, ou os blogues. Portanto, devo fazer essa ressalva, porque não estou a acompanhar.

111. E a temporalidade disto?

A temporalidade?

112. Sim. Os processos de RVCC existem desde 2001 ou 2002. Só dez anos passados, mais ou menos, cria-se uma das primeiras associações...

Porque o grande *boom* foi para aí só há três anos.

113. Desde 2007. Três anos passados depois do grande *boom*! Não te apraz fazer algum comentário?

Mas eu aí... É tarde. Mas eu aí também tenho telhados de vidro. Nunca me mexi também para acontecer nada disso. Até é de louvar a iniciativa que tiveram não é? Porque também é muito confortável estar no sofá a mandar este tipo de bitaites. Eu nunca fiz nada para... Acho que deve acontecer mas nunca fiz nada para que possa... Para que isso pudesse acontecer! Portanto, estou a mandar o bitaite de sofá.

114. Dizes que deve ser uma profissão mais regulada. Uma ocupação profissional mais regulada?

Sim e com direitos e com deveres. E... e com efetividades e com progressões, acho.

115. Independentemente do contexto organizacional? De ser público e privado? Estás a falar mais para o teu contexto específico?

Estou a falar mais para o meu contexto mas até acho que deveria haver uma uniformização com o público e com o privado.

116. Achas que deveria haver uma espécie de credencial para desempenhar essas funções?

O que queres dizer com credencial?

117. Não sei... Como tu regularias isso?

Não sei também!

118. Achas que deve haver uma qualificação específica?

Também há o Sindicato dos Professores, mas também os professores no público e no privado podem receber ordenados diferentes. Estou só a referenciar ao ordenado. Portanto, também não pode ser por aí. Mas acho que deveria haver alguma coisa que pudesse... que nós nos pudéssemos reger com alguma confiança e haver progressão ou não. Acho que era importante!

119. Mas achas que deveriam ser restringidas o tipo de qualificações? Deveria ser necessário determinado tipo de formação específica? Pós-graduações específicas para trabalhar com os adultos?

Eu não diria pós-graduações específicas! Mas, por exemplo, eu venho de uma licenciatura de ensino que, pelo menos, um contacto com a escola e com as pessoas, pelo menos já me põe... Agora, eu não sei se um enfermeiro teria, à partida... ou uma pessoa que tira Engenharia de Materiais ou, se calhar teria, perfil para... ou habilitações suficientes para trabalhar na área, não é.

120. O que acharias de uma espécie de RVCC [Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências] para os próprios profissionais?

Acharia excelente!

121. Porquê?

Porque eu também já há uma hora atrás eu te disse uma coisa que na formação nos deveria ter feito era um teste às nossas capacidades de refletir e de escrever sobre nós próprios. Sobre o que nós sabemos ou não fazer! Nós escrevermos o nosso portefólio. Como te disse nunca o fiz.

122. Mas achas que o facto de seres bem-sucedida a fazer esse tipo de RVCC era o que te permitiria aceder à profissão?

Isso acho que não! Estás-me agora a dizer assim, teria que amadurecer a ideia. Como coisa reguladora de aceder à profissão, não sei. Sei que seria muito importante cada um de nós fazer uma coisa dessas.

123. O que é que tu consideras ser importante para o profissionalismo? Para o desempenho profissional dos profissionais de RVC? Dizes que devia haver uma maior padronização, uma espécie de código deontológico que regulasse mas o que tu achas que deveriam ser... Em nome de que é que se deveriam orientar essa padronização? Esse profissionalismo? Esses atributos?

Em nome de um trabalho mais honesto, mais credível, uma certa... Se há grandes discrepâncias de sítio para sítio e de profissional para profissional, depois também o produto é... É muito diferente! Também não sei se é muito justo que assim seja!

124. Que atributos consideras importantes para um bom profissional de RVC? Ou para um profissional de RVC? Atributos, competências? O que achas que é necessário? [silêncio] A partir da tu própria prática? [silêncio]

Atributos?

125. Sim. Competências? Para não haver tanta disparidade de práticas, digamos assim?

Portanto, [pausa] é uma pergunta um bocado complicado. Não estou a conseguir responder de uma forma espontânea. O primeiro atributo é um trabalho limpo e honesto.

126. Há pouco falaste do facto de seres capaz de te relacionar com os adultos, de os...

Há uma certa estimulação da nossa parte. Isso é quase um dever nosso. Tentar estimulá-los e cativá-los... Eu tento fazer isso.

127. Isso em termos relacionais...

Incentivá-los. Que vão ser capazes de conseguir...

128. Capacidade de motivação... E em termos teóricos? Achas que os profissionais de RVC deveriam saber alguma teoria específica? Em termos técnicos?

Se calhar deviam! Eu não sei nenhuma!

129. Não sabes nenhuma?

O quê? Teorias behavioristas, de comportamentos, ligadas à psicologia?

130. Estás só a pôr as coisas viradas à psicologia. Pode ser virada à sociologia, pode ser viradas à história, pode ser viradas às ciências sociais, à pedagogia! As teorias não são só psicológicas. A pedagogia não é posse da psicologia. Em termos técnicos? Achas que é preciso... O balanço de competências, as narrativas autobiográficas são metodologias, são técnicas que são aplicadas num conjunto de áreas disciplinares e científicas. Achas que são aspetos que deveriam ser desenvolvidos pelos... Um profissional de RVC deveria dominar essas coisas, ou não? O que tu achas disso?

Devia, devia! Eu não conheço muitas das teorias que estão associadas ao Balanço de Competências e às narrativas... mas devia, se calhar devia.

131. Achas que consegues ser uma boa profissional de RVC sem conheceres essas teorias? Podes não conhecer academicamente mas tacitamente conhecerás? Ou não?

Se calhar conheço porque senão não conseguia desenvolver o trabalho que desenvolvo.

132. Como desenvolves o teu trabalho?

Como desenvolvo? Como faço as minhas sessões? Como é que me guio?

133. Sim, por exemplo.

Primeiro explico-lhes o que é pretendido ou o que é um processo de Reconhecimento. Depois nós temos um guião orientador que nos ajuda a estruturar as nossas ideias de como se pode e deve construir. Neste caso porque vai de encontro a um referencial específico, uma narrativa autobiográfica.

134. Tentas fazer o reconhecimento das competências que eles têm?

Se tento fazer, tento! Tento desbravar, tento que toda a gente participe quando estamos a trabalhar o guião. Mas não é ali na primeira sessão que consigo ver as competências de cada um. Depois é aquela história de que tens falado, o discurso das competências e das competências.

135. E o que é esse guião?

O que é que é? É um documento criado. Criado por ti!

136. Para quê?

Para ajudar a estruturar as narrativas autobiográficas.

137. E de que forma é que faz isso?

De que forma? Entrego o guião a cada um dos adultos...

138. Não perguntei como aplicas o guião. De que forma esse guião ajuda a estruturar ou facilita a construção de um Portefólio Reflexivo de Aprendizagens?

Facilita porque está por eixos, não é. Está o eixo pessoal e profissional...

139. Mas isso ajuda a refletir especificamente sobre as suas próprias competências ou não?

Ajuda!

140. Ou ajuda-o simplesmente a desenvolver um trabalho?

Ajuda a refletir sobre aquelas competências que nós queremos que eles demonstrem. Podem outras vir ao de cima mas que não são... que estão lá mas se calhar não são tão... mas aquilo... são para competências específicas que o guião está feito.

141. As competências que é necessário demonstrar para ser certificado?

Sim, sim.

142. Voltando a fazer a pergunta. Que competências é que achas que são necessárias para se ser um profissional de RVC? Já falamos de competências relacionais e motivacionais, já falamos de competências teóricas – mais ou menos – balanços de competências, técnicas também. Que características é que achas que deve ter? Que competências?

Deve ter alguma bagagem cultural. Deve saber um bocadinho ou pelo menos tentar criar um bom ambiente de debate para se poder... Se um adulto é serralheiro, se a outra é auxiliar de saúde, ou outra senhora nem trabalhou, deve criar um ambiente... e perspetivar-se de uma forma ou posicionar-se de uma forma... Pode nem saber de tudo mas tentar perceber o porque.

143. Há pouco falamos disto mas ficou ainda um bocado indefinido. Quais são as principais dificuldades, os principais constrangimentos que tu tens na tua prática profissional? Tanto no contexto diário, como no contexto político e tudo mais... Destas indefinições? Quais é que são essas principais dificuldades ou constrangimentos que tu tens?

Agora neste momento, trabalhar um bocado a prazo é complicado. E, às vezes, saber gerir essa razão e emoção não é fácil. Às vezes, é o que eu te digo, gostava de ter mais tempo para perder. Por um lado é importante termos metas e objetivos. Se as metas não fossem para cortar, é importante, porque senão um portefólio pode ser feito eternamente. Haveria sempre alguma coisa que eu lhe pudesse pedir para eles falarem. Então, nunca mais se sairia do sítio! Ou era possível estarmos sempre a marcar sessões e haver sempre qualquer coisa. Eu, às vezes, até digo que o processo de RVCC é um processo de Telejornal, desde que sejam pessoas mais ou menos informadas conseguem fazê-lo. Constrangimentos? Há uma parte burocrática associada muito grande. Que se calhar, a maior parte de nós não gosta mas tem de ser feita. [*incompreensível*] Função pública.

Sinto um bocado falta de tempo dos formadores. Não é que eu não goste até de falar um bocadinho de CLC, ou de STC ou de CP, ou das outras que até gosto. Sempre saio um bocado do ramerrame! Mas depois é a função de mediadora. Mediar formadores-formandos... Às vezes, até é cansativo ter de mediar e ter de gerir. Porque nós fazemos tudo! Só não marcamos júris. De resto, conseguíamos perfeitamente levar o Centro para a frente.

144. Achas que esses constrangimentos que tu referiste são intrínsecos ou relacionados com o teu local de trabalho ou são constrangimentos genéricos, comuns a todos os profissionais de RVC?

Não, não devem ser a todos! Este também é específico da nossa organização, acredito que seja. E também a forma como nós educamos e como o Coordenador 'educa' as funções de cada um, também.

145. Consideras que estas indefinições estão-te a afetar não só em termos profissionais, mas estão a afetar-te em termos pessoais e sociais? Vês modificações? Estás-te a coibir de ter determinadas práticas por causa dessas indefinições profissionais ou da forma como o teu trabalho está organizado?

Sim. Primeiro temos um horário em que trabalho. Não tenho filhos mas trabalho... Caramba! O dia começa de manhã, mas o nosso horário tem de ser sempre das 3 às 10 ou das 3 às 11h. Por aí. Às vezes gosto até deste horário! Outras vezes fico extremamente cansada porque é quando toda a gente até pode sociabilizar. Às vezes gostaria de ir jantar a casa da minha mãe e não posso porque estou a trabalhar... Em termos sociais pode coibir ou castrar um bocado a vida das pessoas. Em termos pessoais e de organização, tenho um bocado de receio, estou apreensiva. Tenho muitos projetos que eu quero

concretizar e se calhar não achasse que tenho um *background* familiar para me poder ajudar nesses projetos se calhar tinha que adiá-los. Estabilidade não é nenhuma!

146. Não é uma profissão que traga muita estabilidade?

Mas também nos dias de hoje parece que não há muitas.

147. É um bocado geral?

Parece que é?

148. Diz-me uma coisa? Há pouco referiste que ainda te dava algum prazer e que a relação com os adultos e as aprendizagens que tu efetuavas com os adultos eram interessantes. Também já falaste de aspetos menos positivos, até mesmo negativos, que tem a ver com a configuração do trabalho, com estas indefinições em relação ao futuro dos processos de RVCC e da Iniciativa Novas Oportunidades – ainda não há muitas informações. Consideras gratificantes trabalhar como profissional de RVC?

O balanço é positivo!

149. Já te sentiste mais recompensada ou gratificada? Tem diminuído ou aumentado?

Pode ter estagnado. Acho que o deslumbre grande foi no primeiro ano, nos primeiros tempos.

150. Porquê? A novidade associada?

Se calhar a crença também. Acreditava mais no projeto do que agora.

151. Estás mais descrente?

Estou.

152. Porquê?

Por todas as indefinições associadas. Como te disse, como tu disseste! E também ali, por mais... É assim: quando eu estou em sessão ou quando estamos em sessão a trabalhar todos, não sinto quase nada do que eu estou a dizer, porque até vibro, até falo, até ouço! Aliás, há muita partilha e muita comunicação. Mas, depois as coisas vão assentando e depois há uma parte em que é como te digo: intelectualmente estimulante não é. Gosto de ler as biografias, gosto de ajudar, gosto de dar ideias, a construir, a desenvolver. Mas muitas vezes eu já te disse que eu até parece que eu desaprendo. Desaprendi quase a escrever o português.

153. Por te confrontares com os erros?

Sim.

154. Achas que ainda é uma profissão atrativa. Farias carreira? Imagina que tudo estaria bem e ser-te-iam dadas hipóteses de continuar. Achas que faria carreira enquanto profissional de RVC?

Não sei.

155. Encaixarias esse pouco estímulo intelectual? Esse pouco estímulo intelectual não tem a ver com as condições políticas atuais?

Mas também pode ajudar! Podes, no momento, ficar um bocado amorfo e nem queres dar coisas novas ou mudar práticas, não é? Pode ajudar um bocadinho a esse tédio. Agora, carreira não sei!

156. Como achas que vai ser o teu futuro profissional?

Não faço ideia!

157. Não tens nenhuma definição? Achas que vais continuar a trabalhar como profissional de RVC? Achas que não! Não vais trabalhar como profissional de RVC?

Não sei.

158. É uma incógnita?

É muito incógnita. Neste momento não te consigo dizer outra coisa.

159. O que é que tu achas?

Eu acho que não, que não vai...

160. Vai chegar a 31 de agosto ...

Não vai ser a 31 de agosto, mas vai ser a outubro, novembro...

161. Achas que vai acabar o processo de RVCC genericamente ou vai diminuir muito?

Vai diminuir muito!

162. E tu vais ser uma das... Tu e o sítio onde trabalhas?

Não estou a dizer isto como uma 'virgem ofendida' ou a pensar: "Hei! Nós é que..." Se calhar vai ser a ordem natural das coisas. Se calhar o decréscimo vai ser tal que, se calhar, não vamos ser nós a ficar. Percebes?

163. Achas que vai continuar a existir processos de RVCC?

Muito poucos. Acho eu.

164. Durante este ciclo político?

O futuro não sei... mas acho que vão reduzir bastante.

165. Por motivos da crise ou por motivos ideológicos?

Crise associada à ideologia.

166. O que achas que vai acontecer à educação de adultos.

Vai para o recorrente e vai haver um nicho de mercado... Não sei se no privado a fazer Processos [de RVCC] e depois encaminhar tudo para formação. Vai passar muito pouco pelo Reconhecimento e muito pela formação.

167. É o que têm dito?

É.

168. Vais-te 'divorciar' da Educação de Adultos?

Não sei. Já estive mais longe.

169. Já tiveste um ‘casamento’ mais seguro?

Já.

170. Estás para te divorciar?

É aquela indefinição, Miguel, que eu te tenho dito que me causa alguma ansiedade. Quem me dera já saber o que é que...

171. Últimas palavras. Queres dizer alguma coisa? Queres referir alguma questão que tenha ficado menos aprofundada?

Não, não quero! Eu também não estava preparada psicologicamente portanto isto foi saindo. Agora se acabarem com o Reconhecimento de Competências eu acho que é uma verdadeira estupidez! Eu acredito mesmo que isso não devia acontecer. Se calhar não nos moldes como nós estamos a fazer; não com atividadeszinhas para se ensinar o Pi e a área de um círculo a pessoas que nem sabem fazer uma multiplicação. Isso não faz sentido e não é em duas sessões... Acredito que precisava mesmo de uma lufada de ar fresco, de uma mudança. Mas acho que era a forma, é uma forma justa. Portanto, se acabarem totalmente, não tem a ver com justiça social, mas é injusto para muitas pessoas que conseguiriam.

172. Não tem a ver com a justiça social, mas é injusto?!

O que é justiça social? É a justiça de um povo. Sei lá. Não vou por aí. Porque isso é muito mais político. Estou-me a baralhar! Não sei se me estou a fazer entender?

173. Sim. Mais ou menos. Qual é a importância social do reconhecimento de competências? Porque é que é importante?

Se eu passar por qualquer e reconhecem que eu sei fazer isto, ou que tenho habilitações para, pelo percurso que fiz, pela reflexão que fiz, pelas aprendizagens que tive. Todo o reconhecimento é bom, então não é! Eu se for dar uma aula e for assistida e se alguém vier ter comigo e reconhecer o que eu fiz bem, ou que tive capacidade para o fazer... É muito importante reconhecerem!

174. Aqui, além do reconhecimento, certificam?

Pronto, tudo bem. Não me choca nada, nadíssima.

175. Acho que terminamos a entrevista, não sei... Acho que fica tudo...

Eu se calhar não fui muito elucidativa mas foi o que me foi saindo. Não sei o que estavas à espera?

Obrigado! Fim!

Transcrição da Entrevista 2

| | | | |
|-------------------------|--|--------------------|-------------------|
| Entrevista | 2 | Data da entrevista | 14/06/2012 |
| Código do entrevistado | E2 | | |
| Instituição empregadora | Centro Novas Oportunidades em Escola Pública | | |
| Tipo de contrato | A Termo Certo | Fim do contrato | 31/12/2013 |
| Idade | 30 anos | Estado Civil | Solteira |
| Nível de escolaridade | Licenciatura em Psicologia (ramo de especialização de Psicologia do Trabalho, das Organizações e dos Recursos Humanos); Mestrado na mesma área. | | |
| Experiência de trabalho | 5 anos como Profissional de RVC, Experiência anterior como formadora. | | |

1. Como e porque é que te tornaste profissional de RVC? Há quanto tempo desempenhas essas funções?

Eu tive conhecimento do processo de RVCC na faculdade quando estava a fazer uma cadeira de orientação escolar e profissional. Nesse contexto tivemos a possibilidade de conhecer um Centro e, na altura, ainda se chamava centro de RVCC. Sou franca, logo na altura achei interessante a metodologia. Entretanto, quando terminei a licenciatura, comecei a mandar currículos. Coincidiu com o momento em que os Centros Novas Oportunidades estavam a ser criados e surgiu a oportunidade de vir trabalhar para um Centro Novas Oportunidades.

2. Acabas a licenciatura em que ano?

2006.

3. Começas a trabalhar...

2007.

4. Foi a tua primeira ocupação profissional?

Não. Estive como formadora num curso EFA e num curso profissional também. Não estive muito tempo! Terminei a minha licenciatura em Julho e comecei a trabalhar só em Abril do ano seguinte, portanto. Tive uns meses a mandar currículos!

5. Depois deste formação?

Depois dei formação. Depois vim para o Centro Novas Oportunidades. No primeiro ano estive cerca de 7 meses em que estava a recibos verdes e trabalhava só 10 horas em local de trabalho. Em paralelo também estava a dar formação. Só em 2008 fiquei com horário completo no Centro Novas Oportunidades.

6. A partir de outubro?

Sim.

7. Além da formação profissional, já participaste em mais alguma atividade de Educação e Formação de Adultos? Mesmo que tenha sido durante o teu curso?

Não.

8. O teu curso é especificamente? Em Psicologia depois têm de...

Há várias pré-especializações! No 4º ano, a única diferença que há... Há cinco pré-especializações diferentes! No 4º ano há duas cadeiras em que a componente prática difere. De resto é tudo igual. Depois os estágios, no 5º ano, e os seminários.

9. Achas a tua licenciatura te preparou convenientemente para o exercício das tuas funções?

No que diz respeito ao relacionamento com o adulto, sim. Mas acho que muito daquilo que eu fui aprendendo foi muito em contexto de trabalho e também em formações mais específicas. Tirando essa cadeira e uma outra que tinha tido de psicologia escolar em que se falou um bocadinho da evolução da Educação de Adultos em Portugal, não tinha tido grande contacto com esta área, sou franca!

10. Achas que outras licenciaturas que conheças agora teriam sido mais adequadas para trabalhares nesta área?

Não necessariamente! Mas se calhar em contexto da licenciatura que fiz poderia ter feito... Se tivesse ido para a área escolar, que não foi para a área que eu fui, podia ter feito, eventualmente, um estágio neste âmbito, mas isso é uma das críticas que eu faço à nossa profissão, e já falamos sobre isto, havia de existir... ou dentro de determinadas licenciaturas, um ano em que houvesse mesmo uma especialização nessa área. Ou então um curso à parte. Não sei. Alguma coisa que nos desse um certificado e que nos habilitasse para e que fosse mesmo muito focado nisto.

11. Uma formação profissional específica? Uma pós-graduação específica?

Sim, por exemplo.

12. Quando começaste a trabalhar também fizeste formação?

Logo, não! Quando vim trabalhar sentia-me um bocado perdida. Não conhecia os referenciais. Fui começando a trabalhar a “pôr as mãos na massa” e fui aprendendo. [*em surdina*] Posso dizer isto? É uma crítica que eu faço aqui. Cheguei aqui e tive uma reunião numa sexta-feira para começar a receber um grupo na semana seguinte.

13. Como te ‘safaste’?

A metodologia na altura era pelos ‘instrumentozinhos’. Tentei ler os instrumentos tentei pensar também com alguma da experiência que tinha em formação, como é... O meu objetivo foi tentar criar o espírito de grupo e acho que os adultos foram aprendendo como eu fui aprendendo também. Chamei muitas vezes os formadores porque não estava ainda muito... Mas correu muito bem esse primeiro grupo, por acaso. Apesar de eu ser ‘verde’... Foi assim que fui vendo e fui pensando como se poderia melhorar. E correu muito bem.

14. Só fizeste formação mais tarde, dizias?

Sim. Foi depois quando houve aquelas candidaturas – em que tu também entraste. Nessa altura, estava só a ‘dar’ 10 horas. Começou a haver formação para as equipas. Foi uma coisa que eu também não gostei muito aqui, porque houve uma formação na Universidade do Minho, que era a ANQ que estava a organizar e a mim nem sequer me foi dada a possibilidade de ir. Eramos muitos profissionais aqui e foram escolhidos alguns que foram e tiveram essas possibilidade de ir e eu não tive. E depois foi um critério de seleção... Eu tive essa possibilidade de fazer essa formação já depois quando estive na Escola X e fiz essa formação. Essa formação por acaso foi interessante porque apanhou as diferentes fases do processo, pude contactar com pessoas que desempenham diferentes funções e, por acaso, acho que foi uma mais-valia essa formação.

15. Concorres para a Escola X. Concorres depois para a Escola Z. Porque escolheste a Escola Z?

Eu já tinha estado aqui. Tinha grupos e adultos que não tinham terminado o processo e com quem... E pronto, gostava de trabalhar aqui! Foi sobretudo por aí! A Escola X também ainda era nova. Do pouco que fui falando com as pessoas que iam fazer parte do Centro as metodologias eram um bocado diferentes das nossas e não me atraíam tanto, mas sobretudo era mesmo a questão dos adultos que eu tinha ainda em processo. Também gostava da equipa de formadores com quem estava a trabalhar.

16. Retrospectivamente, que formação considerarias importante para uma pessoa que inicia funções, como tu iniciaste?

Acho que é importante ter noção de todas as fases do processo, desde o acolhimento, diagnóstico e encaminhamento; o que é que é feito especificamente em cada um desses momentos; entrar em contacto com os instrumentos e, sobretudo, eu acho que também é importante, e foi um exercício que até fiz numa formação, nós experimentarmos um bocadinho aquilo que depois vamos fazer com os adultos, ou seja, aqueles instrumentos fazermos como se fossemos nós a fazer porque conseguimos assim pormo-nos no lado deles e, mais facilmente, depois conseguimos explicar-lhes e dar-lhes ideias, as estratégias de como eles poderão eventualmente fazer o seu processo.

17. Quanto tempo demoraste ou tiveste que ter experiência para te sentires mais ou menos preparada, segura – digamos assim – segura das tuas funções? Isto é sempre um exercício retrospectivo.

Eu sei. Depois também tem a ver com características pessoas porque eu sou uma pessoa insegura por natureza. Mas com o tal grupo que eu comecei e que estive com eles um ano, mais ou menos, não tanto – o primeiro que certifiquei acho que foi em maio. Nunca me senti insegura com eles. Expliquei-lhes logo que estava a começar aquilo e criou-se um ambiente de grande coesão e de entreajuda entre todos. As sessões também eram de 3 horas nessa altura, eram em salas de computadores. Eles trabalhavam lá. Eu ia fazendo o acompanhamento muito individualizado. Houve muita partilha entre todos. Não me senti insegura! Olhando retrospectivamente sim, percebo que hoje tenho outra capacidade que não tinha naquela altura. Mas também naquela altura não tinha essa consciência de onde poderia chegar. Olhando para trás tenho essa clara noção.

18. O que foste estudando? O que foste pesquisando durante essa preparação?

Li os guiões orientadores de operacionalização dos referenciais e tentei pensar nos referenciais, tentei pegar... Algumas das matérias e dos conceitos que tem nos referenciais com os quais não lido diariamente, procurei fazer algumas pesquisas e tentar... Depois também mediante aquilo que ia conhecendo dos adultos e isso também foi interessante para cada um, tentar ver como é que eles poderiam explorar as diferentes competências de formas diferentes tendo sempre aquele tema. Isso também me ajudou a aprender, também fui aprendendo muito assim.

19. Estás a trabalhar há cerca de cinco anos nesta área. Sei que recentemente fizeste um mestrado. Porque escolheste esse mestrado?

Tinha a possibilidade de fazer num só ano o mestrado. Teria de ser na minha área de pré-especialização que foi Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos. Se fosse noutra área qualquer teria de fazer um ano de estágio e só depois fazer a Tese. Na altura também, eu já quando tinha tido, já pensando mais específico no tema – a questão do trabalho em turnos - eu já tinha conhecimento ao longo da licenciatura e achei interessante e depois ao trabalhar nas itinerâncias com esses grupos, e ao ver de perto as problemáticas com que eles lidam, achei interessante e aliei uma coisa à outra. Foi um bocado por aí.

20. Foi-te útil a investigação que desenvolveste e o estudo que fizeste para o teu trabalho?

Algumas das coisa que eu investiguei têm a ver com... Com alguns adultos já lhe pude dar até algumas sugestões de como poderiam trabalhar a nível da saúde. Foi-me útil, sobretudo, mais a questão de me

obrigar a ganhar aquele hábito de fazer pesquisa, de fazer investigação, de ir buscar mais informação. Foi mais nesse sentido acho eu!

21. Neste caso específico foi mais útil inversamente. Foi-te mais útil, para a tua investigação teres trabalhado com as itinerâncias?

Sim, se calhar é.

22. Ao longo deste tempo quais foram as principais aprendizagens que tu foste desenvolvendo? Como foste desenvolvendo essas aprendizagens? Além do estudo que tu fazes através de modalidades formais há outras que tu informalmente vais adquirindo: outra maturidade, outra perspetiva sobre as coisas. Que aprendizagens foste fazendo ao longo deste tempo de trabalho?

No nosso trabalho é muito importante a relação que nós criamos e o saber lidar com pessoas, isso é o fundamental e estarmos preparados para nos adaptar às idiossincrasias de cada um. Quando vou para um grupo já não me sinto com receio, sinto-me capaz de lidar seja com pessoas mais refilonas, mais brutas, mais... Mas isso também, acho que – contigo, por exemplo, acho que aprendo muito contigo, por exemplo, por aquilo que vais dizendo, pelas tuas ideias, por aquilo que vais partilhando connosco e também me põe a mim a pensar, me faz refletir, me faz questionar algumas práticas - contigo e com o resto dos colegas. Acho que estou mais madura. Aprendizagens é uma pergunta muito abrangente!

23. Estás a focar fundamentalmente numa dimensão relacional, numa dimensão até mesmo motivacional mas em termos de abordagens com os adultos modificaste alguma coisa? Sentes que foste modificando a capacidade de resolver problemas ou a capacidade de lidar com a diversidade. Em termos de postura, modificaste?

Como te disse, quando comecei vim um bocado às escuras. Também as metodologias aqui têm mudado. Hoje não tenho qualquer dificuldade em passar melhor a ideia do que é o processo de RVCC para os próprios adultos. Também acho que as mudanças que houve nas metodologias que nós adotamos também foram importantes nesse sentido. É um trabalho que me dá gozo fazer. Aprendi... Desempenho minimamente bem aquilo que faço e sinto uma evolução dentro das minhas funções. Não sei se estou a ir ao encontro daquilo que tu queres?

24. Como apresentas o teu trabalho para outras pessoas que não façam parte e que não dominem a linguagem específica do teu trabalho? O que é que tu dizes que fazes? Aos teus amigos, à tua família, etc.

É complicado! Por um lado há questão dos mitos todos que se vão criando lá fora e as pessoas ficam sempre um bocadinho de pé atrás, olham com estranheza. Mas eu explico, explico que... e até pergunto à pessoa, por exemplo, se não sente que ao longo da vida se vai aprendendo e todos os dias se nós estivermos com os canais abertos somos capazes de aprender. O que eu explico é que aqui é feito um reconhecimento dessas aprendizagens que não são feitas em contexto necessariamente formativo, formal. Falo dos diferentes contextos e depois dou exemplos específicos e digo que realmente o nosso trabalho é muito complicado porque não é como um professor. Isso é uma das grandes dificuldades que eu sinto e acho que os formadores têm a vida mais facilitada nesse sentido é que se nós tivéssemos uma matéria para dar... Hoje vou dar isto, isto e isto. Nós aqui temos de ajudar as pessoas a refletir, temos de pôr as pessoas a refletir. Isso é uma coisa que é muito difícil. Nós próprios sentimos dificuldade em refletir. Saber refletir não é... Agora estou a mudar um bocado de assunto. Mas esse é um dos grandes

desafios que a nossa profissão tem. É realmente levar o adulto a... Ele pode ter efetivamente as competências mas nem está consciente que as tem e ser capaz de refletir acerca delas. Por isso eu explico que o nosso trabalho é complicado.

25. Estás a ver a coisa numa dimensão mais reflexiva, ajudar, apoiar, orientar o adulto, acompanhar o adulto para refletir. Qual é que achas que é o papel do profissional de RVC? É esse? O ‘verdadeiro’ papel do profissional de RVC? É esse?

Não é só esse!

26. Como é que se estrutura o teu trabalho?

Como se estrutura como assim?

27. Como é que está definido, como está organizado? Como é que tu vais fazendo, como é que tu vais trabalhando? [Risos] Eu sei como tu fazes. Mas eu quero ouvir a tua opinião sobre o assunto.

Eu acho que o papel do profissional de RVCC é fundamental porque não tem só esse papel. Tem o papel de mediador, tem o papel de... Por outro lado, tem que estar por dentro de todos os referenciais, tem de saber, tem de saber como é que... Até acho que, pelo menos daquilo que eu sei, acho que nós, vamos fazendo mais; vamos sabendo mais do que os próprios formadores. Nós é que temos de ter o papel. Enquanto o formador de uma área vai e pega só na área dele, daquela forma, nós temos de ser capazes de ajudar o adulto a interligar tudo e temos de estar por dentro de tudo o que acontece desde o início até ao fim. Desde o momento em que é encaminhado e temos de saber mais ou menos o perfil até ao momento em que sai e vai a júri.

28. Como é que é a relação com os formadores, com as outras ocupações profissionais dentro do Centro?

A minha relação?

29. Sim a tua relação! A tua relação enquanto profissional de RVC. É um bocado difícil dissociar.

Difícil é pensar num formador em abstrato. Tenho sempre por referência aqueles com quem trabalho. Primeiro sou mais novinha e desde que cheguei aqui à escola trabalhei com formadores bastante mais velhos. Não sei se foi por isso também que eu criei aquela ideia... Uma espécie de relação hierárquica que efetivamente não existe. Em termos de trabalho em si... Tudo bem, são eles que validam as competências, mas a nossa voz também é muito importante nesse sentido. Agora, há coisas que podiam ser melhoradas.

30. Por exemplo?

Haver mais articulação entre toda a equipa nomeadamente com a Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, por exemplo. Pelo menos aqui, faz um trabalho um bocado isolado do resto dos elementos e, se calhar, poderia, se houvesse maior articulação isso poderia trazer alguma qualidade ao trabalho que é feito.

31. Em que sentido?

No sentido dos próprios... Por um lado, em termos de passar ao adulto a informação – eu aqui já estou a entrar em questões que se calhar fosse outra pessoa – percebes o que eu estou a dizer.

32. Sim. Mas és tu que estás ser entrevistada.

Ao nível de dar a informação, se calhar até se conhecessem a equipa, não sei... Acho que uma pessoa só ter a função de definir qual o caminho a seguir pelo adulto, se calhar não está certo. Se calhar deveria se envolver mais pessoas nessa função, haver uma visão mais multidisciplinar.

33. Neste caso, aqui, o papel da TDE é emparado pelo papel do Coordenador. Sugeririas que ainda fosse mais abrangente? Com outras pessoas?

Sim.

34. Estás-te a referir aos profissionais de RVC?

Sim.

35. Aos formadores também, eventualmente?

Sim. Eventualmente. Para ver questões mais específicas em torno de determinadas áreas em concreto. Tanto que nós inicialmente chegamos a ter de fazer nós o papel de TDE. Chegamos a ter de fazer nós – ainda não estavas cá – tivemos de chegar... Houve uma altura em que houve um grupo de adultos e nós é que tivemos de fazer através de uma série... Eles tiveram quatro sessões connosco e ainda não era certo se iriam continuar no processo. Essas sessões era para ver se efetivamente teriam ou não perfil para...

36. Consideras-te uma educadora? Uma educadora de adultos?

O que é que é educar?

37. O que é que é educar para ti? Em que medida é que a tua ação é educativa?

Eu acho que na educação não depende só do educador, depende também do educando. Por mais que façamos, se a pessoa não estiver receptiva a... Por mais que façamos não vamos ter um papel transformativo nessa pessoa.

38. Educação igual a transformação?

Eu acho que a educação deveria possibilitar alguma transformação, sim. Alguma mudança.

39. Nesse sentido a tua ação é educativa?

Eu procuro que seja. Acho que posso dizer que com 99% dos casos tive um papel educativo com os adultos, sim.

40. Em que aspetos?

Em que aspetos... [*suspiro*]..: Tu hoje... [*Pausa*] Não sei, desde logo o facto de os alertar para coisas que eles não estavam conscientes. Nomeadamente, ajudá-los a identificarem algumas limitações que tenham e como as ultrapassar e, por outro lado, também as ajudar a identificar pontos forte que têm e as mais-valias que isso lhes pode trazer. E não sei... Tentar encarar... Ser mais ativos na busca de conhecimento, depois há casos mais particulares. Em termos mais... competências mais específicas. Ó Miguel, tu sabes? Tipo ajudar a lidar com as novas tecnologias, como fazer uma pesquisa, tudo isso eu acho que...

A questão de como estar em sociedade; o próprio trabalho deles em grupo, como estão em grupo... Acho que tudo isso tem a ver com educação.

41. Como tem sido a tua relação com os adultos, nesse sentido? Ao fazeres isso, como estruturas... Como tem sido a tua relação com os adultos?

A relação...

42. Aproximas-te, distancias-te?

Sim. Isso é uma coisa que eu tenho tentado trabalhar em mim. Acho que estou um bocadinho diferente para melhor, na minha perspetiva. Acho que, inicialmente, era muito maternalista com os adultos e isso depois fazia com que eles não fossem tão autónomos. Às vezes, até confundia um bocado as coisas em termos relacionais e aproximava-me demais e isso faz com que, em determinadas situações, não esteja a ser... pronto... facilite mais as coisas... Não está certo! Mas de uma forma geral tenho uma relação boa com os adultos!

43. Amistosa?

Amistosa. Sim, claro que há sempre exceções.

44. Claro. Óbvio! Consideras que para se ser profissional de RVC tem uma dimensão de vocação ou de missão ou é uma profissão simplesmente?

Acho que é como em todas as profissões. Acho que é importante gostar-se daquilo que se faz. Se estás contrariado a fazer seja onde for, à partida não te vais envolver tanto, nem vais dar tanto quando poderias dar. Isso em termos de vocação... Eu sou de artes e há sempre aquela velha questão do desenho, do saber desenhar, de ser uma coisa inata, ter vocação... Eu sou um bocado... Acredito que haja pessoas que têm já uma propensão para... Têm determinadas características que já estão mais desenvolvidas mas acredito que se as pessoas gostam de alguma coisa e querem fazer essa coisa e se dedicarem a essa coisa, a vocação também vai desabrochando.

45. É uma questão de empenho? Trabalho? Construção da vocação? De adaptação?

Também, sim, eu acho que sim! Não acho que seja uma coisa que ou tens ou não tens. É uma coisa que vais trabalhando!

46. Qual é que achas que é a relevância social da tua profissão? Achas que é uma profissão importante? Achas que o processo de RVCC é importante? Em que sentido?

Acho que é importante em muitos sentidos! Em termos sociais e face à realidade com a qual nós trabalhamos, desde logo o facto de recebermos e termos acesso a populações que de outra forma nunca mais seriam colocadas em nenhum processo educativo. Desde logo isso acho que é importante e depois todo o trabalho que é feito em grupo e mesmo individualmente, as reflexões que nós ajudamos os adultos a fazer, acho que possibilitam alterações em termos de cidadania, em termos de relacionamento com os familiares, em termos de contexto de trabalho e acho que sim, acho que isso, em termos sociais, é fundamental. O teres cidadãos que buscam o conhecimento, que reconhecem as suas fragilidades, as suas potencialidades, que se esforçam por fazer algo melhor. Não sei se estou a ter uma visão muito idílica da coisa. Daquilo que eu vou vendo com os adultos com quem trabalho, vejo claramente... Assisti a situações em que há alterações a nível do relacionamento familiar, nomeadamente com os filhos; há uma

aproximação e com os restantes elementos da família. A nível profissional também noto alterações e a nível mais macro, sim, socialmente também.

47. E em termos de estatuto social? Achas que os profissionais de RVCC têm algum estatuto social reconhecido? Comparativamente e qualitativamente em relação às outras profissões educativas.

Primeiro é uma profissão que é muito recente. Se calhar precisava de ter um enquadramento legal, ter outra força que não tem. O profissional de RVCC, nem sequer... Nós somos técnicos superiores e dentro da categoria Técnicos Superiores mete-se uma série de coisa, nomeadamente o Profissional de RVCC. Devia ser uma coisa que devia ser alterado e até devia ser explicado porque não há muito conhecimento por parte da sociedade do que é nós fazemos. Pegando no que disse há bocado, nas questões dos mitos associados a isto, nós, eu pelo menos... Sei que quando digo que sou profissional de RVC. Primeiro digo que sou profissional de RVC e... “Ah o que é isso?” E depois quando digo que trabalho num CNO, levo sempre ou muitas vezes com aquela cara feia, tipo... derivado à má informação que se vai veiculando.

48. Como é que os adultos percecionam o teu papel? O que tu achas?

Acho que depende! Acho que inicialmente – já falamos sobre isso – a questão do tratamento, mas eu acho que eles no fim, de uma forma geral, até acaba por ser a nós que atribuem mais responsabilidade e muitos até acham que nós é somos que somos os coordenadores. Nos é que temos de gerir tudo. Gerimos os formadores, gerimos o trabalho deles, portanto, ficam com uma perceção bastante positiva do nosso trabalho.

49. Consideras gratificante ser profissional de RVC?

Eu gosto! Considero gratificante, sim! Ainda não sinto que tenha chegado a um ponto de estagnação.

50. É atrativo em termos laborais? Já foi mais do que é agora? Está a ser menos? Aconselharias alguém? Aconselharias a alguém? Imagina um jovem que está numa licenciatura de psicologia. Aconselharias a ser profissional de RVC?

Neste momento, é complicado face à conjuntura económica que estamos a viver.

51. Tentando abstrair desta conjuntura?

Sim! Eu quando comecei acho - estavas a falar em termos de achar atrativo ou não - quando comecei gostava muito do que fazia e era a descoberta. Hoje reconheço que já não há muito para descobrir. Mas, por outro lado, o ter havido alterações que me obrigam a readaptar-me, a querer inovar... Ainda acho que há coisas que podem ser melhoradas. Por isso é que eu te digo que ainda não esteja estagnada. E o facto de lidar com uma heterogeneidade muito grande de pessoas também faz com que... Quer se queira, quer não, se tivermos recetivos podemos sempre aprender e olhar para... e descobrir coisas novas, nomeadamente em termos de profissões e de experiências de vida.

52. Tens verificado muitas alterações nas tuas tarefas ao longo do tempo nas tuas tarefas e responsabilidade?

[Pausa]

53. Ou tem-se mantido? Tu disseste que já não há muito mais a descobrir, já estás relativamente consciente do que tens de fazer? Tem havido alterações ou tem-se mantido sempre igual?

Tem havido alterações nos procedimentos.

54. E nas tuas responsabilidades? Tens maiores responsabilidades, menores? Remetendo-te ao início.

Tenho mais grupos, por exemplo. Logo aí condiciona a questão do tempo. Houve procedimentos que foram melhorados mas que isso acarreta mais trabalho para nós. Ainda não há assim uma divisão, ainda fazemos trabalho administrativo que se calhar não deveríamos ter de fazer. E ter de andar sempre tipo bombeiro a ver se a Técnica fez, se o formador fez, se não sei quem fez. Mas pronto, isso não tem a ver com uma questão de funções mas sim de maneiras de ser de cada um.

55. Como avalias o teu trabalho e desempenho profissional?

De bom, mau! De 0 a 10! *[risos]*

56. Achas que és uma boa profissional? Achas que não?

Acho que sou uma boa profissional, esforço-me para ser uma boa profissional. O que não quer dizer que não poderia eventualmente melhorar.

57. Que aspetos é que melhorarias? Falaste há pouco que tens uma tendência para te aproximares dos adultos?

Isso é um aspeto que eu tenho tentado trabalhar e tenho conseguido ao longo do tempo criar... não ser fria mas criar o devido distanciamento. Acho que às vezes sou muito agitada e não sei até que ponto transmito essa agitação para os adultos e depois começo a dar muita informação. Às vezes sinto isso nas sessões iniciais! É tudo novo para eles e eu vou e... *[simulação de disparos como uma torrente de informação]* Se calhar devia deixá-los assimilar as coisas com mais calma. É uma coisa que acaba por ser bom e acaba por ser mau. Eu sou muito stressada e isso às vezes faz com que eu seja impulsiva. Sou impulsiva e reajo sem pensar. Por outro lado, também me dá aquela energia para pôr as coisas todas e agilizar. Mas pronto às vezes também sou um bocadinho precipitada.

58. O que é ser um bom profissional de RVCC para ti?

O que é ser um bom profissional de RVCC...

59. Atributos, características?

Uma vez mais acho que é importante sabermos relacionar bem com as pessoas, sermos capazes de nos adaptarmos às diferentes características das pessoas porque tu para uma pessoa com determinadas características vais ter de ser de uma maneira, com outra vais ter de ser de outra. É preciso termos essa capacidade de mutação, digamos assim. Pô-los a trabalhar em grupo, é importante saber gerir o grupo, acho que é muito importante. É importante também nós próprios refletirmos acerca daquilo que vamos pô-los a refletir. Sermos atentos, procurarmos estar informados e de vez em quando também é importante pararmos e olharmos para a nossa prática, porque as coisas acabam por ficar de tal forma automatizadas que nós nem... é assim... é assim... e pronto. Acho que às vezes é importante nós pararmos e pensarmos se alguma coisa pode ser melhorada e mudada.

60. Estás satisfeita com as tuas condições de trabalho? Em termos de remunerações? Intensidade de trabalho?

As condições físicas sim. Em termos de remunerações não, acho que somos mal remunerados.

61. Achas que devíamos ganhar mais?

Tendo em conta todo o desgaste que temos... O desgaste psicológico! Trabalhar com pessoas é muito desgastante e muita gente não têm essa noção. Atendendo às nossas qualificações e tudo isso somos mal remunerados comparando com outras profissões. Não é que a nossa profissão seja melhor, se calhar nem é tanto por aí. Já estamos a entrar outro campo.

62. Quanto acharias que devias ganhar?

Pois. Já sabia que me irias fazer essa pergunta. Não tenho assim uma ideia. Isso tem de ser balizado. Não sei muito bem como isto é definido. Mas eu já acho que nós ganhávamos mal e agora estamos a ganhar quase menos 200€. Pior, estamos a ganhar. Pelo menos 1500€ acho que deveríamos ganhar. Depois também a diferenciação que há entre quem trabalha no privado e quem trabalha no público. Há muito trabalho. Nós, tudo bem, que são 35 horas semanais, mas acaba sempre por haver trabalho extra. Lá está, uma hora que tenhas para fazer trabalho administrativo é uma hora. Uma hora com um adulto pode equivaler a três ou quatro horas. Em termos de desgaste!

63. Em termos pessoais? Tiveste de fazer alguma alteração da tua vida pessoal e social em função dos teus horários e da tua prática profissional?

Sim, sim.

64. Quais são as tuas principais dificuldades ou constrangimentos?

O nosso horário é muito antissocial. Quer dizer eu pelo menos à semana é muito raro ir tomar um café com um amigo porque estou cansada e quero ir para casa e descansar um bocado. Se fosse em horário normal, das 9h às 17h ou 18h. Aqui também temos de em conta que são adultos, muitos estão em situação... estão ativos. Também temos de nos adaptarmos a essas situações.

65. Como adaptarias o teu trabalho a uma vida familiar, a filhos...?

Era complicado! O trabalhar à noite sobretudo para quem tiver filhos pequenos, o horário à noite deve ser muito complicado.

66. Coibiste-te de alguma maneira dessa dimensão da tua vida pessoal em função do teu trabalho?

Não. Não tem a ver com isso.

67. Saltando um bocado de tema: o que achas acerca da regulação da tua atividade profissional? Há pouco falaste, logo de início, referiste que deveria haver uma maior regulação. Em que sentido? Como verias isso? Que propostas farias para isso?

Até eventualmente criar uma Ordem. Como há a Ordem dos Médicos, a Ordem dos Psicólogos, que regulamente...

68. Mas chamarias Ordem de Profissionais de RVC?

Não sei. Estás-me a fazer perguntas... Que não sei. A questão aqui... Já falamos disso... O profissional de RVCC agrega pessoas de diferentes áreas e por isso é que eu acho que independentemente da licenciatura, da formação que a pessoa tenha, deveria ser obrigatória fazer um curso, não é um C.A.P. [*Certificado de Aptidão Pedagógica*], mas uma coisa desse género que te desse habilitação profissional para desempenhares estas funções e depois deveria haver uma entidade que regulamentasse toda a nossa ação, que nos protegesse quando fosse necessário. No fundo aquilo que uma ordem faz, que promovesse formação, agora, ultimamente tem aparecido mais, que realmente promovesse o desenvolvimento dos Profissionais de RVCC, que regulamentasse tudo, que amparasse, desse apoio, apoio jurídico, apoio...

69. Código deontológico também?

Sim.

70. O que tu achas de se fazer um RVCC profissional para os Profissionais de RVC. Achas que seria adequado? Há pouco estava a distinguir um bocado as diversas formações e que não seriam suficientes porque também seria vantajoso a aprendizagem em contexto de trabalho e o depararmo-nos com as situações concretas e o saber reagir a essas situações. Será que um processo de RVCC para os Profissionais de RVC seria uma forma de regular?

Podia ser.

71. Podia ser?

Se calhar era interessante. Estás-me a falar disso agora, mas nunca pensei nisso. Se calhar era uma forma interessante de fazer a avaliação. Estás a dizer... Não seria através de um sistema de créditos?

72. Podia ser!

Ficavas aprovado ou não aprovado. Ou ter alguém que te fosse assistir às sessões, por exemplo?

73. Não sei! Podia ser fazeres um portefólio, fazeres uma demonstração, a simulação...

Lá está. Se calhar iria implicar a observação em contexto de... Se calhar é uma coisa que faz sentido.

74. Mas tu restringirias ou possibilitarias o acesso? Nesse caso, restringirias a determinado tipo de qualificações, a todo o tipo de qualificações, licenciaturas; a pessoas que já desempenhassem essa função? Como é que tu? É um bocado em cima do momento já que nunca pensaste nisso...

Lá está! Acho que é complicado. Nunca pensei nisto. Mas se tu vais à partida, sem experiência nenhuma vais fazer isso, pode ser complicado! Não é que não tenha a capacidade de... mas não ter tido aquele tempo de... Não sei se me estou a fazer entender?

75. Para refletir... para maturar as ideias...

E para mostrar aquilo que é capaz de fazer. Tu tens sentido que ao longo do desempenho das tuas funções tens evoluído?

76. As formações que foste fazendo? Voltando ao início, porque nós não falamos das formações mais recentes que foste fazendo. Porque é que as fazes? É para isto? É para te

sentires mais confortável na tua profissão? É por uma questão de credencial? De diploma? Porque é que fazes?

É por essas duas razões que tu disseste. É por poder partilhar experiências com pessoas que fazem o mesmo que eu... me ajuda a crescer, me ajuda a olhar para as coisas de forma diferente. É uma forma de me atualizar dentro das minhas funções.

77. Achas que seria interessante associar e no fim de uma formação desse género com processos de demonstrações de competências, ter um certificado? Achas que poderia ser possível isso?

Sim.

78. Seria interessante? Uma espécie de pós-graduação?

Seria. A formação em si acho que é importante. E depois mesmo em contexto prático.

79. A formação em si é importante, porquê?

É a questão da teoria e da prática. É importante nós conhecermos a teoria, conhecermos as diferentes teorias para sermos melhores na prática.

80. Todo este discurso está a surgir num contexto de uma certa indefinição. As notícias não são propriamente muito positivas. Há até um certa indefinição relativamente à continuidade das modalidades dos processos de RVCC. O que é que tu achas disso? Como é que tu avalias essa situação? Quais são os teus pensamentos em relação a isso?

Acho mal.

81. Achas mal, porquê?

Acho que o que está por trás disso tudo é uma questão política. Acho mal que o governo do PS tenha feito disto bandeira e acho que foi isso que fez com que isto ficasse mal conotado e acho mal que agora venha outro governo e agora porque isto está associado ao governo anterior que quer dismantelar isso. Há coisas que devem ser melhoradas. Acho sobretudo que se de deve apostar na avaliação. Há centros que trabalham mal! E também não acho isso certo. Acredito neste trabalho. Acredito que faz sentido. Mas tem de ser feito com rigor, com exigência e com qualidade. Por isso, se para tal, para assegurar esses critérios for preciso haver avaliação, qua haja avaliação. Destruir só porque sim, não me parece...

82. Achas que é isso que está a acontecer?

Eu não sei se é isso que vai acontecer. É o que se fala. Sinceramente não acredito que isto vá desaparecer. Podem mudar as designações mas a filosofia não vai morrer, se calhar pode adormecer. Neste momento não estou... Estou com algum otimismo, sou franca. Outra coisa que também achei mal e que prejudicou isto foi a massificação que houve. Não se tem agora de estar a certificar não sei quantas pessoas para as estatísticas porque isso vai obviamente condicionar a qualidade do trabalho que é feito. As coisas devem ser feitas com... Deve haver tempo... Não podemos ter aquele objetivo de não sei em quantos anos certificarmos não sei quantas pessoas... Até acho que vai um bocado contra a filosofia desse processo.

83. São esses os desafios mais importantes com os quais te defrontas para a tua carreira profissional, para a tua trajetória profissional?

O maior desafio com o qual me depara neste momento é não saber se vou ter trabalho. [Risos]

84. Estás com uma atitude muito positiva em relação a isso. Há um conjunto definido de ideias que tens para o futuro, para modificar a Iniciativa Novas Oportunidades, os processos de RVCC, mas, segundo o que parece, a realidade é contrária aquilo que tu estás a dizer.

Eu estou consciente que as coisas podem acabar, nomeadamente que o nosso Centro pode fechar, mas pronto, se isso acontecer... logo veremos.

85. Como achas que será o teu futuro profissional?

Não sei, Miguel!

86. Imagina os cenários: continuando e não continuando?

Se eu continuar... Se eu continuar... Acho que a continuar vão haver algumas alterações. Mas a continuar e passando este... este... está a ser um grande obstáculo com que a Educação de Adultos se está a deparar. Acho que ultrapassando isto, as coisas vão mudar e se calhar vai-se conseguir alguma estabilidade, penso eu, não sei. Se não continuar, vou-me virar para outras coisas.

87. Que áreas, que coisas?

Não sei.

88. Relacionada com a tua formação de base?

Não vou dar consultas isso não quero. Mas trabalhar nos recursos humanos de uma empresa. Emigrar. Ou apanhar o que aparecer...

89. Está difícil!

Está difícil. Sinto-me tentada... Gostava de aprender a trabalhar com a terra. Não é uma coisa que me desagrade. Portanto, está tudo muito em aberto. Eu não estou a pensar muito nisso para não gerar inquietações em mim. Porque há muito que não depende de mim!

90. Gostarias de continuar a trabalhar como profissional de RVC?

Gostava.

91. Mas por causa da situação de crise e ser um emprego que tens, ou por causa de te sentires bem com aquilo que fazes?

Eu gosto daquilo que faço! Obviamente que neste momento ter emprego... Não sei se me estou a ver a fazer isto a vida toda. Não sei! Se calhar não! Neste momento estou-me a deixar levar ao sabor da maré. Agora continuando, de facto, é como disse há coisas que devem ser trabalhadas, melhoradas...

92. Aquelas que tu referiste? Passando mais por uma avaliação, maior rigor, maior exigência?

E mesmo em termos de metodologias...

93. Qual é a tua observação geral em relação à educação de adultos? Não só sobre o processo de RVCC? Achas que vai ter algum futuro?

Acho que tem de ter!

94. Fala-se da sociedade da aprendizagem, das aprendizagens ao longo da vida, do facto das pessoas terem de estar constantemente adaptadas? O que tens a dizer acerca disso? Não estás ver uma certa desresponsabilização política?

Estou a ver uma certa negligência. A Educação de Adultos tem de continuar! Atendendo à população que nós temos, tem de haver. As pessoas têm de ter possibilidades. Ainda há muitos analfabetos no nosso país, por exemplo! E depois não pensando só na questão de progressão escolar. Pensando na educação de uma forma mais abrangente, a questão dos círculos de estudos, acho que é muito interessante; pessoas mais velhas. Aquilo que é feito, se calhar, em sociedades tão ou mais evoluídas que a nossa e que têm uma população com qualificações diferentes da nossa.

95. Tens alguma última observação? Alguma dúvida que queiras colocar.

Não sei se fui ao encontro daquilo que querias.

Obrigado!

Transcrição da Entrevista 3

| | | | |
|-------------------------|---|--------------------|-------------------|
| Entrevista | 3 | Data da entrevista | 19/06/2012 |
| Código do entrevistado | E3 | | |
| Instituição empregadora | Centro Novas Oportunidades em Escola Pública | | |
| Tipo de contrato | A Termo Certo | Fim do contrato | 31/12/2013 |
| Idade | 38 anos | Estado Civil | Solteiro |
| Nível de escolaridade | Licenciatura em Sociologia das Organizações; Pós-graduação em Marketing; Frequência de mestrado em Sociologia da Educação. | | |
| Experiência de trabalho | 5 anos como Profissional de RVC; Experiência anterior no campo da Formação Profissional. | | |

1. Vou começar por te pedir para tu contextualizares o teu percurso profissional. Como é que te tornaste profissional de RVC e há quanto tempo?

Eu acabei o meu curso em 1998 e, portanto, a minha ligação ao mundo da educação e da formação, *grosso modo*, inicia logo após um estágio profissional que eu fiz numa multinacional. Curiosamente, ou não, no departamento de formação da dita empresa. Portanto, aí aproximei-me um pouco dessas questões da formação – formação intraempresa, neste caso – tinha vários colegas de curso que trabalhavam com essa empresa e depois desses seis meses de estágio académico, cerca de sete meses depois, ingressei numa empresa de desenvolvimento organizacional e de formação profissional, onde...
[interrupção da gravação].

Recapitulando, ingressei nessa empresa de formação profissional e desenvolvimento organizacional e acabei por fazer lá um estágio profissional e estive lá cerca de dois anos, iniciando-me na parte não visível da formação: organização, planeamento. Também na avaliação, também nas candidaturas, etc. Desde esse momento inicial do meu projeto profissional fui estando ligado, de uma forma ou de outra, à formação, à educação. Depois, mais tarde, acabei por ingressar... Acabei por ter a oportunidade, de estar ligado a um projeto denominado o “Projecto Delfim” em que fiz, conjuntamente com um colega, manuais de formação no âmbito da Igualdade de Oportunidades e da Violência Doméstica – que estava muito em voga na altura - também fui de certa forma investigador e só mais tarde comecei a dar formação. Formação a miúdos, a catraios no âmbito do sistema de aprendizagem e depois a menos miúdos, a pessoal com outras habilitações, e, progressivamente, até chegar a pessoal licenciado. Fui percorrendo todo esse percurso: dos mais jovens aos menos jovens e, mais tarde, os adultos. Ainda não nesta lógica da educação de adultos como nós agora a concebemos, mas portanto na chamada formação contínua para ativos.

Houve uma altura depois em que eu já estava ligado a uma outra empresa e ao fim de três anos e tal de ligação a essa empresa achei que já muito pouco teria a aprender. Era uma espécie de braço direito dos patrões. Basicamente eram eles os dois e eu e depois havia um administrativo e depois de algum cansaço, sempre a fazer a mesma coisa, decidi que estava na altura de eu mudar um bocadinho a minha atividade. Aí fiz um interregno que eu pensava que iria ser mais prolongado e dediquei-me a outras áreas. Dediquei-me à área da edição. Editei uma revista que acabou por não correr muito bem e, portanto, depois tive de equacionar voltar ao ativo e então surgiu a oportunidade de fazer uma espécie de voluntariado, uma experiência na Escola Secundária Z_a propósito de uma tal iniciativa Novas Oportunidades que estava, para mim, a começar – apesar de não ser totalmente novo o sistema de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – o percurso começou aí. Éramos vários Profissionais [de RVC] na altura. Fui aprendendo! A situação de alguma fragilidade contratual resolveu-se até ao final de outro ano letivo e depois acabei por ingressar numa outra escola, onde estou há mais de três anos.

2. Quando comesas a trabalhar? 2007, 2008?

Sim. 2008, em Setembro!

3. Isso na Escola em que estás agora.

Em 2007, na Escola Z.

4. Depois do Verão?

Em Setembro.

5. De que maneira as aprendizagens em contexto de trabalho que tu foste realizando, para uma pessoa que, como tu, vem da formação profissional não enquanto formador, mas enquanto aquele que concebe, aquele que desenha... De que maneira essas aprendizagens que tu fizeste previamente foram úteis para profissional de RVCC? Vês algum fio condutor? No teu percurso profissional há pontos que tu tenhas capitalizado?

Sem dúvida! Toda a experiência de formação – e não é pouco que eu tenho – me serve. As estratégias comunicacionais, a assertividade, chegar ao outro. Até porque eu tenho, em termos estritamente pessoais, *handicaps*, ou teria e tenho menos agora, algum acanhamento, alguma dificuldade em ser... Estabelecer relações empáticas. Ao início isso custou-me um pouco. Tive de me ir munindo de algumas estratégias, de alguma flexibilidade que me aproximasse do outro. Essa fase, esses anos de trabalho em formação, quer com os miúdos quer com os menos miúdos, me foi servindo e foi sem dúvida muito útil.

6. E as tuas qualificações? Segundo sei és licenciado em Sociologia das Organizações. De que maneira é que te prepararam? Essa formação em Sociologia preparou-te de que formas?

[pausa] Sabes que...

7. É uma licenciatura adequada, conveniente para o exercício das tuas funções atuais?

A Sociologia sempre me atraiu porque, de certa forma, ao ler alguns sociólogos, e não só, na imprensa escrita sobretudo quando era mais catraio, adolescente, identifiquei-me com uma certa forma de ver o mundo, uma certa tendência para a ideia de que só a educação, verdadeiramente, é capaz de transformar as pessoas, de lhes criar oportunidades de sucesso, de reconhecimento, de progressão social. Portanto, eu penso que sim, que o meu curso está muito ligado a esta área de trabalho.

8. Comparativamente achas que há curso mais apropriados ou tão apropriados? Por exemplo, às vezes, há determinadas organizações que preferem pessoas em Ciências da Educação, em Educação, em Educação Social, em Psicologia ou em alguma das suas variantes, comparativamente achas que Sociologia, seja das Organizações seja geral, é apropriado ou tão apropriado quanto Psicologia, por exemplo?

Sem ter em conta pessoas concretas com quem eu já trabalhei, eu julgo que a Sociologia, o seu campo do saber, é muito adequado na medida em que nos prepara, mesmo aqueles que não têm essa natural sensibilidade, para não deixarmos que o nosso entendimento das coisas seja superficial. Estou-me a lembrar da velha história da reprodução social e da forma como a escola reproduz tendencialmente as condições que existem à partida. Sempre fui, desde miúdo, muito sensível a isto. Sempre fiz amizades com miúdos, com colegas de outras classes sociais, muito mais desfavorecidas. Os meus ‘amiguinhos’ até aos meus 17/18 anos eram sempre miúdos mais frágeis, económica e socialmente. Não é que eu partilhasse os mesmos gostos musicais, intelectuais, literários com eles. Mas havia algo que me puxava sempre para acompanhar esse tipo de colegas e de amigos. Agora perdi-me um pouco neste raciocínio.

9. Além da consciência social, além dessa mundivisão e dessa forma de conceber o mundo e de pensar as sociedades que a Sociologia permite ou possibilita, em termo de conteúdos, ao longo do curso foste fazendo algumas disciplinas tipo Sociologia da Educação ou de uma vertente mais pedagógica?

Não, curiosamente não! À partida não! Ainda frequentei Sociologia da Educação, mas depois incompatibilizei-me, já não me recordo muito bem, ou melhor, recordo-me que não simpatizava

particularmente com a professora. Depois mudei para Seminário e deixei Sociologia da Educação, que era uma das opções na altura. Não houve nenhuma disciplina em particular, a não ser Sociologia do Trabalho e que por outras *nuances* me fez chegar à parte da formação. Aliás, a minha orientadora de estágio era a minha professora de Sociologia do Trabalho e, quando eu estagiei na tal empresa, fiquei afecto ao departamento de formação, foi aí que me debrucei a sério sobre as teorias.

10. Ao começares a trabalhar como profissional de RVC, focando mais neste período, fizeste formação específica que incidisse sobre aquilo que virias a desempenhar?

Sim, fiz aquela formação que a Universidade do Minho, na altura disponibilizou e fiz muitas pesquisas e fui a vários encontros e enquanto filho de professores tive algum acesso a literatura que também me ajudou.

11. Também te ajudou!

Sim.

12. Em termos de ambiência?

Sim, sem dúvida. Quando eu falava da minha tendência ou da minha sensibilidade para algumas problemáticas relacionadas com o desfavorecimento social ou com as dicotomias sociais, tinha muito a ver com essa educação para a diferença, para o outro que, desejavelmente, se quer para seres que se preocupam para essas matérias. Sem dúvida alguma. A educação que tive foi preponderante neste caminho, que não foi propriamente escolhido! É um caminho que ziguezagueantemente me levou até aqui mas o qual não renego. É um caminho que me orgulho!

13. Retrospectivamente, tu gostarias de ter feito algum tipo de formação, ou acharias que deverias ter algum tipo de formação específica? E se sim qual?

Para desempenhar este papel?

14. Para seres profissional de RVC! Além das aprendizagens de âmbito formal, não formal, focando-te nas aprendizagens formais. É sempre um exercício complicado, hoje em dia já sabes como desempenhar e como fazer? Naquela altura não conhecerias da maneira como conheces hoje em dia, obviamente. Retrospectivamente, que formação darias a ti próprio?

Essa é uma boa pergunta! [*Pausa*] Verdadeiramente não sinto que me falte... [*pausa 10 seg.*] arcaboço que me permita fazer melhor o que eu faço. Agora, eu talvez dissesse que algumas disciplinas da Psicologia, talvez não me fizessem mal nenhum tê-las tido, tê-las frequentado, ter estudado um pouco isso.

15. Teorias de aprendizagem?

Pois... Não é que eu não tenha estudado mas foi um pouco ao de leve em todo este percurso. Talvez por aí...

16. Sendo tutor de um novo, de um potencial profissional de RVC, dirias... aprofunda...

Quem diz isso, diz este ramo do *Coaching*, por exemplo, que é muito mais virado para o mundo empresarial.

17. Gestão de recursos humanos?

Exato. Mas que tem pontes com a nossa atividade! O *Coaching*!

18. Outra formação?

Eu cheguei a tirar formação em *Coaching* como mais recentemente cheguei a fazer formação em... Formação à distância. Neste momento sou capaz de ser formador *online*, em *e-learning*, acompanhando as novas tendências. Mas é como te digo: alguma área da Psicologia e alguma área do *Coaching*. Bem como, eu acabei o curso já há 14 anos, bem como relembrar algumas matérias. O essencial eu acho que se faz com a prática. Nunca fui um aluno especialmente sério! Sempre fui um tipo que por sentir que tinha facilidade em aprender, em compreender, em me expressar, em escrever – demasiada, se calhar – nunca levei as coisas demasiado a sério. Nunca fui um aluno brilhante, nem coisa que pareça. Isso talvez seja um calcanhar de Aquiles pessoal. Poderia ter ido bem mais longe! Poderia ter sustentado melhor a minha formação. Agora... Não me arrependo!

19. Fizeste pós-graduações?

Fiz uma pós-graduação numa área distinta desta que coincidiu com a tal fase da minha vida em que eu decidi cortar com esta atividade e embrincar-me com um gosto pessoal que eu tinha – tinha e tenho – que era a edição, neste caso, de uma revista de matriz cultural. Quando decidi isso, achei que deveria estudar um bocadinho sobre *marketing* e técnicas de *marketing*. Foi isso que eu fiz, tirei uma pós-graduação em gestão de *marketing*, na altura. Depois desiludi-me com aquilo. Não achei que fosse propriamente o caminho. Apesar das insistências, não avancei para o mestrado e logo a seguir surgiu a oportunidade de ir para a Escola Z.

20. Pretendes vir a frequentar outras pós-graduações, mestrados, outras coisas do género? Em que área é que eventualmente farias?

Já na escola em que estou atualmente, há três anos quase inscrevi-me e frequentei o mestrado de Sociologia da Educação e Políticas Educativas. Precisamente porque, na altura, achei que era a altura certa para, por um lado, enfim, melhorar as minhas qualificações, precaver-me perante a inconstância, periclitação do mercado de trabalho e ter outras ferramentas que me ajudassem a desempenhar melhor a minha atividade. Mas também depressa me desiludi com a oferta formativa! Não tanto com a equipa, os docentes, a escola, o currículo, os conteúdos, mas também, mas sobretudo com os colegas, com a forma demasiado ligeira com que aquilo era encarado. Quando percebi que a ideia era precisamente essa, com o beneplácito dos docentes: façam-se mestrados assim, por dá cá aquela palha, com a máxima das ligeirizas. Então saí e achei que estaria a enganar-me a mim próprio e bati com a porta.

21. Falando das aprendizagens que fizeste ao longo do teu percurso de trabalho. Referes que mais do que as aprendizagens formais ou o que adveio das formações e licenciaturas, foi o que foste desenvolvendo com a prática profissional...

Sem dúvida! Profissional e não só.

22. Prática de vida! Que transformações é que tu viste? Neste período de trabalho – volto a dizer, neste momento interessa-me mais como profissional de RVC – que transformações é que verificaste nas tuas práticas profissionais? Que aprendizagens fizeste? Que reflexões fizeste? Que transformações daí advieram? Se vieram? Se houve?

Ora bem, a mudança de uma escola para a outra obrigou por si só a algumas mudanças. Vim de um meio cuja liderança era mais sentida, que direcionava mais, que, de certa forma, dada a miríade de

ferramentas e de procedimentos, coartava alguma liberdade e fui para outra escola em que estou agora e que é o oposto que acontece. Em que tu estás – pode-se dizer – por tua conta. Há vantagens e desvantagens! As mudanças que eu tive que realizar decorrem precisamente dessa mudança na liderança. Agora, eu diria, talvez, que o traquejo me tornou menos passível de ser aldrabado. Dito de outra forma: sou hoje mais seguro naquilo que faço; percebo muito mais rapidamente; distingo mais rapidamente; típico mais rapidamente os adultos que tenho à frente e isso ajuda-me a ser mais rápido na minha resposta, mais assertivo, mais incisivo, mais, por vezes, mais duro, outras vezes nem tanto, não é necessário. Mais uma vez, foi a experiência, é o traquejo que me ajuda a realizar estas mudanças. Nunca fui muito sensível, ou nunca me subjuguiei à normativa que a tutela impõe; à necessidade de atualizares constantemente o SIGO, nunca faço esse tipo de coisas, quase como se tivesse num limbo profissional: “Julguem-me! Demitam-me!”. Eu não estou para me chatear com isso! Há outras coisas para fazer muito mais importantes, e olha...

23. Uma forma de resistência?

Sim, acho que sim.

24. De contrariar? De através desse ato de resistência determinares as prioridades?

Sem dúvida.

25. Quais são as tuas prioridades?

A minha prioridade é, como eu costumo dizer... Ainda ontem comecei um novo grupo e a minha prioridade é mexer com as pessoas! Ou melhor: abaná-las - mas isso não é uma finalidade, é um meio - de forma a que um dia mais tarde, elas sintam que valeu a pena os meses de trabalho que tiveram e que isso, de alguma forma, contribuiu para serem melhores pessoas, melhores profissionais, melhores cidadãos, melhores pais, melhores filhos.

26. A tua ação é educativa nesse sentido? Consideras-te um educador e formador de adultos? Essa agitação faz de ti um educador? Ou faz de ti uma pessoa que alerta e que aconselha?

Não sei, essa é uma... O que é um educador senão também aquele que provoca, que estimula, que inquieta? Eu gosto de achar que sou um pouco isso! Nem sei se sou, espero ser! Gosto de achar que é um pouco isso que me define. Portanto, uma educação muito mais virada para a cidadania, para a arte, para valores que nos transcendam de alguma forma do que para esta questão muito em voga, hoje em dia, da empregabilidade.

27. Normalmente, há determinadas pessoas, que referindo-se ao modelo escolar, encaram o educador como aquele que transmite, que ensina, que instrui. Nesse sentido, a *nuance* que tu estás a fazer é o educador enquanto aquele que desconstrói...

Exatamente isso...

28. ...Que desarranja e que estimula dessa forma. Separas esses dois aspetos? És um transmissor? Também és um transmissor?

Também sou. Na verdade também sou! Mas, eu tento sempre tornar quase invisíveis ou não tão perceptíveis os meus conhecimentos. Eu não gosto de... Eu começo por tratar as pessoas por ‘tu’ muito rapidamente e começo por tocar nas pessoas muito rapidamente; ou dar um ‘palmada’ [*nas ‘costas’*]

subentenda-se] se ele for homem, ou fazer um elogio se ela for mulher. Uso muito o humor! Brinco muito com eles precisamente para que se esbatam as diferenças que eles sentem muito: O respeito que eles sentem perante a instituição escola ou a figura do professor. Portanto, sou muito menos um transmissor! A não ser quando é perfeitamente adequado um qualquer esclarecimento, um qualquer arremate. Mas, normalmente, até através dos silêncios e das pequenas colocações e do encontrar do momento exato para dizer de forma ‘curta e grossa’ algo, pô-los a pensar e, rapidamente, tornar o pensamento seu, o pensamento que é partilhado mas ajudar a que outro o entenda como algo que está a construir naquele momento.

29. É vital para ti essa aproximação ou essa aproximação é instrumental e estratégica? Não poderias fazer aquilo que disseste que fazes sem essa aproximação, sem essa palmada nas costas, sem o humor? Sei que há pessoas que dizem que o humor é a chave do cérebro e da inteligência, mas já tiveste algum problema com o ‘deitar abaixo’ as distâncias? Com essas aproximações?

Não!

30. Sempre conseguiste gerir?

Até porque, atenção! Estou a dizer isto mas também me sei distanciar. Eu aproximo-me da mesma forma que me distancio quando é necessário. Ainda ontem houve uma situação bastante chata de uma ‘adulta’ que se incompatibilizou com uma formadora numa sessão minha. Era uma sessão sobre argumentação e assertividade! Eles deveriam escolher um tema que fosse relativamente polémico. Uns, parte do grupo, assumia uma posição contrária à sua e a outra também uma opinião contrária à sua e do debate nasceria à luz, pensaríamos nós. Pelo menos a ideia de que é importante atender ao outro, chegar ao outro, compreender a sua lógica de pensamento e com isto, enfim, flexibilizar um pouco as ideias... a construção própria que se tem e que tantas vezes inviabiliza relações, aproximações. No entanto, houve ali um quiproquó! A formadora saiu porta fora e quando eu me apercebi, nesse momento estava no escritório, quando me apercebi do barulho, aproximei-me e fui bastante duro com a adulta. No entanto, ela saiu a sorrir da sala. Portanto, tento nunca chegar a um limite que inviabilize tudo e que quebre tudo e torne insustentável tudo. Da mesma forma me aproximo sem que essa aproximação...

31. Seja forçada.

E signifique amizades forçadas.

32. Ser-te-ia fácil – isto é simplesmente um exercício – achas que o facto de seres homem te possibilita mais isso do que se fosses mulher? Achas que uma mulher poderia ter as mesmas estratégias – estas estratégias que estamos a falar? Parece-me que às vezes há um efeito, a maneira como os adultos olham – por vários motivos sociológicos, culturais, etc. Vês alguma facilidade nessa tua ação no facto de seres homem?

Não sei se é uma questão de género. *[Pausa]* Eu tenho uma colega que não é profissional mas é Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento e que tem um perfil – é uma questão de perfil mais do que de género – próximo do meu: brincalhão, quando é necessário; duro, quase agreste quando lhe sobe a mostarda ao nariz. Isso funciona muito bem, no trabalho específico dela. Mas não duvido que se ela estivesse na minha função assumiria parte desta lógica de ação e que a coisa resultaria. Não acha que haja uma questão de género. Agora, colocando-me ao contrário e aproximando-me da tua questão. Acho que os

adultos têm maior tendência para respeitar um senhor professor do sexo masculino. Não sei exatamente porquê.

33. Homens e mulheres?

Sim, sim! Não sei exatamente o que está por detrás dessa minha perceção, mas sinto isso! Não sei se é a figura, aquela velha figura do Antigo Regime, do professor autoritário. Mas, de facto, sinto isso.

34. Saltando um bocado dessa questão, como é que tu apresentas o teu trabalho fora da tua comunidade de prática? Como é que tu defines as tuas ocupações? De certeza que te confrontas com isto no teu dia-a-dia, no âmbito social?

Já passei por várias fases: do entusiasmo frenético à descrença. Eu senti em determinada altura deste projeto que aquilo que eu estava a fazer era, de facto, realmente importante! Era de facto transformador, era de facto algo quase... Portanto, trinta e tal anos depois, ou quarenta anos depois da fase da alfabetização, nos idos de abril, um regresso à ignorância adormecida e invisível que perpassa por todas as ruelas do país. E, portanto, a assunção ou preocupação de um determinado governo, não interessa qual com esta questão, pareceu-me fantástica. Fazer parte do conjunto de pessoas que a partir de determinada altura... foi para mim fantástico e, durante uns tempos, até porque houve reconhecimento institucional pelo trabalho que efetuei, senti que estava verdadeiramente no local que precisava de estar! Um sítio que não me dá – nunca o busquei também – condições materiais fantásticas, mas que me dava a oportunidade de ‘mexer’ com pessoas. Cansado estava eu de mexer com processos e com procedimentos e com aquela tal parte que estava por detrás da formação. O aproximar-me das pessoas era, foi, em determinada altura, brutal! Até porque, alguns, vários, destes processos, destas pessoas, de facto alteraram a sua vida, ora porque passaram a ler muitíssimo mais, ora porque passaram a escrever muitíssimo melhor, ora porque mudaram de profissão, ora porque se transformaram. E ficaram, e ficam, e mostram-no, muitíssimo gratos! A partir de determinada altura, com o desinvestimento que eu sinto, e não serei o único, que se está a fazer neste campo, há, de facto, não consigo negá-lo e isso até me atormenta um bocado, que é para não dizer muito, há sentimentos dúbios da minha parte, porque, às tantas, eu já não tenho a mesma facilidade que tinha em me automotivar para o meu trabalho. Como se necessitasse da bênção institucional para realizar a minha função com o brio que é necessário. Portanto, ultimamente tenho andado um pouco à deriva emocional entre o brio que necessito e o apoio que também me faz falta para me sentir completo, realizado.

35. Como é que perspetivas o apoio dos teus pares, ou seja, da restante equipa, dos formadores, daqueles que trabalham no CNO público de uma escola? Como é que vocês se motivam? Como é a vossa relação neste contexto que não é um contexto fácil?

Atualmente é uma relação próxima pois já nos conhecemos há bastantes anos, mas comungamos todos desta sensação de pré-luto, como se percebêssemos, há vários meses, que o fim está anunciado. Há de facto uma espécie de pré-luto! Entre nós, quando vamos fumar um cigarro cá fora. Porque depois lá dentro, enfim, mascara-se e tenta-se fazer o trabalho da melhor forma! Mas não há o mesmo entusiasmo que havia! Agora, contribui para este estado de espírito algum cansaço? É natural que sim! Agora, as indefinições, o arrastar da incerteza, contribui decisivamente um certo esmorecimento do entusiasmo que é importantíssimo nesta área. Muita gente disse, a determinada altura, que trabalhar nesta área, ou só trabalharia nesta área quem vestisse a camisola, quem tivesse aquele sentido de missão, e eu não estou... Eu penso que é algo parecido com isto! Como vestir a camisola, pergunto eu hoje, se a tutela a

despiu ou está prestes a despi-la? E é esta angústia existencial que hoje em dia que me atormenta um pouco.

36. Falas de missão e eu pergunto-te acerca de vocação! Disseste, inicialmente, que antes de começares a trabalhar, da tua primeira experiência enquanto voluntário - uma forma de te ocupares - tinhas algum conhecimento, mas nada muito aprofundado, do que seria um processo de RVCC.

Nada muito aprofundado...

37. Tu achas, ou consideras, que tens uma missão educativa? Uma missão agitada? Tu referes uma cultura familiar como fundamento das tuas ações, como fundamento de uma certa vocação. É assim tão histórica?

Não há dúvida, não há dúvida! Eu cresci à volta... À mesa, durante muitos anos, o tema de conversa era a Educação, eram os alunos, era a escola. Todos os dias: almoço e jantar! Todos os dias: almoço e jantar. Todos os dias! Anos e anos disto! Portanto, eu sem ter qualquer perspetiva de vir a trabalhar nessa área, tinha uma bagagem sobre o que era a Escola muito grande, quer pelo que era dito, quer pelo que não era dito, quer pelo que eu percebia nas entrelinhas que funcionava bem ou mal. Por um lado, isto! Por outro lado, sempre tive um orgulho muito grande na forma quase missionária, como eu entendia que os meus pais exerciam a sua profissão. Muito humana, muito mais do que meramente o cumprimento de determinadas horas semanais de trabalho, muito mais... Muito mais! sempre tive um especial orgulho nessa forma dada, nesse espírito de abnegação ao outro. Possivelmente, começou aí a minha de me aproximar a este campo de ação, ainda que não declaradamente. Portanto, sem dúvida, neste caso as raízes pessoais foram decisivas.

38. Consideras que é necessário ter essa vocação, ter esse espírito de missão para ser profissional de RVC?

Não... [alguma hesitação] Não?

39. Esse espírito de missão, essa vocação?

Eu acho que é essencial não se ser um técnico! Isto é, eu acho que é essencial ver-se para além de, estar-se para além dos procedimentos inscritos numa determinada diretriz. Quem não tenha a cultura, a sensibilidade, o gosto por interferir positivamente em trajetos... Em pessoas que querem ser ajudadas, querem progredir, querem avançar... Quem não tem este gosto especial, quem esteja a olhar para o relógio para sair às 6 da tarde não está a prestar um bom serviço.

40. Qual é a relevância social? O que é esse bom serviço? Qual é a importância processo de RVCC? Falas de um bom serviço. O que é prestar um bom serviço? A inquietação, o facto de motivares...

Eu na verdade, a forma como eu entendo o processo de RVCC vai para além do processo de RVCC porque ninguém fala em inquietação.

41. A relevância social numa lógica do que os outros reconhecem, do que os outros percebem do RVCC. Dás um sentido à tua ação. Mostras os objetivos que tens em termos individuais e profissionais na tua ação profissional/de trabalho mas há aqui um espaço que tem de se pôr em comum, com a relevância social que tem para os adultos, com

a relevância social que tem para a sociedade (digamos assim), com a forma como a sociedade percebe isso. Onde estão essas convergências? Onde é que tu fazes essas convergências? Entre aquilo que tu queres da tua ação e aquilo que os adultos pretendem do RVCC. Não sei se me estou a fazer entender?

Sim! E a sociedade aí pelo meio... Não há necessariamente muitas convergências, ou haverá algumas entre a ação do Profissional e dos adultos mas a um nível da percepção da sociedade, desde sempre que há muitos pontos de interrogação – e alguns serão legítimos -, muitas dúvidas, muitas críticas. Como é que eu convivo com isso? Já convivi pior. Hoje em dia quase que tenho uma couraça que não me deixa atingir muito. Por um lado! Por outro lado, atinge mesmo. Agora, eu tenho conversado com alguns ex-adultos, como sabes temos trabalhado muito com os desempregados e, sem que isto corresponda a uma análise estatística séria, muitos, mas muitos mesmo, dos adultos que estavam em situação de desemprego estavam a arranjar emprego, hoje em dia. Uns já arranjaram, grande parte deles, e outros estão a caminho disso. Isso evidentemente me enche de satisfação. Perguntas-me: qual é a relação direta entre o RVCC e esta nova situação profissional? Há uma relação! Há uma relação que não é exclusiva na alteração da qualificação das pessoas. Isso leva-nos a falar um pouco sobre a autoconfiança das pessoas que melhora incrivelmente, de alguma habilidade na forma como se escreve e como se fala que, no caso das pessoas que eu acompanho, invariavelmente, acontece. Já para não falar das habilidades ao nível das TIC. Mas, como eu costumo dizer sempre a eles em sessões de júri e depois, quando os encontro - eu costumo ser até um pouco duro com eles, porque eles estão muito felizes nesses momentos e eu faço questão de intermediar expressões de contentamento com expressões de alguma parcimónia -, explicitando depois que: “nada do que vocês fizeram aqui tem importância” - digo assim mesmo, de chofre, que é para chocar – “o que verdadeiramente vocês venham a fazer a seguir, isso sim, tem importância; se vocês começarem a ler a sério e avançarem para novos trajetos formativos, ainda que não formais ou informais, isso sim poderá ser um sinal de que houve uma mudança. Caso contrário, têm um ‘certificadozinho’ que, de facto, atesta que os conhecimentos e experiências que tinham não estavam devidamente acompanhadas de um certificado escolar, mas mais nada do que isso”. Portanto, sim é verdade, os RVCC não são em si mesmo... Ora bem, entendidos à letra pelos tais técnicos que eu há pouco criticava, muito de funcionalismo público (entendido aqui negativamente), não são transformacionais. Muitas vezes são apenas o aproveitamento, claro está, com o beneplácito dos tais técnicos, são o aproveitamento de uma oportunidade ou de uma construção que não traduz necessariamente melhorias significativas na formação das pessoas. Daí eu achar que é importante complementar a nossa ação com o rigor humanístico-qualquer coisa que deixe as pessoas um pouco conscientes das suas lacunas.

42. Referes os pontos todos da ação educativa que um processo de RVCC poderá ter, caso se supere a mera aplicação procedimental. Mas há um outro fator a ter em conta, que é o estatuto social - comparativamente, acredito que os adultos geralmente tem uma referência muito específica em relação às profissões da Educação – portanto, esta, o profissional de RVC, devido a ser uma profissão relativamente recente terá um outro estatuto. De que maneira é que tu comparas esse estatuto, tendo uma ação educativa, sendo profissões do âmbito educativo, cada uma referindo-se de formas diferentes aos seus objetivos educativos, que estatuto é que tu vês nos profissionais de RVCC? De que forma percecionas isso? Os adultos a olhar para ti, a olhar para a tua ação? O que achas que pensam? Como é que eles te veem? Veem-te como professor? Como coordenador? Como orientador?

É engraçado isso... Muito deles muitas vezes veem-me como coordenador. Escrevem mesmo isso. Outra grande parte, tratam-me como professor. A figura de Profissional ou de Técnico de RVCC, não é algo que lhes entra muito bem na sua forma de ver as coisas. Por um lado. Por outro lado, não sei se por preparação minha ou por alguma sensibilidade para, tendo a ter ótimas relações com os adultos e relações mais próximas com eles do que aquela que eles criam com a restante equipa formativa, portanto, os formadores. Estou a falar de uma equipa de formadores com uma idade já. Não são propriamente novos e que, portanto, e apesar de já estarem alguns deles a trabalhar nisto há algum tempo, continuam a sentir alguma dificuldade - porventura, acham que não é esse o papel deles - em chegar-se para, portanto, são muito diretivos muitas vezes... Enfim, tendem a não olhar para as condições socioeconómicas o capital cultural, os acontecimentos que fizeram com que as pessoas fossem o que são hoje. Portanto, eu sinto da parte deles uma grande proximidade! A escola, o meio, não olha para mim, para este ator educativo da mesma forma, claro! Está muito desfasada do que é isto da Educação de Adultos, da metodologia, das particularidades que esta ação exige. Portanto, o meu estatuto na escola é algo que andarás entre estas duas imagens: o tipo formado em Sociologia que trabalha lá no CNO; e o Sr. Professor **E3**, que é um tipo extraordinário e muito amigo e impecável, e isto e aquilo e aqueloutro. Por vezes, sinto que só na parte final dos seus processos *[os adultos]* é que eles compreendem o alcance da minha ação. Quando precisamente eu tiro a vestimenta do que tudo atura (ou quase tudo) para que seja possível levá-los à parte final mas em que, aí sim, eu sou muito mais duro, porque sinto que se for duro antes eles vão-se. Na parte final já não vão, já não vão porque estão prestes a acabar. Aguentam, aguentam mais o tiver de ser dito. Aí eu vou com tudo!

43. E o ir com tudo?

É apontar tudo o que tiver de ser apontado! Do tipo, ainda no outro dia na sessão de júri, repeti umas quatro ou cinco vezes até que ele compreendeu para aí à 5ª: “no seu caso é preciso falar menos e ouvir mais! António, falar menos e ouvir mais! Sou eu a falar agora!” Para aí à 5ª ou à 6ª, o gajo... Elevei um bocadinho a voz! Fui mais assertivo e compreendeu. E depois da sessão terminada voltei a dizer-lhe isso, já mais em surdina, com um leve sorrisozinho, a tal palmada, porque acho que são momentos em que a mensagem passa mais... passa melhor.

44. E em termos de atração, de atratividade para o desempenho profissional. Não neste contexto, este contexto é um bocado específico – referiu-se há pouco – há uma indefinição tremenda, parece que há uma morte anunciada, uma morte a prazo, as coisas vão desaparecer. Mas, nos bons tempos *[algo sarcástico]*, e por bons tempos refiro-me aos inícios... Atratividade, as remunerações, as condições de trabalho, a intensidade de trabalho, - são muitas perguntas - as horas de trabalho... Como é que tu entendes?

Se eu fosse a olhar para isso nunca me meteria nisso. Em termos de visibilidade ou de aceitação pública – como até já te disse – às vezes custa-me dizer que sou profissional de RVC, as pessoas nem sabem o que isso é, Reconhecimento de Competências das Novas Oportunidades. Tudo isto, muitas vezes, eu sinto que é dar um tiro no meu pé. Agora brincando: se eu estiver com uma miúda gira à minha frente eu não lhe vou dizer que trabalho nas Novas Oportunidades, brincando! Mas não anda muito lá longe: seja miúda ou miúdo, não interessa. Porque há uma carga negativa, pejorativa relativamente a esta nomenclatura. Porque muito associado a um determinado partido que levou isto avante. Não é pela aceitação pública, pela visibilidade pública que eu estou nisto. Não é pelo salário, não é pelo horário de trabalho: trazemos muito trabalho para casa, muitas vezes, como sabes. É, sobretudo, como há pouco tentei dizer, a oportunidade de, de facto, conhecer pessoas; histórias de vida absolutamente fantásticas e,

portanto, eu sinto, que... Um dia, comentei isto com o meu primo, foi algo do género: a geografia e a topografia humana desta região, eu hoje sinto que a conheço muito melhor, do que conhecia há cinco anos atrás. Conheço muito melhor a minha região e os que nela habitam, do que há cinco anos atrás! Porque conheço as pessoas! Como também conhecerás... Isto dá-nos um poder, que é algo que não sei se estás para aí a analisar ou não, mas que é interessante ver por esta lógica, dá um poder impressionante! Um poder impressionante!

45. Poder derivado da informação?

Pois claro! Não é que o vás usar, não é fácil usá-lo... um poder impressionante!

46. Sentes-te mais consciente?

Absolutamente, absolutamente! Sempre tive consciências políticas, por exemplo, sentir-me-ia hoje muito mais capaz de exercer um cargo político a nível micro/regional por exemplo do que há 5 anos atrás.

47. Até para não falar nesse âmbito de conhecimento mas também para falar num âmbito relacional? Inclusive, relacionaste-te com muita gente...

Evidente, evidente...

48. O facto de seres sociólogo, de seres sociólogo de base, de licenciatura. Não sei se te defines, se te defines...

...Licenciado em sociologia...

49. ...Licenciado em sociologia. Traz-te uma mais-valia o facto de seres sociólogo, o interpretar e fazeres análises sociais. De facto, nunca pensei no uso do poder, do nosso poder, derivado da nossa ação profissional.

Sabes que muitos técnicos – desculpa interromper-te – usa precisamente esse poder da pior forma. Ora porque deixam perceber que gostam muito de receber um presentinho no final; ora porque a forma como se dão é de cima para baixo e nunca de igual para igual. Eu já vi isso muitas vezes e isso mexe comigo.

50. Do género de teres um adulto canalizador e ele ‘desenrascar-te’ um serviço de canalização? Do género de teres um adulto vendedor de carros, até esse extremo?

Algo desse género. Não nesses exemplos....

51. É ilustrativo! Mas estava a dizer que há aqui a questão do poder associado mas não é a questão do poder individual. Estava mais interessado em analisar o poder da classe. Achas que deveria haver forma de regular o acesso a esta profissão, a esta ocupação de profissional de RVCC e, por exemplo, através de cursos específicos, restringir o número de cursos específicos que pudessem ser utilizados para aceder a essa profissão, através de certificados específicos e credenciais específicas. Achas que deve ser regulado o acesso?

Eu acho que sim. Acho que deve ser regulado o acesso. Porque cada mau profissional que exista são uma série de pessoas que passam pelo processo de forma incorreta e acabam por descredibilizar tudo isto.

52. Os códigos deontológicos reduziram esse abuso de poder, esse abuso de posição? Estavas a pensar num código deontológico?

Eventualmente um código deontológico. Da mesma forma que se tentou que houvesse aulas assistidas para os professores, da mesma forma eventualmente algo do género para os profissionais.

53. Um processo de RVCC para os profissionais? Com um certificado no fim?

[Pausa] Se não fosse isso pelo menos, aquilo que hoje em dia já não se tira, um certificado de aptidão de formador. Que alguns não tiraram mas eu tirei, quando falávamos nessa parte da formação. Estava inerente. A necessidade de se renovar ou fazer pela primeira vez um percurso desse género que, como saberás, incide muito nas questões pedagógicas e muito nas questões da andragogia. Porventura, a obrigatoriedade de frequentar isto; porventura a obrigatoriedade de ter uma classificação acima de...

54. E o nível de regulação? Seria nacional, relacionado com o Ministério da Educação? Seria uma associação profissional? Uma ordem eventualmente – ordem ou uma figura próxima de uma ordem – Já pensaste em quem regularia isso?

Não, não pensei. Não me choca que fosse uma espécie de um júri de personalidades de distintos campos. Desde que claramente briosos no seu *métier*.

55. O acesso por exemplo, num CNO ou na figura que se avizinha, só poderia contratar um profissional de RVC que tivesse essa credencial? Achas que seria uma opção, ou por outro lado, este modelo vigente é satisfatório. Ou um outro modelo?

Quando falas em modelo vigente, estás a falar...

56. Cada organização estipula os critérios e seleciona em função dos critérios que estipulou. Tirando aquele critério mínimo que é o ser licenciado, porque a legislação só indica o ser licenciado e ter alguma experiência com a Educação e Formação de Adultos.

Pois, quase me apetecia dizer que seria necessário haver uma espécie de formação, um pouco à imagem do que eu agora falei, do CAP, mas complementado com... X tempo depois, na altura de uma renovação haver uma confrontação com por exemplo, entrevistas, 2, 3, 5 entrevistas aleatórias a candidatos que foram apanhados por aquele técnico.

57. Como é que definirias o bom técnico, aquele que bem desempenhou? O que é o profissionalismo do profissional de RVC? Que critérios ou que fatores é que tu encontras como distintivos para se ser um bom profissional, para se ser um profissional «profissional» passe a redundância?

Ora bem, deve-se ser rigoroso mas condescendente também. Isto ao longo do processo e quando eu falo em condescendente estou a pensar em muitas das pessoas que ficam pelo caminho ficam apenas porque não houve um cuidado em atender a situação particular do adulto naquele momento. Portanto, o rigor! Depois, e isto por formação, ou por sensibilidade, as questões relacionadas com o desmontar de um certo o 'nacional-porreirismo' em que muitos dos adultos se situam na vida. Este alertar para um brio no trabalho, na família, na relação com as artes, com a vida, como o país, com o mundo. O profissional nunca deve estar satisfeito, lá porque o adulto faz uma conclusão de quatro linhas e por isso se cumpre mais uma etapa. Eu diria que o profissional deve ser um eterno insatisfeito e passar essa sensação ao adulto. Isto não são propriamente indicadores! Não é fácil criar um indicador para um bom profissional. Mas é muito mais, eu diria, não aquele que cumpre horários e procedimento, mas aquele que trás algo de novo para o adulto e que, portanto, o ajuda a se reposicionar perante a aprendizagem, o ensino, a leitura.

58. Para isso também precisarás de competências de âmbito mais teórico, mas técnico. Saliarias alguma? Técnico não no sentido procedimental, técnico no sentido mais... o balanço de competências, a capacidade para desenvolver narrativas autobiográficas. Esta realidade seria um critério fundamental para ti, estes tópicos. Por exemplo, o conhecimento da história da Educação de Adultos, achas que é importante para se ser um profissional de RVC.

Não acho que seja fundamental. Acho que é importante claro mas não acho que seja fundamental.

59. Dás prioridade à questão relacional?

Sim, pode-se dizer até porque não venho das Engenharias se não tenho 25 anos. E fui amadurecendo várias questões, quer por via do estudo, quer por via indireta, que me habilitem, de certa forma, hoje quase naturalmente exercer a atividade.

60. Aproveitando essa experiência que tu tens de desenho de planos de formação, que desenho farias para essa tal formação que referiste? Eu sei que este é um exercício que tu foste refletindo, mas que obviamente precisaria de outra maturação, de outro tempo - mas que tópicos é que porias?

[Pausa] Há [pausa] temáticas ou há [pausa] assuntos que seriam talvez importantes de ser trabalhadas e estou a pensar nas questões relacionadas com o empreendedorismo, de forma mais genérica: a criatividade, etc. que, talvez – e com isso também uma ligação mais próxima com os Centros de Emprego e do mundo empresarial - que uma vez fazendo parte do argumentário do profissional talvez fosse muito útil nesta relação com o adulto e na capacidade de o potenciar para um degrau acima.

61. Essa questão do *Coaching*, alguns tópicos relacionadas com o *Coaching*...

Do *Coaching*, do empreendedorismo, da própria capacidade de criar o seu próprio emprego.

62. Como avalias as questões em torno das associações de educadores e formadores de adultos, de profissionais de RVCC. Interessa-te?

Nem por isso! Sinto sempre ou muitas vezes que isto é um jogo político e se a política no seu estado mais elevado interessa-me muitíssimo, a politiquice interessa-me muito pouco. E, às vezes, acho que isso cheira a politiquice tudo isso, e tendo a afastar-me e nem sequer a aproximar-me destes meandros. Em certa medida sou, portanto, um tipo que apesar do que diz é bastante solitário porque verdadeiramente, eu sinto-me importante no que faço por quase dos meus adultos, mais nada, ponto final. De alguns adultos... E mais nada ponto final. Não tenho o reconhecimento da tutela! A tutela não acha que aquilo que eu faço é importante; os pares também não. A sociedade no seu todo também não.

63. Portanto é autoalimentado!

Até quando, vamos ver!

64. Diz-me uma outra coisa, para as partes finais. Avaliaste criticamente todas estas notícias, volto a dizer, a melhor palavra é a indefinição, toda esta inconstância, todo este definhamento. Referes que a tutela também não te reconhece especial valor. Como avalias este contexto?

Sabes que se calhar fui mal habituado! Ao início nesta escola onde estou agora. Nós começamos a trabalhar muito bem, eu senti que tinha voz dentro da equipa, as pessoas gostavam de me ouvir, seguiam os meus conselhos; rapidamente se acertou a metodologia - é um pouco pretensioso o que eu estou a dizer mas... - àquilo que eu achava e os primeiros resultados foram muito bons. Tivemos também a sorte de termos adultos muito bons e fizemos trabalho muito bom. Acho que o posso dizer! Num dos primeiros júris tivemos também não foi a sorte, foi a visão, de convidarmos um tipo que era **O** avaliador externo da altura e que ficou simplesmente maravilhado com aquilo. Escreveu uma série de elogios públicos à coisa, propôs-nos uma... (como se diz, nem me estou a recordar do nome – há uma figura...). Em função desse *feedback* muito positivo que tinha ligações com a Agência [*Nacional de Qualificações*], aliás. Depois a Agência convidou-nos para dar formação a uma série de Centros, isso aconteceu! Replicou-se essa formação! Houve ali uma altura de algum interesse, pelo menos ao nível do reconhecimento que eu ia sentido. E depois, também muito rapidamente passou-se para um outro extremo. O extremo em que me senti - nos sentimos - um pouco abandonados.

65. No mesmo ciclo político?

Sim, no mesmo ciclo político. Ainda no anterior da ANQ. E portanto... já não me recordo exatamente qual era a questão.

66. Como é que tu avalias este contexto? Como tens avaliado? Esse embate que tu tiveste com um certo reconhecimento e um certo...

Estava a dizer que se calhar fui mal habituado. Porque ingenuamente, possivelmente, ao início pensei que, de facto, poderia ser algo que teria importância, relevância e que a nossa ação, a minha, a nossa, poderia ser aperfeiçoada, limada, mas não ser abandonada. Poderia haver fóruns nacionais de discussão, como chegou a haver. Poderia haver uma aproximação muito grande - eu desejava isso - entre a tutela e alguns Centros, entre os Centros, e quando percebo que nada do que se fez de bom serviu para alguma coisa, aparentemente – também estou naquela fase desgostosa – tão depressa estava lá em cima, como estou cá em baixo.

67. O que falhou? O que estás a dizer faz ultrapassar uma certa narrativa. Normalmente há uma narrativa que refere que este novo governo, por razões ideológicas, desestrutura a Educação e Formação de Adultos e, como tem preconceitos, resolve-a fazer definhar. Tu estás a sugerir uma outra coisa, que é: as raízes desta desestruturação derivarão da ação ou da inação, ou de uma certa...

O que falhou... Este novo ciclo político está a dar uma machadada naquilo que já não estava bem. Mas que está a dar a machadada está! Pelo menos assim parece! Agora, de facto, ainda no anterior ciclo, começou-se a sentir que algo que não estava bem, digo eu! E possivelmente aquilo que terá falhado foi precisamente a inabilidade de se aperceber que isto só vingaria se não tivesse conotações políticas. Houve um aproveitamento excessivo por parte da anterior governação. Isto digo eu à distância porque, na altura, eu achava bem que se defendesse até porque as críticas eram muitas e eu sentia-me confortado quando alguém com grande visibilidade, como era o primeiro-ministro [*José Sócrates*], estava presente para defender a causa. Hoje percebo que isso não foi visto exatamente assim. Criou resistências muito fortes em alguns sectores da sociedade! E isso depois faz o seu caminho, lentamente. Até nos que procuravam a Iniciativa [*Novas Oportunidades*] e que vinham com o bichinho que isto era assim e assado.

68. E também alguma da descredibilização, do agenciamento mediático que teve...

Claro. Investiu-se demasiado em publicidade com algumas figuras, umas mais conhecidas do que outras, do que no aperfeiçoamento da lógica interna de funcionamento, no aprimoramento da qualidade da Iniciativa [*Novas Oportunidades*]. A determinada altura, as metas, as famosas metas, eram muito mais importantes do que a qualidade e isso, em certa medida, estragou tudo.

69. As metas, a expansão da rede, o aumento do número de centros.

A obsessão com as metas, a tentativa de certificar mais e mais pessoas e por isso o alargamento da Rede inquinou a qualidade que isto tinha de ter.

70. Mas a justificação dada para o alargamento da rede não era tanto para a concretização de metas mas sim para uma certa aproximação, uma certa proximidade territorial das pessoas. Qual é narrativa que tu preferes? Qual é a mais verosímil para ti? Ou, eventualmente, serem as duas?

Acho que ambas coexistam, agora que é demasiado Centro é. E que muitas das pessoas que fizeram processos desses não tinham perfil para fazerem. Não tinham! Mas como era suposto que o centro só sobrevivesse se tivesse um determinado número de certificados...

71. Uma perversão...

Completa!

72. Projetando, estas indefinições... não se sabe muito bem se terás continuidade... Quanto ao teu futuro profissional. Como é que vês? Como é que estas indefinições estão a afetar a tua vida pessoal e social? Pensas continuar a fazer carreira nesta área? Quando digo esta área não digo só profissional de RVC mas na área da Educação e Formação de Adultos? Estás um bocado desconsolado.

Aqui entram outra ordem de fatores. Por natureza sou um pouco avesso a estar muito tempo no mesmo lugar e, portanto, já há algum tempo atrás que sinto um chamamento para fazer outras coisas. Isso é um facto! Agora, o meu trajeto profissional, a minha idade, levam-me a não agir de... e não pensar de forma ligeira nesses assuntos! É evidente que se eu sentisse, da parte de quem tem essa responsabilidade, um interesse efetivo em aproveitar a minha experiência, o meu saber, seja o que for... Eu sentiria que sim, que era este o meu caminho! Por outro lado, não nego que, às vezes, apetece-me é desaparecer daqui e fazer outras coisas. Eu gosto de fazer outras coisas! Este tipo de atividade é muito absorvente! Acho que até foi contigo que comentei isso, se não foi... Ando a prefaciar livros de outros, quando eu gostava era de ser prefaciado, pois eu gosto muito de escrever e não tenho discernimento mental, muitas vezes, para o fazer. Estou nesta, neste momento: decidam-se! Eu arranjarei o que fazer e saberei fazê-lo bem. Preciso é de sentir que.... Eu não quero sentir que me estou a aproveitar de algo. Quero-me sentir útil nesta área, se for o entendimento de quem de direito, porque senão também me sinto mal em estar aqui a eternizar-me em algo que não é sequer bem visto socialmente.

73. Denoto alguma ambivalência entre uma certa estagnação intelectual e profissional, mas ainda com laivos de uma certa estimulação intelectual, mas com uma certa indefinição do contexto.... O teu futuro - relacionando isto com um outro fator que referiste há pouco - O teu grande objetivo enquanto profissional de RVC é inquietar, desestruturar, desconstruir, abanar, tudo mais... Achas que esse é um objetivo para a Educação de

Adultos? Achas que esse teu objetivo sobrepõe-se à forma como tu concretizas o teu objetivo? Ou seja, se tu escrevesse e inquietasses, desestruturasses, abanasses, para ti era-te indiferente? É-te importante concretizares esse objetivo independentemente da forma como o fazes ou gostavas de associar a isso uma vertente educativa, relacional. Não sei se me estou a fazer entender muito bem?

Penso que sim. Eu se me dedicasse apenas à escrita penso que não chegaria tão facilmente às pessoas como chego. Daí a versão do poder há pouco. Porque as pessoas vêm ter contigo, em busca de algo, mas vêm ter contigo e portanto tu intermedeias o objetivo da pessoas. Estás entre o objetivo da pessoa e o teu cargo institucional. Estás entre não! Estou entre! Eu tenho uma determinada função que não assumo plenamente, recuso-me a fazer algumas coisas e situo-me um bocadinho à margem dessa função e, portanto, sou um elo desta cadeia. Noutra função dificilmente poderia ser tão capaz de mexer com algumas coisas! Agora, *[pausa]* o meu futuro não vai depender deste tipo de questões. Dito de outra forma: eu tão pouco me sinto um profissional de RVC, na verdade! Acho que sou muito mais do que isso! A minha função não está desenhada para aquilo que faço! Dito de outra forma ainda: ao longo deste tempo todo, sempre achei que a minha – sempre achei não, mas em determinada altura achei – que eu me sentiria muito mais realizado e muito mais profissional, mais exigente comigo próprio, se tivesse outra função, dentro desta lógica. Que seria a de Coordenador de Centro. Sempre achei que tinha um perfil mais adequado para Coordenador. Isso não é possível dado o desenho da coisa, mas cheguei a comentar com várias pessoas que era este o meu objetivo se fosse possível. Porque me libertaria de algum cansaço inerente ao trabalho direto com os adultos e permitir-me-ia pensar nas coisas de uma forma mais abrangente e depois fazer algo que eu acho que se deve fazer e não se faz tanto que é a interligação dos Centros com o meio social, comunitário, empresarial, muito mais efetivo, muito mais dinâmico. Às tantas, estamos todos envolvidos numa redoma muito circunscritos no nosso trabalhinho invisível. Até o meu trajeto profissional anterior me fez sentir que, em determinada altura, me fez sentir que o meu futuro seria esse. Estar mais numa área de decisões e de definição de caminhos a seguir do que propriamente depois na...

74. Concretização. Imaginas o teu futuro a passar por aí?

Na verdade nunca penso muito no meu futuro. Nunca o defino com muita clareza. É um defeito, porventura.

75. Não fazes projetos?

Não, não faço grandes projetos.

76. Não sei se queres fazer alguma última observação. Se tens alguma questão a colocar. Uma síntese final.

Uma síntese final, olha... aqui não se vê *[mostra uma pintura com palavras escritas no verso]* mas podes ler e ver o verso e depois. O que me dá gosto é mesmo isso. As pessoas ficam tão agradecidas e tão sensibilizadas que depois nos presenteiam assim com um desenho; com um poema; com um olhar embevecido; com uma lágrima no olho; com uma atenção desmesurada. Isso mexe connosco. Nessa altura uma pessoa sente que foi importante para as pessoas e é muito bom! É muito bom sentir que se é muito importante para as pessoas!

77. Gratifica?

É a parte boa deste processo! Devolve-nos à nossa essência de homens e mulheres iguais, com circunstâncias diferentes, com vidas diferentes mas que num determinado momento se tocam e que gostam de se tocar e que em determinado momento sentem que foram importantes umas para as outras. Que nós também aprendemos muito com esta malta!

78. É isso que fica?

É!

79. Mais do que as crises com a tutela?

É isto que fica sem dúvida! É isto que fica sem dúvida!

Obrigado!

Transcrição da Entrevista 4

| | | | |
|-------------------------|---|--------------------|-------------------|
| Entrevista | 4 | Data da entrevista | 21/06/2012 |
| Código do entrevistado | E4 | | |
| Instituição empregadora | Centro Novas Oportunidades Escola Secundária | | |
| Tipo de contrato | A Termo Certo | Fim do contrato | 31/12/2013 |
| Idade | 54 anos | Estado Civil | Viúva |
| Nível de escolaridade | Licenciatura em Psicologia Clínica; Frequência de mestrado em Psicologia. | | |
| Experiência de trabalho | 5 anos como Profissional de RVC Experiência anterior como formadora e como psicóloga (entre outras). | | |

1. Peço-te para fazeres um enquadramento da tua vida profissional. Como foi a tua vida profissional desde o seu início até agora, até este momento?

O meu primeiro trabalho não teve nada a ver com a Educação de Adultos, teve a ver com arquitetura. Fiz um curso, uma formação de Desenhadora da Construção Civil e trabalhei com o meu pai. Depois trabalhei onze anos no Ministério dos Negócios Estrangeiros, Direção Geral de Cooperação: desde trabalho de arquivo, a atendimento ao público, etc. Portanto, também não teve a ver e, em simultâneo, fiz o curso de Psicologia. Posteriormente, vim para Braga e aí comecei em 1990 a dar formações a adultos. Comecei por dar uma formação relacionada com a 'Mulher no Mundo do Trabalho' e fui sempre dando outras formações integradas em empresas privadas, acumulando com a prática clínica (que pode também ser ou não considerada uma Educação de Adultos, só que muito específica).

Em 1992 dei dois anos de aulas de Psicologia e Psicossociologia em Escola **Y**. Em 1994 propus inclusivamente formações para professores em três escolas aqui de Braga e dei formações nos Açores, dei formações em Évora, etc. Portanto, como formadora, fiz 19 anos de formações. Depois pela parte da Clínica também trabalhei em escolas, em comunidades terapêuticas de recuperação de toxicodependentes, em hospital... Foram duas situações que foram mais ou menos mantendo a par até que, depois de trabalhar cinco ou seis anos em Vila Meã como profissional de RVC e formadora até à altura em que deixou de ser permitido os psicólogos darem Cidadania. Depois disso, realmente comecei a trabalhar aqui na escola como profissional de RVC, estes últimos 4 anos.

2. 2007?

Dezembro de 2007. Porque foi no último mês. Tive a entrevista, penso que em fim de Novembro, e comecei a trabalhar logo na semana seguinte, penso que em dezembro da 2007.

3. De que forma é que tu vês, se vês, alguma continuidade nessa tua vertente da educação? De que maneira é que contribui essa tua experiência prévia para o teu desempenho enquanto profissional de RVC?

No fundo, tirando os dois anos que dei aulas em Escola **Y**, todo o meu trabalho na área de educação foi com adultos. A começar logo nessa formação inicial de integração da mulher no mundo do trabalho. Foi sempre com adultos!

4. Vês mais na dimensão relacional ou numa dimensão mesmo teórica? Ou vês nas duas?

Não. A dimensão relacional é completamente diferente para mim quando se trabalha com adultos e quando se trabalha com jovens, que era o caso, eram miúdos do 10º ano. Miúdos! Há uma postura que eu acho que – eu estava a pensar assim, mas ao mesmo tempo a pensar que não era assim, que não é bem assim – mas há uma postura mais maternal ou há um relacionamento mais maternal com os miúdos do que com os adultos, pois os adultos espera-se que... São crescidos, são autónomos, portanto isso influencia, obviamente, a forma de relacionamento.

5. Desde 1990 comesas a dar formação e conjugando isso com uma coisa que tu disseste: o facto de seres psicóloga clínica, se calhar com uma vertente de maior orientação, ou uma orientação mais individualizada... Enquanto formadora normalmente és uma transmissora, transmites informação, como psicóloga...

É o contrário!

6. Formadora é o contrário?

Não. É o contrário como psicóloga clínica.

7. Como psicóloga se calhar induzes a mudança de uma outra forma que não a transmitir. Enquanto profissional de RVC vês algum ponto de convergência com estas duas posturas? Vês diferenças? Como procuras orientar a tua prática?

Elas são diferentes de facto mas acaba sempre por haver alguma confusão. Não sei se chame confusão? Não digo confusão ou se calhar eu também induzo. Há sempre alguma coisa pessoal ou alguma pessoa mais frágil que, sendo eu formadora, mas que me procura no papel de psicóloga.

8. É um bocado difícil dissociar.

É um bocado complicado, é! É um bocado complicado e isto não surge só... Só não surge em formações muito pequenas, de poucas horas. Porque se for de muitas horas acaba por haver um relacionamento mais próximo, de maior confiança, etc. Acaba sempre por aparecer alguém com um problema específico, com uma situação específica, que inclusivamente acabam por dizer: “a doutora é psicóloga!”; “Mas eu não estou aqui como psicóloga!”. Mas certo é que depois... Depois não se pode fugir!

9. Agora não tanto na vertente de formadora mas enquanto formanda. Referiste há pouco - e educanda também - referiste há pouco que fizeste o curso de Psicologia. Estavas a trabalhar também, Fizeste-o enquanto trabalhadora estudante. Como tem sido a tua vertente enquanto educanda e enquanto formanda? Que outros cursos fizeste? Os mais relevantes para a tua ‘carreira’ profissional, para a tua trajetória profissional, para o teu desenvolvimento pessoal? Salientarias quais?

Em termos da Psicologia estive em vários seminários e inclusivamente fiz alguns cursos paralelos para complementar. Inclusivamente, fiz o primeiro ano do mestrado para complementar, onze anos depois de ter terminado o curso, um bocado para ‘reciclagem’ e para perceber a perspectiva de cá de Braga. Eu tirei em Lisboa, portanto... [psicologia] Dinâmica, por isso era uma outra forma de trabalhar. Achei que era importante atualizar-me! No fundo, porque acho que é importante! Obviamente que a minha forma de trabalhar não tem a ver com a forma de trabalhar da maioria dos psicólogos de Braga – até porque não é a minha linha – mas de qualquer das maneiras eu achava importante conhecer, saber e tirar de lá o que fosse bom para a minha prática em Psicologia Clínica.

10. Estamos a falar mais ou menos em que altura?

Eu acabei o curso em 1986 e fiz o mestrado em 1997. Apresentei a investigação, foi aprovada mas depois não desenvolvi que era muito complicado. Era com toxicodependentes.

Em termos de formação, em termos educacionais: eu fiz formações. Primeiro não tive de fazer a formação inicial de formadores porque era de Psicologia e não precisava de fazer. Eu acabei por só fazer depois renovações, ou antes a continuidade e renovações claro! Eu cheguei inclusivamente a dar formação aos formandos, às pessoas que queriam fazer o curso de formação inicial de formadores sem nunca ter passado sequer pela situação. Obviamente que tive que me informar para dar... Autoscopia? Sabia lá o que era uma autoscopia. Não tinha passado por aí. Pronto, correu tudo bem! Portanto, e agora, em relação a formações que eu recebi na vertente educacional, eu fiz algumas, não muitas e muito sinceramente é assim: a minha prática, a minha experiência, foi quem me ensinou. Quando vou a uma formação é uma frustração porque a maior parte das coisas eu conheço-as, eu trabalhei-as, eu fi-las, portanto, não gosto muito de formações, de receber formações. Não tenho muita paciência! Eu lembro-me que uma vez fiz uma, por causa da renovação do CAP, que era Expressão Dramática na Formação.

Expressão dramática, Teatro, deve ser giro e tal... Uma seca! Eu nunca fiz teatro, não sabia nada daquilo, mas o certo é que não estava nada relacionado com a formação que era, que se pretendia que fosse. Portanto, eu formações...

11. Ficas um bocado frustrada com as formações?

Gosto de dar. Não gosto de receber. Não tenho paciência para...

12. Fazendo um pequeno exercício, quase como se te dividisses em duas. Que formação é que a *ent#4* gostaria de receber da *ent#4*? Dentro da vertente educacional, ou outra. Que tipo de formação é que darias à *ent#4*? Já pensaste nisso, não sei?

Não.

13. Tu dizes: “eu não gosto de receber formações”. Tens tido azar nas escolhas que fizeste em termos de formação, ou há algum tipo de formação que tu sentirias que gostarias de ter? Especifica!

O grande problema é que eu já tive tantas formações. Eu já dei tantas formações variadas que acaba por ficar um bocado coberto... Eu tenho de dizer assim: há uma parte específica da vida que me interessa, que são os relacionamentos. Está tudo aí! O que sai daí... *[risos]* Mas nos relacionamentos também podemos ligar com tudo, porque afinal está tudo ligado! Eu fiz uma formação, até não era uma formação, era um curso: Criação e Gestão de Pequenos Negócios. Na altura fiquei desempregada, aquele sistema de autoemprego. De princípio até achava muito interessante, mas depois aquilo tornou-se... Também tinha aquelas vertentes que eu não gosto muito que é de contabilidades, economias, finanças, etc. Mas nem isso me puxou porque normalmente as coisas novas despertam-me. Interessa-me saber! Portanto, não te sei dizer. Neste momento não vejo nenhuma formação que gostasse de fazer.

14. Nem nenhuma formação que gostasses de ‘desenhar’?

Mas desenhar, eu desenhei! Desenhei formações que eu achei muito interessantes de tal forma que foram aprovadas por Braga Sul. Tive de fazer os manuais e essas coisas todas. Foram as que desenhei que, naquela altura, foram as que eu achei interessantes, poderiam ser interessantes. Por exemplo, uma delas que decorreu em várias escolas... Era o desenvolvimento de temas específicos, por exemplo SIDA – isto já vai há uns anos – SIDA, alcoolismo, toxicodependência, gravidez na adolescência... Assim temas que eu achava que era interessante desenvolver, falar, saber-se mais. Na altura, era importante SIDA. Essa foi uma delas, e outra era sobre a relação Adulto-Jovem - Relacionamento e Gestão de Conflitos, aquelas coisas típicas. Eu vou ficar a pensar no assunto. Vou ver se descubro alguma que eu gostasse de fazer.

15. Focando especificamente há quatro anos, quando comesas como profissional de RVC. A experiência profissional é uma vantagem. Permite-te encarar esta nova ocupação profissional com uma certa facilidade. Mas também pode ser uma desvantagem, no sentido em tu trazeres para esta realidade profissional um conjunto de práticas que vinhas tendo. Tu sentiste alguma diferença? Sentiste uma continuidade? Sentiste uma rutura? Como encaraste esse início?

Foi uma rutura! Foi uma rutura porque eu vim de um meio pequenino onde trabalhava há cinco anos (não era cinco anos consecutivos) onde fazia os RVC e depois essas formações que eu podia dar... de uma população...

16. Enquanto mediadora, só para clarificar. Fazias o RVC, em Vila Meã, enquanto mediadora de cursos?

Enquanto profissional de RVC! Que era simplesmente... Lá! Porque lá não funcionava provavelmente como deveria funcionar. Lá, eram selecionadas as pessoas e essas pessoas faziam RVC individual comigo, acho que era 12 horas cada uma. Depois seguiam os cursos profissionais, os EFA e, obviamente, que estamos num meio pequeno, rural, de mentalidade, de uma forma geral, muito mais restrita... Pronto... Também... Numa das situações havia bastante abertura para, por exemplo, já em termos de cidadania, se fazerem atividades extra. Noutras nem pensar, não se podia! Quando comecei a trabalhar aqui a coisa funcionava de uma forma totalmente diferente. Estamos numa cidade, numa escola grande! Aquilo que eu fiz lá? A única parecença eram os instrumentos. Inclusivamente que os instrumentos que nós trabalhámos cá que eu trabalhei lá com essas formandas. A forma de relação era totalmente diferente. É muito mais afetiva, muito mais carinhosa, no meio rural, claro! No fundo, toda a gente, toda a gente, sabia quem eu era. Houve uma muito engraçada, que me disse: “Ó doutora, eu não percebo como é que uma senhora destas veio parar aqui?”. Eu achei graça à expressão dela! Porque aquilo era pequenino e eu vinha de longe, de Braga. Aqui era muito mais... Havia um maior distanciamento entre os adultos e o profissional [*de RVC*]. Era diferente até pelo facto de começar com 12 horas, sozinha, com um só adulto, a fazer aqueles instrumentos, já se criava uma empatia e uma relação muito diferente daqui que era em grupo e por aí fora. Pronto, e depois.... As sessões individuais não existiam nessa altura. As sessões eram em grupo! Não havia aqueles tempos, no fundo, clínicos, se formos a pensar. São um bocadinho das sessões individuais. Portanto, há diferenças!

17. Uma rutura em termos de dimensão e também da relação?

Da dimensão, da relação e do próprio trabalho. Nunca trabalhei em SIGO nenhum – se calhar até não havia – senão aqui, lá não havia SIGO nenhum. Eram empresas, eram associações, portanto, não funcionavam nesse sistema.

18. Como é que te preparaste para desempenhares essas funções aqui? Referiste há pouco que em termos de instrumentos eram similares. Trabalhavas também básico e secundário? Na altura, era só Básico?

Comecei só com Secundário.

19. Começaste logo só com Secundário?

Comecei logo só com secundário que não conhecia nada.

20. Como te preparaste para isso?

Bem... Como é que me preparei? Foi-me logo dito na entrevista que no mínimo teria de ler o guião...

21. O Referencial e o Guião de operacionalização.

... Pelo menos duas vezes! Eu acho que não consegui acabar. E portanto, fui vendo e ia recorrendo ao Guião quando precisava de ver alguma coisa. Fui-me preparando ao longo da atuação. Porque não tinha paciência para ler aquilo...

22. Ainda para mais com a linguagem...

...com a linguagem que já se sabe, toda a gente fica meia...

23. ...Atarantada ...

...Mas ok! Está bem! Estes significados. Eu conheço, mas pronto! Mas leva sempre algum tempo a adaptar-me. Se, ao princípio, eu sentia um certo mal-estar por ainda não saber aquilo direitinho, quando via que com os outros era a mesma coisa desculpabilizava-me um bocado! Porque afinal não era só comigo. As pessoas trocavam os nomes...

24. Sentiste que deverias ter mais formação? Um maior apoio por parte da organização? Ou mesmo por parte da tutela, da ANQ? Pelo que dizes foste um bocado atirada para o trabalho e tinhas de te safar?

Era, era um bocado desagradável porque uma pessoa não sabe, não sabe o que fazer, não sabe a quem perguntar, não sabe como fazer. Eu lembro-me de um bocado, meia receosa, meia a medo, perguntar aos colegas: “olha, como se faz isto no SIGO? Como é que não sei quê? Como é que não sei quê?” Mas era desagradável porque acho que tinhas uma lista, uma *check-list* do que tinha de dizer ou que fazer, mas mais nada. De facto, o apoio acabava por vir das colegas que já trabalhavam cá. Portanto, já tinham aprendido e era por aí que ia aprendendo.

25. Uma espécie de socialização em contexto de trabalho?

Pois por aí.

26. E formação, mesmo não gostando de formação? Sentiste alguma vez que as coisas deveriam ser mais organizadas? Que tudo deveria estar mais formatado? Com conteúdos a serem transmitidos de uma forma mais organizada?

Se calhar. Quem cá estava, e falo das chefias, ou seja de quem for, deveriam ter pegado nas novas pessoas, o grupo de seis que entramos de uma vez e, no fundo, ‘puxá-las’ a uma sala e vamos aqui e vamos explicar as coisas todas direitinhas para nós sabermos como tínhamos de fazer. Coisa que não foi feita, portanto! Entramos no grupo que já cá estava! Portanto, deveria ter havido, não era em termos de integração e apresentação, era mesmo na parte profissional. Mesmo na parte: “o trabalho é este e faz-se desta maneira!”. Em vez de: “Olhe, está aqui uma *check-list*. Vem meia hora mais cedo! Prepare as fotocópias...”. Andávamos todos às aranhas!

27. Por achas que isso acontecia? Por inabilidade da coordenação, por uma certa cultura organizacional? As escolas se calhar tendem a ser mais individualistas, não sei. O que é tu achas?

Eu acho que era porque era muita gente! Em termos de profissionais éramos catorze. Não sei como éramos 14. Entramos seis em Dezembro, já cá estavam seis ou mais e, portanto, quando nós fazíamos reuniões era assim...

28. ...num auditório.

Exatamente! “Alguém tem alguma questão?”. Normalmente ninguém tinha questões. Às vezes, até tinha. Eu também tinha. Mas era complicado! E depois também tem a ver obviamente, não podemos deixar de referir que tem sempre a ver com quem organiza, com quem chefia?

Isto até foi bom para mim: eu ponho um currículo nesta escola porque o meu filho vinha fazer um CEF. Soube que não havia psicólogos e pus em termos de Psicologia. “Pode ser que estejam interessados!” Cerca de um ano depois chamam-me para fazer um entrevista: “Se estaria interessada em trabalhar num

Centro Novas Oportunidades?”. A entrevista é feita. Eu não conhecia ninguém nem ninguém me conhecia a mim. Quando a entrevista chegou perto do fim, perguntaram-me: “o que temos de fazer para aceitar este lugar?”; “Têm de me aceitar!” Mas isto não é assim muito normal! Quando há seleções, há várias pessoas e depois das entrevistas todas é que se decide quem fica e quem não fica. Eu tinha a vantagem, e acho que isso foi a grande vantagem, tinha trabalhado em Vila Meã, em cursos EFA, como profissional, como mediadora, como formadora. Portanto, já me dava aquela tal experiência que me iria facilitar o trabalho aqui. Mas pronto, foi bom para mim porque fiquei logo! Nem sei como foram descobrir o meu currículo, que agora sei que, na altura, eu entreguei ao engenheiro F.

29. Temos estado a falar do início. Ao longo desta tua experiência de cerca de cinco anos de trabalho enquanto profissional de RVCC, quais é que têm sido as tuas aprendizagens? Como tens mudado a tua maneira de encarar o processo? Se tens mudado, eventualmente? O que destacarias daqui destes anos de profissional de RVC? Tens alterado as tuas práticas? Têm-te induzido a alterar as práticas? Como fazes a avaliação deste período de trabalho?

Primeiro isto está ligado obviamente, a forma de apresentação de um portefólio há 4 anos atrás ou agora não tem nada a ver e isso obrigou, induziu, levou a alteração... Não tem a ver com o relacionamento mas tem a ver com a forma como se constrói e a ajuda é diferenciada. É diferente! Não tem nada a ver o princípio e agora. Em termos de relacionamento também acho que houve diferenças, por uma questão de vida, acho eu, também me permitiu maior aproximação com os adultos. E, obviamente que, se de início, nem sequer conhecia o referencial, nesta altura do campeonato, eu não vou dizer que conheço a 100% mas vou dizer que conheço muito mais do que antes. Portanto, também a minha ajuda também pode ser muito mais eficaz com os adultos. Talvez, também, mais crítica! Eu continuo a considerar que o que toda a gente considera: que não é um ‘copiar/colar’ que dá conhecimento, que é preciso trabalhar esse conhecimento e que era esse conhecimento que deveria aparecer na história de vida. E, por outro lado, a história de vida fica tão diluída no meio de tanto tema, tanto DR [*Domínio de Referência*], tanto núcleo [*Núcleo Gerador*], que nem sei para que é que se chama história de vida. Porque se nós formos a ver aquilo é mais a parte científica que ocupa a história de vida... Porque, às vezes, acaba por ser engraçado um portefólio tem aqui uma frasezinha que diz: “eu não sei quê, não sei que e não sei que mais...”. Quer dizer, eu acho que está mal. O próprio nome não corresponde ao que... Acho eu que tem a ver exatamente ainda a grande influência da parte escolar da nossa vida, do que se pratica...

30. O facto de também ser numa escola que estás a trabalhar?

Não, não, não! É independente! Se for feito noutro sítio qualquer da mesma forma, em que as pessoas escrevem uma ‘historiazinha’ da sua vida e segue-se uma investigação, uma pesquisa enorme. Eu acho que se nós conseguíssemos separar a parte da história de vida da pessoa só a história de vida da pessoa com tudo o resto. Devia ser um quinto de história de vida e o resto em matéria escolar, que é o Referencial. Não é?

31. Sim, sim! Uma narrativa autobiográfica...

Que não é nada...

32. ...que é mais um somatório de pequenas narrativas ou pequenos trabalhos.

Pois! Que em termos... Se pesássemos as coisas. Temos o referencial que temos, do tamanho que temos, que é enorme, comparativamente com a história de vida da maioria das pessoas. Pode haver

quem desenvolva mais! Mas acaba sempre por haver... Aquilo poderia ser mais um livro de estudo do que uma história de vida.

33. Vamos voltar a esse tópico um bocadinho mais tarde, associando a outras coisas. Agora interessava-me também saber como é que tu te apresentas? Como é que tu te apresentas fora da tua comunidade de prática? Com os teus amigos, com as pessoas que conheces? Como é defines aquilo que fazes? Dizes que és uma psicóloga que trabalhas nas Novas Oportunidades como profissional de RVC? Como é que tu te apresentas fora desta comunidade dos CNO?

Eu diria que digo que sou profissional de RVC e estou ali para ajudar os adultos a verem, a descobrirem os seus conhecimentos e as suas aprendizagens. Mas acaba sempre por também vir: mas sou psicóloga! Eu acho que... Tem graça! Pensando agora, eu lembro-me perfeitamente, de início: “eu sou psicóloga e estou a trabalhar como profissional de RVC na Escola Secundária **Z**”. Ultimamente e talvez até por estarem a ser mais atacadas e ser preciso defendê-las, explica-las porque as pessoas não sabem o que é, eu digo: “trabalho nas Novas Oportunidades. Muitas vezes eu digo trabalho nas Novas Oportunidades e pronto! Novas Oportunidades.

34. As pessoas questionam-te? Franzem a cara?

Pois... “Porque há um gajo!” – ainda no outro dia ouvia um... Eu tentei explicar e depois desisti, porque também não estava lá muito bem – “aquele, o não sei quantos, tem o 12º ano e nem sequer sabe falar, nem sequer sabe a tabuada, nem sequer sabe, etc.; As Novas Oportunidades é uma porcaria!”

35. Por desconhecimento ou nalguns casos até por...

São pessoas que não aderem mesmo às Novas Oportunidades. Eu conheço pessoas que foram obrigados a inscreverem-se enquanto desempregados e depois não foram. Discordam das Novas Oportunidades! Dizem que não está certo, que não está correto. Achem que as pessoas não aprendem nada e, portanto, as pessoas não têm nada o 9º ano, ou o 6º ano ou o 12º ano. E que não é correto para os outros que andam a estudar três anos e por aí fora. Mas a maior parte das vezes eu acho que é por desconhecimento. Não sabem como funciona por dentro. Também, como funciona por dentro, nós sabemos por nós não sabemos o que se passa nos outros. Se calhar há muita gente que sabe como funcionam os outros [*Centros*]: foram buscar os diplomas...

36. Uma outra questão. Em termos de apresentação, há um certo paralelismo: defines-te enquanto psicóloga e enquanto profissional de RVC. Achas que...

Mas eu sou psicóloga!

37. É precisamente sobre essa parte: és psicóloga e licenciaste-te em Psicologia e exerces ou exercestes e poderás exercer.

Sim!

38. Tu achas que essa tua licenciatura, além de toda a aprendizagem em contexto de trabalho, te preparou adequadamente, convenientemente – eu sei que estas palavras podem ter interpretações diversas – mas achas que te preparou adequadamente ou convenientemente para o exercício das tuas funções profissionais atuais?

Não tem nada a ver! Quer dizer... Tem uma coisa a ver que é o ajudar! O ajudar tem um sentido muito lato. Podemos ajudar em termos emocionais, de problemas patológicos, ou profundos, emocionais, etc. Ou podemos ajudar e o que acontece não é tão pouco frequente quanto isso, que as histórias de vida mexem com as pessoas. A mim já me aconteceu várias vezes as pessoas estarem numa sessão individual, estamos a ver a história de vida e vêm ao de cima os problemas, vêm ao de cima as lágrimas, vêm ao de cima as situações difíceis que estão a viver. Portanto, quase é um complemento, quase poderia dizer que complementa e eu sei que essas coisas acontecerem são boas para as pessoas, de alguma forma estão a expurgar ou estão a pôr cá fora parte do seu mal-estar. Portanto, eu acho que Psicologia completa, complementa ou pode complementar um profissional de RVC.

39. Consideras-te – além de uma psicóloga – uma educadora? Ou não?

[risos]

40. Uma educadora de adultos, neste caso?

Sim!

41. E porquê?

É inviável tu ouvires uma asneira e não corrigires.

42. É mais nesse sentido de...

De educar em termos de competências sociais. Se calhar há pessoas que não fariam isso, mas ainda ontem ou anteontem... Também não podemos esquecer que eu tive uma educação, que eu tenho um percurso e que tenho 54 anos! Ainda ontem estava uma adulta que estava a dizer: “Bocê! Bocê! Bocê!”. E eu disse: “não é bocê, é você e não é você, é doutora”. [risos]. “Ai desculpe doutora”. Situações de sala e de relacionamento, ou um que se atira a outro e é preciso intervir. Tudo isso são posturas educacionais!

43. Mais abrangentes, mais do que a mera transmissão de informação, não é?

Eu em termos de transmissão de informação, eu funciono um bocado ao contrário. Se calhar como psicóloga. Dêem-me informação e eu trabalho, e devolvo...

44. Como fazes essa devolução? Dão informação e depois a devolves. Referiste há pouco – e isto também para te perguntar como é a tua relação com os adultos – referiste há pouco que às vezes em sessões individuais, ao trabalhar a história de vida, há uma certa manifestação das emoções, de sentimentos, alguns negativos, que está presente essa situação. Como é que tu fazes? Como estruturas a tua relação com o adulto? Como é que tu geres essas emoções, esses sentimentos?

Perante uma situação dessas... Eu não deixo de ser a profissional que sou, mas imediatamente é associado a psicóloga. Por exemplo, é uma coisa que toda a gente sabe, se alguém se emociona e se chora é importante deixá-la extravasar. Ficar no silêncio e deixar a pessoa colocar as emoções cá fora. Aí eu faço isso tudo. Vou dar-lhe o tempo que a pessoa precisa. Obviamente que se a coisa se prolongar por muito tempo vou dizer qualquer coisa de forma a trazer a pessoa para a realidade: que estamos a trabalhar a história de vida.

45. O facto de a pessoa pensar e escrever sobre esses momentos mais traumáticos e - aqui invoco as tuas duas funções. Consideras que será interessante ou importante para a superação desse próprio momento e das complicações advindas desses momentos?

Sim, mas eu acho que as pessoas não escrevem. A maior parte das vezes não escrevem. Mas revivem-nas! Revivem-nas para elas próprias. Quando me dizem: “Doutora, estou com a cabeça ‘feita num oito’, porque lembrei-me de coisas que não me queria lembrar, estavam esquecidas e não sei quê”. Isto são aquelas coisas que vamos fazendo, que podem estar certas ou estar erradas, mas que eu faço: o facto de as pessoas reviverem a sua vida vai reestruturar, re-perspectivar as situações vividas. Eu acho que isto vai ajudar e muito no crescimento da sua autoestima. Vão ver o que foram capazes de fazer; vão retrabalhar; vão reanalisar as suas partes difíceis das suas vidas e é aquilo que, a meu ver, que traz o tal aumento de autoestima que tanto se fala.

46. De facto muito se fala da questão da autoestima e até é uma das críticas, que dizem que os processos de RVC trabalham muito – e trabalham bem, eventualmente, nunca vi críticas em contrário – a questão da autoestima mas que a parte de conteúdos, a parte cognitiva, é menos trabalhada, não haverá tanta correspondência ao modelo escolar. Tu achas que essas críticas têm fundamento? Pondo de outra maneira: de que maneira é que autoestima é importante para a vida das pessoas?

É importantíssima! Se uma pessoa não acredita nela própria, nas suas capacidades e no que é capaz de fazer, não vai ter capacidade de empreendedorismo. Portanto, eu acho que se bem que seja, aparentemente, um ganho subjetivo, que não é subjetivo, porque ele depois pode-se aplicar na prática. Obviamente que uma pessoa que não gosta dela, se não gosta dela, não acredita nela, não se vai arriscar a nada! Quando uma pessoa aumenta sua autoestima tem uma capacidade de relacionamento com os outros melhor. Porque também se gosta mais dela também é capaz de gostar mais dos outros. Portanto, em relação a isso, acho que ainda não está muito bem visto o ganho que é o aumento da autoestima, a melhoria do relacionamento familiar, tudo isso vai ter implicações sociais e na empregabilidade que tanto se fala. Quanto aos conhecimentos escolares, é verdade! É verdade que não temos um conhecimento escolar, nem de longe nem de perto, nem é isso que se quer, nem é isso que se procura! O que se procura é precisamente o contrário: o que é que as pessoas aprenderam e o que é que se pode corresponder. Para além disso, eu acho que se procurasse, se calhar, outros temas mais interessantes... Mais necessários! Porque eu até acho muito giro: o DNA, a hereditariedade, a genética, mas é um conhecimento... Ok, tudo bem! Eu sou parecida com a minha mãe e com o meu pai; os meus filhos são parecidos comigo, no fundo é o que vai dar. É engraçado mas não é essencial para a vida, para sobreviver! Se calhar, por exemplo, despertar nos adultos, arranjar uma técnica para isso, criar ideias novas, para criar novos negócios, etc. Isso poderia ser muito mais interessante do que os átomos. Pronto! Acho que há uma tentativa falhada de querer igualar o Referencial à parte da escolaridade, o que não faz muito sentido.

47. A relevância social do processo de RVCC derivaria dessa capacidade de ativação. A autoestima enquanto um mecanismo de ativação de outras realidades. De ativação até em termos parentais, familiares e de mudanças e de uma certa – chamar-lhe-ia – instrumentalização ou instrumentalidade do conhecimento que fosse mais adequado às próprias pessoas?

E às necessidades das próprias pessoas.

48. Uma vertente mais...

Uma vertente... Teria de ser uma vertente mais direcionada para o bem-estar das pessoas, para a capacidade de agir... Os conhecimentos são importantes porque até inclusivamente acho que o facto de ser difícil isso vai-lhe dar autoestima também. Porque chegam ao fim a pensar: “cheguei a fazer uma coisa complicada e difícil”. Mas não tanto desta forma que se pede conhecimentos que ninguém tem! Ninguém tem. Nenhum licenciado tem! E se nós sabemos que os licenciados ao fim de dois anos perdem 50% do conhecimento que adquiriram, que no fundo são conhecimentos memorizados e muitas vezes nem isso e, muitas vezes, pouco interiorizados. Se se pede isso aos licenciados o que vai acontecer com o processo de RVCC, com os adultos do processo de RVCC, não é.

49. Temos estado a focar muito nesta questão cognitivista. E a dimensão relacional, achas que está bem trabalhada? A dimensão dos afetos, que é um dos temas que te interessa, a questão dos sentimentos e da manifestação dos sentimentos, do crescimento interior das pessoas. Achas que está bem trabalhada no processo de RVCC? Achas que poderia ser mais bem trabalhada? Não tem de ser trabalhada?

No processo de RVCC não! Porque o processo de RVCC é todo cognitivo. Não tem nada a ver com os relacionamentos. Mesmo em CP em que falas de tu e do outro... A parte relacional tem de ser dada por profissionais [*com uma certa sobrançeria*]. É uma aprendizagem vicariante que eles têm de fazer com os profissionais. É importante que os profissionais estejam bem...

50. Quando falas em profissionais? Não é de RVC? É profissionais tipo psicólogos...

Não. Eu estou a falar de profissionais de RVC que são aqueles que mais estão com os adultos. Se bem que também deveria ser pelos formadores, mesmo que seja uma relação mais... Eles têm menos sessões, portanto... Ou passavam a ter mais sessões e passavam a funcionar. E seria muito bom eles terem vários modelos relacionais é que o modelo relacional...

51. Achas importante essa diversidade de modelos relacionais?

Claro até porque há sempre hipótese de um adulto se “identificar” mais com A, com B e com C. Quanto mais disponibilidades ou modelos eles tiverem melhor! Quanto à parte relacional eu acho que tem mesmo... É como na vida: cada um está a ensinar ao outro como se relacionar. Não é escrito! É sentido, por isso...

52. E pode ser transmitido?

Não. Tem de ser vivido. Tem de ser sentido.

53. Podemos induzir essas vivências?

De que forma?

54. A pergunta é para ti! Podemos induzir as vivências. Por exemplo, conduzir, digamos assim. Não transmitir a experiência mas dizer: “se forem por ali, abram os olhos, pelo menos, para aquilo”. Achas que se pode fazer isso? Essa atitude é um bocado o fundamento da educação; é o fundamento da orientação. Esta capacidade de conduzirmos, mais ou menos.

Sim. Enquanto profissional podes fazer isso. Enquanto psicólogo, tu não deves fazer isso, enquanto psicólogo clínico, não deves fazer isso. E na minha linha teórica, que não é a de toda a gente. Se calhar

um cognitivista dizia: “sim senhor, faz-se isso”. Com a minha [*psicologia*] Dinâmica é a própria pessoa que vai descobrir dentro dela o caminho a seguir. Tu estás ali ao lado, podes dar uma pequena achega e uma palavra, mas não dás mais do que isso. É terapêutico!

55. Poder-se-á entender como uma certa forma de condução não muito direcionada.

Quase nada. É a própria pessoa a descobrir dentro de si.

56. Consideras gratificante trabalhar enquanto profissional de RVC?

Considero.

57. Consideras gratificante porquê?

Porque gosto de trabalhar com pessoas e porque gosto de me relacionar com pessoas. Gosto de despertar a curiosidade, o conhecimento, o gostar de saber, o querer saber mais nas pessoas, sempre gostei disto. E passa muito por aí, exatamente, este trabalho enquanto profissional de RVCC.

58. É atrativo?

Sim.

59. Nessa linha?

É mais naquela linha de “vamos despertar a vontade de saber nesta pessoa”. Deixa-los... Abrir-lhes... Não é abrir-lhe os olhos mas: “olhe, olhe aquela plantinha que tem ali, aquela pintinha que não sei quê”. Estou a exagerar! Para mim saber é bom! Se para mim saber é bom eu penso, mesmo sendo capaz de achar que pode não ser assim, para o outro também é bom saber. Pode haver pessoas que não querem saber nada. É bom saber! Não é ter os conhecimentos fora de nós, é ter os conhecimentos dentro de nós e ir buscá-los quando precisamos. Isso dá-me muito gozo! Dá-me muito gozo, quando numa conversa qualquer, com qualquer pessoa, com qualquer grupo... É assim um gozo, do género: “ainda bem que eu não copie; eu estudei e fiquei a saber e buscar um conhecimento de há 50000 anos atrás... Como se eu tivesse 50000 anos... mas ele está cá, está cá”. “Lembras-te que tu estudaste isto?” Acho que maioria do pessoal hoje em dia, não estuda, não sabe, não fica. Passa mensagens, não sei que e não sei que mais e depois não ficam a saber nada, não têm as coisas dentro deles.

60. E rejeita! Se calhar rejeitam até essa atitude...

Eles querem é passar. Eu acho que isso vai dar mau resultado. Vai dar muito mau resultado!

61. Para desempenhares as funções que desempenhas, achas que há uma dimensão de missão? Há uma dimensão de vocação nessas funções que desempenhas? Ou, por outro lado, pode ser uma coisa que surge, que se vai criando, que se vai cultivando? Estavas predestinada a ter essa função educativa, digamos assim?

Eu diria que por um lado sim, por outro lado não. Se eu dou formação há tantos anos – e agora lembrei-me de uma referência, de uma irmã que diz: “nós já somos a 4ª geração de professores”. Professores ou formadores. Ela é que se lembrou lá disso – mas é assim, se por um lado, há tanto tempo que eu dou formações, está na sequência, está no seguimento. Eu vou dizer assim, podendo não ser assim: se eu não visse que neste trabalho ou neste processo nesta profissão não houvesse uma ligação à ajuda, com a psicologia, não me...

62. ...Interessaria...

...interessaria.

63. Portanto, a tua vocação original será mais a Psicologia e esta será um aspeto secundário, ainda que ligado, que articulado, mas ainda relativamente secundarizado.

A coisa que eu mais gosto mesmo de fazer - das coisas profissionais que eu fiz até agora... Estava-me a lembrar por exemplo, que na Clínica de Adaúfe fazia reuniões com os toxicodependentes em pequeno grupo, grande grupo, consultas individualizadas. Sempre o que eu gostei mais, mesmo mais, não é só na clínica mas na vida em geral, foi de dar consultas, só consultas. É um estado diferente! Não estás da mesma maneira! Para já é assim! Para já estás com atenção flutuante e para já o teu cérebro está a funcionar de outra forma. E é, de facto, o trabalho que eu mais gosto, onde eu me sinto bem. Não tem nada a ver, mas o M. chegava-me a dizer: “estás com uma cara!” Eu vinha “transformada” das consultas. É tipo, a mim faz-me lembrar - não tem nada a ver - mas faz-me lembrar quando andava a estudar e estudava matemática, na altura era o 7º, 8º e 9º, não 10º, 11º ... quando eu passava um dia de fim de semana a estudar matemática, eu chegava ao fim do dia assim: aérea, fora! É esse sentir!

64. Quase como se fosse uma droga que te alterava, que te punha noutra dimensão. Vai ser por aí que vai passar o teu futuro profissional? Vais continuar a dar consultas? Nós falamos um bocado deste momento de indefinição... como projetas?

Se eu tivesse uma varinha mágica, uma varinha de condão, o que faria era dar consultas, trabalhar em clínica, consultas, *group* análise, mesmo que fosse em grupo, mas era na área da clínica e na área da psicoterapia, essa seria pronto... A varinha mágica! Não havendo varinha mágica, vamos ver o que o futuro nos trás.

65. Um dia de cada vez...

Eu também sei que sou capaz de tocar vários instrumentos. Também já devia estar a reformar-me, [*risos*] se não tivessem sido mudadas as regras. Mas pronto, logo se vê!

66. Analisando uma questão mais organizacional, estás satisfeita – e esta pergunta é um bocado relativa – com as tuas condições de trabalho, com o contexto organizacional em que trabalhas – e aqui não é só a questão interna. É a questão das remunerações, do horário de trabalho, da intensidade de trabalho, toda esta dimensão. O que é que tu comentarias disto?

Comentaria que não estou satisfeita. Eu, não me esqueço, que sim, senhor, eu faria o horário que fosse necessário e até à meia-noite. Foi logo a questão inicial! O que não quer dizer que ao fim de cinco anos não esteja cansada de ter o horário que é o horário diferente de toda a gente. O horário mudaria! Em relação ao trabalho em si, acho que ninguém gosta de picos e de baixios, e picos e baixios, mas aí não me parece que seja possível mudar grande coisa, porque depende muito da população que temos, de mais ou menos e por aí fora. Em relação ao vencimento é assim: obviamente que não estou satisfeita com o vencimento por várias razões, mas algumas eu sou responsável por isso, eu passo a vida a dizer isto. Porque eu com 34 anos de trabalho - não foi sempre trabalho na mesma coisa – mas de qualquer das maneiras não deixam de ser 34 anos de trabalho, olho para o lado e toda a gente recebe o dobro ou o triplo de mim. Mas, como eu penso: “ok, mas sempre fui fazendo isto, aquilo e aqueloutro, voltei sempre à estaca zero, etc. etc. etc.”. Portanto, acontece assim – também não sei muito bem se é assim mas é o que eu vou pensando. Independentemente disso, claro que a descida do primeiro para o

segundo contrato já é – se bem que o primeiro contrato já fosse mau, o segundo passou a ser pior. Muito pior e se olharmos à nossa volta e que vamos sabendo que há pessoas que desempenham as mesmas funções que nós, que eu e que têm vencimentos muito superiores de uma diferença significativa ainda mais frustrada a pessoa se sente. Isto é por um lado. Por outro lado, o que acaba de ser por um lado a nossa vertente complacente de português: é melhor pouco que nenhum! Pensando que cada um de nós tem sempre as suas contas para pagar, etc. pior será se deixarmos de ter um dia. Perante isto e não havendo nada a fazer porque ainda por cima nós não conseguimos obrigar o governo a pagar-nos mais. *[risos]*. Olha, vai-se vivendo!

67. Vai-se vivendo! Mas e esta dimensão relacional, o facto de o horário de trabalho ser um bocado adequado à vida dos adultos, mais do que à nossa própria vida. Fizeste algumas alterações em termos pessoais, em termos sociais, como vais gerindo a tua vida nesse sentido?

Claro que tive de fazer as alterações que são necessárias para uma pessoa que fica a trabalhar até às 10 ou 11 da noite. Aqueles tempos familiares perdem-se, porque entretanto a manhã que tens livre também já não estás com os outros, ou etc. mas é assim... *[suspiro]*

68. Tu já tens os teus filhos crescidos. Imagina que tinhas os teus filhos pequenos, com esta ocupação.

Eu se tivesse os filhos pequenos e sem o **M.** de certeza que eu teria de deixar, obrigatoriamente. Eu lembro-me na altura no primeiro contrato que uma candidata tinha um bebé de meses, que tinha acabado de nascer e que não aceitou por ser um horário até à meia-noite. Não pode ser!

69. Profissional de RVC, neste sentido será para gente solteira, descomprometida,...

...Viúva...

70. ...[viúvos], sem filhos pequenos. Exatamente? Precária, então? Apesar de ser atrativa, apesar de ser gratificante nesta dimensão relacional...

Sim, pois, depois está tudo o resto. *[suspiro]*. Há um bocado aquela sensação e por causa daquilo que estamos a viver atualmente: isto é uma situação passageira! Se calhar daqui a uns meses morreu, ardeu tudo e depois logo se verá. Pois! *[suspiro]* Eu estou aqui a pensar numa coisa... Não tem nada a ver, mas também tem a ver. Eu quando trabalhei nessa clínica eu tinha um horário terrível e chegava a trabalhar Sábados, Domingos e feirados alternados e a minha filha tinha para aí 6/7 anos. E, uma vez, fez-me um livrinho para me oferecer. O livrinho que ela me fez é: “A mãe trabalha na clínica de Adaúfe! À segunda-feira trabalha, etc.”. No fundo ela já estava dizer-me mesmo que eu... nessa altura estava o **M.** – que eu nunca estava em casa, porque estava sempre a trabalhar.

71. E é complicado!

Quando os miúdos estão nessa idade é complicado. Agora já ela também ficava sozinha porque que eu vinha para aqui. Mas já tinha mais idade, já tinha 17 anos, portanto já se conseguia resolver-se melhor.

72. Pois...

Pois. Mas os filhos sentem muito!

73. [Pausa] Sim, imagino [risos]. Dando um outro salto. Saindo desta questão mais íntima, mais pessoal para passarmos para uma dimensão mais institucional. De que maneira é que tu consideras que esta profissão deveria ser regulada? Ou seja, achas que esta ocupação está bem como está, a regulação é suficiente? Ou seria necessário outro tipo de regulação? E por regulação refiro-me a restrição de acesso à profissão; restrição em termos de licenciaturas que podem ser utilizadas para ser profissional de RVCC; em termos de códigos deontológicos. O que tu achas desta regulação? Faz sentido? Não faz sentido haver mecanismos reguladores?

Sim. Olha! É engraçado porque inicialmente eu achava que...

74. Estão a espreitar pela escotilha.

Eu achava que, por exemplo, o Técnico de Diagnóstico deveria ser um psicólogo. E continuo a achar porque é vocacional. Em relação aos profissionais de RVC eu achava um bocado estranho que outros cursos que não de Ciências Sociais estivessem presentes. Atualmente - obviamente que tem a ver com a experiência que eu tenho tido com os colegas também – acho que não. Acho que qualquer pessoa pode ajudar. No fundo acaba sempre por ser isso, ajudar os adultos a fazer o seu portefólio.

75. Mas achas que, por exemplo, poderia ser útil fazer uma espécie de processo de RVCC para profissionais de RVCC? Ou seja, que lhes possibilitasse uma espécie de certificação que o habilitasse ao exercício das funções? Ou seja, a regulação não ser feita pela licenciatura mas sim por uma prática.

Faria sentido agora que há profissionais com experiência. Antigamente não fazia porque não havia. Haveria provavelmente as pessoas, como eu, como tu, como outras que trabalhamos nos EFA. Quando apareceu não havia nada! Foi abrir caminho. Agora já há uma população suficientemente vasta. E, se calhar, até poderia ser bom. Acho que poderia trazer mais correção e honestidade. Teria de trazer! Não era só porque sei o que está neste DR [*Domínio de Referência*] ou o que está neste. Tipo um código deontológico do profissional de RVCC. Trazer mais honestidade e correção à prática à profissão. Acho que podia ser uma forma de “limpar”. Nós sabemos! Podemos não ver mas ouvimos dizer partindo do princípio onde há fumo há fogo. Podia eventualmente limpar a imagem.

76. A imagem...

E trabalho.

77. Seria por uma espécie de ordem. Uma associação profissional forte, reguladora. Seria por aí?

Sim.

78. O que achas destas recentes movimentações para a construção e para a implementação destas recentes associações profissionais dos Educadores e Formadores de Adultos?

[*Indefinição*] Se eu acho que...

79. O que achas do que tens visto?

Não tenho visto muito! Não tenho visto muito e ainda por cima existe depois de 20 anos de luta da Ordem dos Psicólogos e eu não me inscrevi. Pode ser assim um bocado contraditório.

80. Estou a falar também dos profissionais de RVC. Daquela ANPEFA?

Pois, o que eu te estou a dizer é assim: Acho bem, mas... Noutro lado. Também é diferente! A Ordem dos Psicólogos tem pouco tempo mas luta pela Ordem, pelo curso e por essa profissão. Já existe há muito mais anos do que profissional de RVC, que é relativamente recente. Mas eu acho bem! Eu só acho bem se, de facto, houver uma verificação. Haver uma Ordem só para pagar quotas não interessa; ou haver uma Ordem só porque dizem que 'sim senhor' verificam a prática profissional não interessa, isso não interessa nada! Então é muito complicado, mas é como tudo – é um bocado tolo – mas é como tudo, é necessário verificar! Haver um certo controlo, garantir que as pessoas não estão a funcionar de uma forma desastrosa para os outros. Seja onde for. Senão, é só aquela coisa para ter o 9º.

81. Tu falas de uma forma de controlar, de regular, de verificar. Mas essa verificação tem de ser feita com base numa determinada tipologia, de caracteres, de atributos, e tudo mais. Que caracteres, que atributos é que tu achas fundamentais para, ou que são fundamental para o exercício da profissão de profissional RVC? Há alguns que tu salientes assim?

[*suspiro*] Olho para profissional de RVC ou para outra profissão e vai ser mais ou menos a mesma coisa. Eu acho que tem de ser uma pessoa informada, tem de ser uma pessoa culta, tem de ser uma pessoa capaz de dar resposta, ou de assumir: “eu trago-lhe a resposta” e trazer. Tem que ser correta; tem que ser honesta; tem que ser capaz de claramente explicar, explanar as coisas aos adultos e eu acho que ao mesmo tempo tem de ser um incentivador, um motivador, um bocadinho maternal, assim um bocadinho mãezinha. Porque, de facto, aquilo que é feito neste momento, eles têm mesmo de trabalhar e bastante. E muitas vezes precisam mesmo daquele amparo para ganharem fôlego para continuar e ir por aí fora. Mas essas características não sei se são específicas do profissional de RVC, se calhar não são, se calhar podem-se aplicar a muitas profissões.

82. Mas à partida são um bom indicador de um certo profissionalismo?

Sim! Pois, empenhado, motivado porque depois há todo o trabalho que não é ...

83. Qual é esse trabalho?

O burocrático e não sei quê!

84. O que avalias desse trabalho?

Esse trabalho é um trabalho inglório. Inglório no sentido porque rouba muito tempo e pouco dá para o processo. Acho que se perde muito tempo. Acho que também não há ninguém que não se queixe de que o trabalho burocrático faz perder muito tempo e fica menos tempo para... Mas pronto tem de ser feito, tem de ser feito.

85. Qual é o peso do trabalho burocrático?

O peso do trabalho burocrático [*indefinição*]. Nem sei: 50, 50 ou mais

86. 50% do teu tempo é consumido no trabalho burocrático?

50 ou mais.

87. Falamos há pouco deste contexto: do contexto da indefinição, do contexto de uma certa morte a prazo. Que ideias é que tu tens sobre este assunto? Achas que vai terminar o

processo de RVCC; que vão terminar os CNO? O que é que achas? As informações a cada dia que passa mudam...

Pois, eu como vejo tudo tão parado, nem para a frente nem para trás e mais com as notícias que vão saindo – pode ser que não seja – mas possivelmente que isto vai até 2013 como estava previsto. Para começar, porque depois logo se iria ver em 2013 o que vai acontecer, porque depois não podem do pé para a mão darem... Mas isto também pode ser o meu desejo. Até 2013 as coisas estão asseguradas. Vamos ver! Mas está esquisito, está esquisito, começam por sair notícias taxativas de que sim senhor vai fechar e depois a coisa vai-se diluindo e já não se fala de nada. [*Suspiro*] Olha: se acabar acabou, se não acabar não acabou depois logo se vê e depois temos de resolver a vida, não é antes.

88. Não é o pior que pode acontecer?

O fechar?

89. Sim: 54 anos de perspetiva, 34 anos de trabalho e de vida dão-te outra perspetiva. Ou dar-te-ão.

Sim. Pela porcaria das novas leis eu tenho de trabalhar mais 7 ou 8 ou 9 ou 10 ou... já me perdi nos anos que tenho de trabalhar. Mas eu não acho justo, porque se eu comecei a trabalhar aos 18, eu deveria terminar... Como vai acontecer não sei. Não sei e depois é assim! Eu obviamente que não tenho 30 anos a pensar: tenho de arranjar um trabalho. Vou tentar que seja de acordo com o que eu gosto. Posso eventualmente ser promovida. Não tenho uma vida de trabalho pela frente. Eu tenho um fim de vida, um resto de vida, eventualmente, de trabalho pela frente, portanto, é um bocado mais: “ok, vamos aguentar um bocado mais estes anitos, e pronto”.

90. Achas que vais continuar a trabalhar... imaginando o fim... deixando de trabalhar como profissional de RVC? Achas que deixarás de trabalhar na Educação de Adultos: como formadora, como...

O mais fácil é como formadora. Continua a ser! Quando vim para Braga foi em 1989. Por acaso até tive hipótese de trabalhar no PIPS. Trabalhar como formadora era onde havia mais abertura e, por isso, acabei por trabalhar muito mais como formadora do que como psicóloga clínica. Não sei se daqui para a frente vai haver – provavelmente não vai haver – e cada vez há mais formadores também, mas também há outra vantagem que é a experiência. Ter anos de experiência nalgumas situações terei vantagem, noutras situações não, preferem. E não sei... Sei lá... O que irá acontecer amanhã.

91. Normalmente a minha última pergunta seria relacionada com o futuro profissional e tu já respondeste. Não sei se tens alguma dúvida a colocar, algum último comentário.

Não! Vou pensar nessa formação para a *ent#4*.

92. Para a *ent#4*

Só.

93. Não haveria outro tipo de formação - mesmo que não tivesse nada, nenhuma vertente profissional - que tu gostasses de fazer? Ou que seria útil para o teu trabalho? Nessa dupla dimensão...

Não. Não. É assim: aquela formação que eu tinha mais expectativas que era sobre teatro, arte dramática na formação que saiu gorada era uma coisa que eu achava muito interessante...

94. Se calhar foram os formadores?

Foi o formador foi! Foi o formador! Eu acho que nesta altura do campeonato estou muito mais voltada para coisas que goste... coisas, pronto, do género de arte, do género de música, coisas que são boas para a alma...

95. Mais estéticas.

Do que propriamente para o trabalho. Trabalho é a tal coisa, nesta altura...

96. Vale o que vale! É uma dimensão relativamente...

Já foram muitos anos! Fui fazer esta formação!

97. Esta última?

Esta última, porquê? Porque tenho duas formações da ANQ e falta-me a terceira e poderia ser necessária para um concurso.

98. Pois!

Porque senão não teria ido. *[risos]*

99. Vais fazer formação com um fim instrumental.

Era mesmo só por aí. Não era por vontade de formação nenhuma, aliás. Vê-se pelo trabalho. Tal como a anterior também foi especificamente... porque eu só tinha uma, para o concurso aqui para a escola. Também já fui fazê-la e depois já fui formadora... Para currículo. Eu aceito, admito e acredito que todos nós devemos estar constantemente a atualizar. Mas chega a uma altura... Chega a uma altura que se diz basta. Não é que não precise de me atualizar mas já é muita coisa. É muita experiência de vida! Muita experiência de vida.

100. Tens é de organizar os pensamentos!

De resto está lá tudo!

Pronto, está terminado. Obrigado!

Transcrição da Entrevista 5

| | | | |
|-------------------------|---|--------------------|-------------------|
| Entrevista | 5 | Data da entrevista | 04/07/2012 |
| Código do entrevistado | E5 | | |
| Instituição empregadora | Centro Novas Oportunidades Associação Alfa | | |
| Tipo de contrato | A Termo Certo | Fim do contrato | ? |
| Idade | 37 anos | Estado Civil | Casada |
| Nível de escolaridade | Licenciatura em Psicologia; | | |
| Experiência de trabalho | 11 anos como Profissional de RVC Experiência anterior como formadora | | |

1. Como te tornaste profissional de RVC? Há quanto tempo?

Eu tirei Psicologia das Organizações aqui na Universidade do Minho. Depois de tirar a minha licenciatura trabalhei como formadora. Antes de ser formadora tive um estágio numa empresa de consultoria e trabalhei na área de recursos humanos: avaliação de formação e recrutamento e seleção de pessoal. Depois passei para formadora em algumas formações na área comportamental, ligadas à minha licenciatura. Depois fui contactada pela Associação, para ir a uma entrevista, logo no início de todo este trabalho ligado aos RVCC. Na altura era para ser Técnica de RVCC no Centro de RVCC da *Associação Alfa*, que tinha sido... é um projeto. Tinha sido uma candidatura que eles tinham feito e que foi aprovada e eu fui contratada. Não sabia o que era! Era uma coisa nova! Quando fui contratada, no dia seguinte fui ter formação – acho que foi no Porto – já não me recordo onde é que foi – para dar início a esse trabalho. Isso já foi há uma década. Por isso, em termos de experiência profissional, inicial, ou seja depois da minha licenciatura, posso dizer que tenho alguns conhecimentos na área de recrutamento e seleção de pessoal, na área de avaliação de formação de 2º nível, avaliação a frio, acho que é assim e depois de técnica de RVC.

2. A Associação Alfa é um dos primeiros seis Centros a começar em Portugal.

É um dos primeiros seis Centros a começar em Portugal. Em Braga, havia dois: a *Associação Alfa* e a *Associação Beta*. Eu acho que o facto de a *Associação Alfa*, o facto de a candidatura ser aprovada foi porque nós direccionamos e focamos muito a nossa candidatura para a nossa especialização, ou seja, a nossa ligação direta com as empresas. E, provavelmente, isso fez com que houvesse dois Centros em Braga. A *Associação Beta* não sei o que referiu, nós referimos esta parte das empresas, termos uma ligação mais próxima. A ideia seria o Reconhecimento Escolar, ou aquilo que fosse feito no âmbito do RVCC, fosse direccionado para as empresas da região Minho. E foi o que aconteceu! Nós depois começamos a contactar as várias empresas da região Minho. Algumas parceiras associadas da Associação para fazer lá o trabalho. Por isso éramos também um Centro itinerante.

3. Como foi essa experiência? O ser contratada num dia e no dia seguinte já ter que ir fazer formação para uma coisa que é relativamente, que era relativamente nova.

Foi interessante! Primeiro porque era uma coisa nova. Depois estava no início da minha carreira e então também existe aquele empenho, aquela motivação, aquela vontade de aprender. Quanto mais novo melhor. Agora também! Mas pronto, na altura também senti isso. E depois porque as coisas também começaram devagarinho. Era uma coisa nova e não tínhamos ainda no início as metas. Estávamos a trabalhar! Eles criaram os seis Centros também para operacionalizar, ou colocar no terreno aquela teoria que eles tinham: da aprendizagem ao longo da vida, do reconhecer competências das pessoas, de trazer alguma justiça à população portuguesa. Nós fomos aprendendo! Nós fomos aprendendo a trabalhar no terreno, a aplicar aqueles conhecimentos teóricos no terreno, apesar que já havia materiais, mas tivemos que aplicar pela primeira vez esses materiais. E depois o que se trabalhava muito? Não como se aplica, mas os conceitos que estavam subjacentes a esse trabalho. Então, nós tivemos várias formações ao nível da Aprendizagem ao Longo da Vida, o que são as narrativas... Mais a base deste trabalho, para nós percebermos a importância e depois aquela separação mesmo do que é que é o formal e o que é o informal e o não formal. O que é a escola e o que é o Centro de RVCC. Esta nossa lógica, logo do início, foi logo criada. Daí que nós, na altura, quando as escolas, começaram a ser introduzidas nesse sistema, havia pessoas que achavam um bocadinho esquisito pôr professores de um sistema formal a dar algo que deveria sair, ou que, na altura, foi criado para ser uma alternativa à escola. E porque nós fomos

'trabalhados' nesse sentido; para nos consciencializar de uma nova forma de aprendizagem. Até nem era uma nova forma de aprendizagem... Uma nova forma de reconhecer as aprendizagens.

4. E quem é que eram os formadores? Quem é que vos estava a ajudar? A enquadrar?

Era a ANEFA. Era a equipa da ANEFA e depois contratavam pessoas ligadas – teóricos – ligados à área da Aprendizagem ao Longo da Vida/Educação e Formação de Adultos. Então, por exemplo, nós tivemos várias formações com - deves conhecer - a Loreto, Maria Loreto – não me recordo do primeiro nome, é muito conhecida. Já na altura era uma senhora com alguma idade, já na altura era – Loreto qualquer coisa. Chegamos a ter também com outra muito conhecida, também nesta área, muitos dos livros nesta temática são dela. Não era a francesa... Nós também falamos muito da Christine... Bem esquece. Agora não me lembro dos nomes.

5. São várias!

São várias. Mas esse nosso trabalho era muito direccionado para isso. Para tentarmos perceber isso. E, por exemplo, até para pensarmos o que a gente pode tirar da narrativa, utilizando esse método, a narrativa. Retirar dessa narrativa as competências. Depois começou a abrir os novos centros. Desses seis começou a abrir mais alguns e os técnicos, eu e a minha colega e outros, começaram também a ajudar na formação dos novos colaboradores e aí já podíamos falar um bocadinho da aplicação do Dossier Pessoal e Profissional, dos instrumentos de mediação, era isso. Recordo-me que desde o início, não no primeiro ano, houve uma grande preocupação nossa em receber diretrizes da ANEFA. Coisas mais concretas, mas eles não eram capazes de nos dizer isso e eu agora compreendo. Eles estavam à espera também do nosso *feedback*.

6. Licenciaste-te em Psicologia das Organizações aqui na Universidade do Minho. De que maneira a tua licenciatura te ajudou, ou te facilitou essa integração profissional e esse agarrar de um outro projeto? Trabalhaste conteúdos na tua licenciatura que depois mobilizaste ou utilizaste nessa experiência?

Trabalhei! Trabalhei ao nível do relacionamento interpessoal, ao nível do contacto com o outro, no conseguir... Na própria entrevista, para ver se a pessoa tinha ou não tinha perfil para entrar num processo de RVC, a forma como se conduz uma entrevista, a forma como se percebe algo da pessoa a partir da linguagem não-verbal dela, a forma como se deixa a pessoa à vontade, a esse nível. Isso são competências que tu adquires, não competências... São conhecimentos que são trabalhados na área da Psicologia, nesse contacto com o outro, com o utente, com o paciente, seja como for; na relação que se estabelece e como se conduz, como se consegue que a pessoa fique mais à vontade; como se conduz a intervenção da pessoa; como se leva a pessoa a escrever aquilo que nós queremos que se escreva, a tal narrativa. Por aí, isso era trabalhado na Psicologia e também trabalhado na formação inicial para os técnicos de RVCC.

7. Foi relevante essa formação?

Não te consigo dizer. Eu acho que isso também tem muito a ver com a pessoa em si. Pode haver pessoas que também sejam capazes de trabalhar isso sem ter formação em Psicologia, mas isso é como em tudo. Se tu até tens aptidão para uma coisa e depois, se calhar, fazes uma autoaprendizagem e até és capaz de chegar lá. Mas acho que ajuda, claro! Acho que há bons e maus psicólogos, como em todas as licenciaturas. Agora acredito... é lógico que um técnico de RVC esteja ligado a áreas das Ciências Sociais e Humanas, mas se calhar porque tens de definir uma licenciatura. Se não tivesses de definir

uma licenciatura, acho que depois poderias criar um perfil de competências e numa entrevista para esse profissional, ver se essa pessoa teria essas competências/conhecimentos independentemente da sua licenciatura, mas no nosso país nós trabalhamos muito com uma base: a licenciatura disto, a licenciatura daquilo. Há empregos que eu se calhar até achava, que eu até ia conseguir, não engenharias, mas outros. Provavelmente alguém que tirou ou Comunicação Social ou Jornalismo vai à frente... Não te consigo dizer. Porque isso já foi trabalhado! Inicialmente só poderiam ser técnicos de RVC psicólogos. Não, não era nada! Eu sei que depois passou para Ciências Sociais e Humanas. Tenho uma colega minha, desde há oito anos, é técnica [de RVC] e é socióloga! Entretanto, agora tu podes ser técnico de RVC com qualquer formação. Tens de ter experiência.

8. Como te preparaste para este desafio? Como te foste preparando? Qual tem sido o teu trajeto em termos de educação? Se tens visto mudanças, se não tens visto?

Mudanças em quê?

9. Nas metodologias utilizadas, nas abordagens. São dez anos! Já viste muitas alterações e muitas mudanças. Falaste de uma que foi essa mudança das licenciaturas necessárias, para...

Mudanças, não há assim muitas mudanças, se queres que te diga. Eu acho que eles acabaram de alguma forma por definir mais o nosso trabalho, em termos de instrumentos a utilizar, das regras, aqueles caderninhos que eles nos entregaram, os manuais: de como se deve fazer uma sessão de júri, como o Técnico de Diagnóstico. Inicialmente não havia Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento, aí houve mudanças! O problema aqui é que as mudanças surgiram e houve uma formalização das coisas, só que aumentaram também o número dos Centros. Se isso tivesse acontecido logo no início com poucos centros, as coisas ficariam mais bem estruturadas – o tal *feedback* – e uma coisa ajuda a outra. Neste caso, perdeu-se um bocadinho... Obrigatoriamente teria de se definir! Porque, no início, nós já nos queixamos e éramos poucos. Depois, com tantos Centros a abrir, eles tinham de definir alguma coisa, se não cada Centro fazia o que queria. Repara, algumas atividades que nós fizemos, eles deram-nos – e ainda há Centros que utilizam isso – eles deram-nos os instrumentos, aquilo tinha um nome que eu não me recordo, mas era o «Mapa da Minha Vida», a «Família»... que ainda há Centros que utilizam. Nós, logo de início, quando pegamos naquilo, consideramos que era muito infantilizado e então decidimos reutilizar aquilo e adequar aquilo ao adulto e pensar: “qual é o meu objetivo?”. “O meu objetivo é reconhecer competências” E então, nós trabalhamos com a situação do percurso profissional. Detalhar mais. Algumas folhas que nós criamos e que agora até circulam por aí, desde o início. Acabamos por partilhar e cada Centro acabou por fazer o mesmo. O que acontece é que já voltei a ver noutros Centros os mesmos instrumentos que se utilizavam inicialmente. Pronto, e depois cada Centro acaba por utilizar aquilo que quer. E pronto, eles definiram. Inicialmente não havia Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento, realmente fazia-se uma entrevista. Havia o encaminhamento mas também não tinha muito por onde encaminhar, por isso, basicamente, aquilo seria, como eu entendia, não era um diagnóstico, era uma entrevista de seleção. Tu realmente analisavas a pessoa e vias se ela tinha competências para fazer um processo de RVCC. Ponto. O objetivo era o RVCC ou, pelo menos, era assim que eu entendia. Entretanto, depois começou-se a valorizar muito mais a entrevista de seleção e passou a ser o Diagnóstico e Encaminhamento. Começou a haver um Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento. Começou-se a valorizar, porque depois também começaram a aparecer outras ofertas formativas: os cursos EFA, os cursos de Aprendizagem, etc. Apesar de que inicialmente isso apareceu mas também pouca oferta havia.

10. Concordaste com a introdução dessa figura de TDE?

Concordo, concordo! Acho que sim! Acho que faz sentido.

11. Achas que faz sentido separar?

Separar? Separar, é assim. Eu já fui Técnica de Diagnóstico e depois passei a ser Técnica de RVC. As minhas colegas podem fazer o mesmo que eu. Até porque um Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento, quando tens muitas pessoas para trabalhar, tem muito trabalho.

Em muitos centros, por aquilo que eu também já ouvi, os seus colegas acabam por apoiar, se calhar até acabam por fazer tanto como Técnico de Diagnóstico, mas não assinam, digo eu. Apoiam! Até porque já nos deram essa... disseram que sim, que era possível: o Técnico de RVC pode ajudar o Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento. Por isso em termos de perfil é o mesmo. Misturar, acho que também não há problema, até diversifica. Uma pessoa que está dentro do Centro Novas Oportunidades pode fazer um bocado de tudo, desde que não esteja a trabalhar as mesmas pessoas. Eu posso estar a fazer um diagnóstico de 12º ano e estar a ser técnica de RVC de um grupo de Básico. Não acho que haja problema. Talvez, para que as coisas fiquem bem definidas em termos de gestão da própria equipa, se calhar fiquem duas pessoas responsáveis pela área e se calhar passado um ano ou dois anos para haver ali uma mobilidade... Mas isso é mais uma questão de organização da equipa. Agora se, têm competências, têm.

12. Similares?

Sim, sim! Até porque até faz sentido o Técnico de Diagnóstico perceber aquilo que se faz no processo de RVCC.

13. Eu também quando tive esse papel tive a impressão que me facilitava a vida eu receber o adulto e acolher o adulto. Porque depois já conseguia selecionar e fazer uma escolha até dos adultos que eu iria trabalhar e já tinha uma informação muito mais relevante. Não tens essa impressão? Não tinhas essa impressão quando fazias acompanhamento inicial?

Mas é que eu nunca fiz assim. Eu nunca fiz um diagnóstico e depois fiquei com esse grupo. Não, nunca aconteceu. Mas sinceramente, acho que sim, acho que tens razão. Ajuda porque já vens ali. O que é que acontece: o Técnico de Diagnóstico depois e aquilo que nós fazíamos é: nós juntávamo-nos com o técnico de RVC, passávamos a capa e fazíamos um resumo de cada participante. Por isso, realmente, se o Técnico de Diagnóstico e o Técnico de RVC fossem o mesmo, acho que sim. Agora, o que é que eu acho que acontece aqui? O eu acho é que o Centro Novas Oportunidades de repente, quando deixou de ser Centro de RVCC e passou para Centro Novas Oportunidades, o Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento não podia valorizar o RVCC. Então, o nosso trabalho não era RVCC. O nosso trabalho era apoiar a pessoa a aumentar a sua qualificação escolar, fosse RVCC, fosse outras ofertas. Daí, o que se calhar interessa ao Técnico de facto é conhecer bem todas as ofertas para poder encaminhar. Porque inicialmente não! Nós inicialmente trabalhávamos para o RVCC porque era isso que nós fazíamos.

14. O próprio nome do Centro era...

Centro RVCC. No momento em que passa para Centro Novas Oportunidades é diferente. Só que qual foi a confusão aqui. Confusão foi que, o RVCC continuou sempre a ser o Centro e depois as outras ofertas também demoraram a ser trabalhadas e a aparecer e a podermos encaminhar. E depois, eu sempre achei que havia uma discrepância enorme entre o RVCC e as outras ofertas. E depois também surgiu

aquela dúvida de que se o Técnico de Diagnóstico tem ou não tem poder de dizer que não. Uns diziam que sim, outros diziam que não e depois tem um conselho. A pessoa se exigir muito pode. Aquela situação...

15. Saltando um bocado e vamos retomar mais à frente alguns pontos. Como é que tu apresentas o teu trabalho fora da tua comunidade de prática? Nós partilhamos a mesma linguagem, sabemos do que se está a falar. Outras pessoas, mesmo tendo o RVCC dez anos aqui em Portugal, ainda há um bocado um desconhecimento do que se trata, ou se há um conhecimento é um conhecimento um bocado enviesado. Como é que tu apresentas esse teu trabalho? Aos teus amigos? A pessoas que não dominam... Como é que tu apresentas o que fazes?

É difícil. Como é que eu apresento? Primeiro, nesta altura do campeonato já não apresento. Como já te disse da outra vez. [Risos] Mas eu valorizo a parte boa. Valorizo quando nós começamos com isto, o ponto de partida. É excelente, é importante! Acho que sim, acho que faz sentido! Eu lembro-me, eu começava os grupos a dizer: “você lembram-se de tudo o que já aconteceu convosco e apareceu alguém a dizer, ‘esta pessoa não tem nenhuma escolaridade mas é mais inteligente do que não sei quem’”. Ou então, pronto, aquelas rivalidades entre um engenheiro e um técnico que trabalha no terreno e uma pessoa diz: “aquele é um engenheiro e tem um canudo e não percebe nada disto e eu é que tenho que lhe ensinar!”. Eu pegava nisto para valorizar este trabalho. Eu ainda acredito nisto porque realmente as competências são mais importantes – não são mais importantes – mas também são tão importantes como o conhecimento. Tu podes não ter o conhecimento teórico mas depois na prática aprendes. E aí é que está o valor. Por isso é que acho que qualquer curso em tu tenhas, tem que haver a mesma vertente teórica e a mesma vertente prática. E infelizmente nas nossas licenciaturas eu acho que isso não acontece. E isso é ridículo. Tu saís para o mundo de trabalho com montes de conhecimentos que muitos deles, já era... Tu decoraste naquela altura e passou. E quando é que vais buscar esses conhecimentos? Quando estás na prática e aplicas a alguma coisa. Então vais buscá-los e eles começam a ficar consolidados. É isso que eu acredito! Acredito quer para a licenciatura, quer para o RVCC. Daí que eu valorizo isto, e sempre que eu falo com alguém sobre isto, eu valorizo desta forma. Porque eu acho que há pessoas que aprenderam de facto, apesar de ser uma lengalenga porque é repetida tantas vezes. Eu acredito nisso, na filosofia por trás do RVCC. Concorde com todo este enquadramento teórico. Concorde com isso e valorizo dessa forma. Depois ao nível do 9º ano. Acho que nós conseguimos trazer ao mundo da educação, mundo da formação, pessoas que nunca conseguiríamos trazer de outra forma. Só isso é de valorizar! Acho que proliferou os computadores. Com esta coisa do *e-oportunidades*, do *e-escolas* apesar de, por detrás, haver muita politiquice. Acho que trouxe coisas boas. Tu agora tens pessoas que nunca pensarias que iriam mexer no computador. Tens pessoas de 60 e tal anos que têm uma página no *Facebook*. Isso é extraordinário! E lá para fora deve ser passado porque é um sinal de evolução. Tudo bem, não se apanhou outras coisas, tudo bem. Outras competências básicas ficaram ali perdidas, mas há outras que conseguimos realmente trazer para uma série de pessoas que estariam muito longe. E a vontade do aprender, na parte do básico. Depois também para aquelas pessoas que inicialmente precisavam e tinham as competências e que era uma justiça para elas receber um diploma. E nessa parte do 9º ano. Eu valorizo assim. Não acho justo as pessoas estarem a trabalhar há 15 anos, só porque não têm um diploma escolar e não podem subir de carreira e vem ali um miúdo qualquer com o 9º ano e é capaz de fazer a mesma atividade, pior, mas a receber mais por exemplo. Acho que isso também não é justo! Acho que o facto de começarmos a valorizar a escolaridade, houve aqui uma percentagem elevada da nossa sociedade que não apanhou essa importância da escola e que saiu da escola muito cedo

porque na altura não era obrigado mas que neste momento ainda é um elemento ativo da sociedade e que acaba por ser prejudicado por estas novas regras. Portanto, o RVCC veio vir criar ali alguma justiça.

16. Consideras que a tua ação é educativa? Consideras-te uma educadora e formadora de adultos?

[Silêncio]. Um pouco só.

17. Esse pouco é em que sentido?

Porque eu não sou formadora. Primeiro sou Técnica de Diagnóstico e depois sou Técnica de RVC. Agora acho que oriento a pessoa para a Educação e para a Formação.

18. És uma orientadora?

Sim, sim. Acho que elas acabam por aprender! Quando inicio um grupo digo: “por favor, lembrem-se que vocês não vêm aqui para aprender. Agora, nós estamos sempre a aprender. E vocês ao fazer este trabalho, vocês vão aprender e vão aprender sozinhos, o que vai ser ótimo! Agora o objetivo do RVCC não é aprender! O objetivo do RVCC é reconhecer o que vocês aprenderam. Se vocês acham que têm algumas lacunas, vocês vão ter de aprender, sozinhos ou com ajuda, mas vão ter de aprender para depois mostrar à equipa que, de facto, têm os conhecimentos. Mas só o facto de vocês estarem a aprender, nem que seja à pressão, é uma aprendizagem que vai ser reconhecida e é também a capacidade de conseguirem o tal raciocínio que vocês já têm e que vos leva a adquirir alguns conhecimentos que a vida não vos obrigou a ter, não houve necessidade de, mas que vocês conseguem adquirir com alguma rapidez”.

19. Estás a diferenciar a questão da transmissão de saberes, a transmissão de conhecimentos de uma orientação. A tua vertente será mais orientadora. Mas admites que haverá uma vertente educativa nessa orientação?

Há sim, sempre. Em qualquer situação da nossa vida! Nós estamos sempre a aprender. E como nós estamos na Educação e Formação de Adultos, claro.

20. E como é que os teus adultos te tratam. Algum te trata por professora? Por formadora?

Não, nós temos uma folha que diz ‘Termos Incorretos’, na brincadeira. Não é escola, é Centro Novas Oportunidades; Não são aulas, são sessões. Não sou professor, sou técnico. Chamam-me **E5**, ou Dr.^a **E5**. Quer dizer...

21. E o teu trabalho? O seres profissional de RVCC corresponde a um desejo de infância – [risos]... a uma missão, ou uma vocação. Gostas daquilo que fazes? Achas gratificantes seres profissional de RVC? Ou foi uma coisa que foste adquirindo? Que foi crescendo em ti?

Não! Fez parte do meu percurso. Apareceu! Como poderia ter aparecido outra coisa. Apareceu e mantive-me. Inicialmente foi uma coisa que me deu alguma ‘pica’, porque era uma coisa nova e tu tinhas que trabalhar, tinhas que criar, tinhas que experimentar e tu criticavas e depois tu... Era uma coisa multifacetada: ias a formações, recebias formação, davas formação. Havia os encontros! Tudo muito interessante! Ao final de dez anos é como em qualquer profissão, perde-se um bocadinho o interesse. Se me perguntarem: então o que é que eu gosto agora? É o contacto com as pessoas. Gosto de conhecer diferentes realidades, diferentes personalidades, porque aprendo também com isso e valorizo até mais a minha vida. E depois é uma satisfação enorme às vezes compreender. Uma satisfação enorme quando

as pessoas também chegam ao fim e me dizem: “estou muito contente! Gostei de andar aqui, obrigada! Aprendi. Sinto-me melhor. A minha autoestima aumentou. Este grupo era excelente!”. Acho bom, porque proporciona às pessoas uma coisa boa e uma pessoa sente-se bem. Nós temos algumas críticas, há sempre críticas relativamente ao trabalho, relativamente aquilo que temos de fazer, aquilo que não concordamos, mas depois nas sessões de júri a gente dizia sempre: “hei, é uma seca estar a ouvir a sessão de júri”, mas acabamos a sessão de júri contentes: “correu bem, as pessoas estão satisfeitas!”. É pelo valor humano que eu gosto do meu trabalho. É por isso que eu sou psicóloga. É um bocado mais ligado à minha licenciatura.

22. Falaste dos 10 anos! Dos 10 anos que também podem dar-nos outra couraça. Tanto no sentido positivo, como no sentido negativo. Se calhar já não estamos tão sensíveis aos... Nós apanhamos uma diversidade muito grande de pessoas e podemos deixar de estar tão sensíveis, ou sabemos lidar de outras formas com essa diversidade. Tens visto um crescimento na tua forma de abordar com os adultos? Tens visto uma certa couraça, uma coisa mais... Tens-te afastado mais? Como é tens estado a relacionar-te com os adultos?

Não, não! Mantem-se! Melhoro apenas as minhas competências na gestão do grupo.

23. Melhoraste essas competências?

Não melhorei! Adquiri. Fui melhorando. Sim melhorei! Com o dia-a-dia és mais segura de ti, enquanto profissional. Alguma coisa que esteja mal, és capaz de não ficares: “como é que eu vou dizer? Como é que eu não vou dizer? Agora aconteceu isto!” Não! Mas aí tem a ver com a maturidade profissional seja como Técnica de RVC seja noutra atividade profissional qualquer em que estejas a trabalhar há 10 anos. Tu ganhas...

24. Melhoraste, principalmente nessa vertente inter-relacional, interpessoal, na abordagem com as outras pessoas?

Um bocadinho. Eu acho que sempre tive competências a esse nível, no relacionamento interpessoal. Acho que sim! É uma aptidão que eu tenho e também fui trabalhando na licenciatura e já faz parte de mim. Agora, tu com a idade... Uma coisa é com 25 ou com 35 anos, quer dizer, dez anos faz de ti, uma pessoa mais segura. Agora não te digo que foi uma coisa... Fui melhorando! Melhorei isso. Outras coisas? Acho que tu depois és mais prática na resolução de situações. Não te envolves tanto com alguns problemas!

25. Pois, é a tal couraça que eu estava a falar!

Sim, Mas não com a pessoa. Mais em termo organizacional. Seja dentro da associação, com a entidade patronal. Seja com estas instituições: ANEFA, ANQ, aquelas coisas. Olha mais uma! Haha! Estes assim, querem isto! Naquela reunião disseram aquilo. Ai que coisa tão bonita de se dizer!

26. Tornamo-nos mais cínicos? Não é bem cínicos?

Não é bem cínicos. Eu acho que é assim: como nós nunca tivemos, como eu nunca tive uma função. Nós acabamos por ter função de coordenador, ou de gestão. Porquê? Porque estamos desde o início? Nós fazemos por fazer um pouco de tudo como já te disse. Nós não somos propriamente diretoras de... Eu não sou diretora de... Mas acabo por, no meio do meu trabalho, ter algumas responsabilidades. Como já estou lá há tanto tempo, eu também sei disto e o que eu acho e o que eu não acho também acabo por conseguir fazer... Por exemplo, tenho uma colega minha que é Técnica e ao falar com ela, com essa

minha amiga, eu sei que ela é só Técnica. Ela tem os grupos e ela faz aquele trabalhinho. Nós na associação não somos assim! Como já estamos desde o início nós percebemos daquilo! E então, quando há uma coisa para resolver, mesmo quando nos ligam da ANQ e tudo, é a nós que nos vão ligar, porque nós sabemos das coisas. Não estou a dizer que a nossa Coordenadora ou o nosso Diretor não saiba, claro que sabem. Mas dão-nos liberdade para resolvermos essas coisas porque já estamos lá há algum tempo. Mas depois em reuniões e em encontros, nós não estabelecemos aquela parte... Falo por mim, não sou assim tão política! Porque sou Técnica. Acabo por ser a Técnica e então falo o que tenho a falar. Como estou nisto há algum tempo também sei quando é que as pessoas falam para ficar bonito. E, como deves calcular, os Coordenadores têm aquela vertente mais política e também não podem ficar tão mal! E depois dizem coisa que tu sabes que não é verdade. Porque aquilo que acontece no meu Centro acontece no deles. E eles para trabalharem aquilo têm de fazer às vezes coisas que eu sei que não é assim tão bonitinho quanto se fala, não é?

27. Mas tem sido boa essa relação ao longo do tempo com a ANEFA, com a ANQ. Tu falas que há orientações que vêm lá da tutela que na prática...

Mas oriento, tu dás a volta. Tentas seguir aquilo que eles estão a dizer e depois na prática fazes algumas alterações.

28. Ao longo deste tempo, quais são as tuas principais discordâncias? Aquelas coisas que são risíveis e que uma pessoa diz: eles dizem para fazer isto. E nós, tu, dizes: Hahaha! Lembras-te de alguma?

A mais importante e que toda a gente fala são as metas. Tu não podes ter qualidade e quantidade ao mesmo tempo. Ou pelo menos podes ter mas tem de haver ali um...

29. Foste fazendo formação ao longo deste tempo? Formação promovida pela ANQ?

No início tinha mais, agora já não. Mas depois com este novos Centros. Quando veio o Nível Secundário, quando veio o Profissional. Mas tive mais do início.

30. Essa formação para uma pessoa que acompanha isto desde o início. Como avalias essas formação que te foram dando? Era mais do mesmo, aprendeste novas coisas?

Houve uma altura em que era mais do mesmo. Era mais do mesmo porque o que acontece. Tinhas a formação e começavam a entrar novos Centros. As dúvidas que tu tinhas, iniciais, pelo menos retiraste ou pelo menos já sabias qual era a resposta. E como entravam novos Centros, esses Centros tinham as dúvidas que tu tinhas inicialmente e então, às vezes, era mais do mesmo.

31. Procuraste fazer outro tipo de formação extra?

Não. O que eu tirei foi uma pós-graduação mas que não tinha nada a ver com isto. Foi em Psicoterapia com Crianças e Adolescentes. À parte mesmo!

32. E porquê?

Porque era uma outra área que eu achei piada e porque queria enveredar também pela clínica. E porque me poderia surgir outras. E também porque já estava um bocadinho cansada.

33. Foi há quanto tempo mais ou menos?

Cinco anos mais ou menos.

34. Então, já estavas a sentir uma certa...

Quatro, cinco. É, um bocadinho! Mas não que estivesse farta. Foi mais: porque não?! Também tenho interesse por isso. Até se surgir é uma coisa interessante. Agora talvez dissesse: “fiz aquilo porque realmente queria”. Na altura não foi tanto assim. Os primeiros anos nas Novas Oportunidades, gostei daquilo que aprendi e daquilo que fiz.

35. Nessa gestão da tua carreira tens estado satisfeita com as condições oferecidas. O seres profissional de RVC é um trabalho reconhecido socialmente. Reconhecido monetariamente, se é gratificante em termos de estatuto ou não? Ou é indiferente?

É indiferente!

36. Eu estou a dizer mais em termos sociais?

Em termos sociais tendo em conta o que tem aparecido, com este novo governo é depreciativo. Não vale a pena falar! As pessoas que sabem do que se está a tratar, acha que não.

37. É mais um trabalho?

Sim é mais um trabalho! É um trabalho como um formador, como um técnico de seleção e recrutamento.

38. Mais um!

[risos] Mais um.

39. Disseste, há tempos que te apresentavas como psicóloga. É mais fácil, dá-te menos trabalho a teres de te justificar. É só a referência do psicólogo que dizes em termos sociais. É só a referência do psicólogo?

Claro. Sou psicóloga. Trabalho com adultos! Se as pessoas me perguntam indiretamente eu digo: “trabalho num CNO”. Se me perguntam, falo. Normalmente se estás com alguém que já sabe disto normalmente há uma conversa que não interessa nem a gregos nem a troianos, não interessa nada ter a conversa. É só por isso! Mas se eu tiver que dizer digo, caramba. Não tenho, não tenho... Até porque eu defendo este trabalho. Agora já me canso de defender o trabalho.

40. Este trabalho em termos de horários - eu não sei se o teu horário é parecido com outros. Nós temos de trabalhar muitas vezes em horário pós-laboral para estarmos adaptados aos horários dos adultos. Como é que tu geres o teu dia de trabalho? Trabalhas das 9 às 5 e pontualmente tens sessões em horário pós-laboral? ou...

O nosso horário é das 9 às 6 com horário de almoço e depois nós organizamos consoante com o pós-laboral que temos. Duas, três vezes. Podem ser quatro e depois compensamos com horas. Por exemplo, se fazes dias horas na terça-feira, depois fazes mais tarde ou então vens noutro dia, é assim, quase, não é bem um banco de horas. Não se mantem mas tens de as gozar mas é assim que tu trabalhas.

41. Não tens grandes diferenças em termos sociais? Não tens constrangimentos sociais por causa disso? Por exemplo, o nosso trabalho, nós normalmente começamos a trabalhar às 3 da tarde e continuamos a trabalhar até às 10-11h [22h-23h]. Todos os dias. Uma organização tipo escola e tem formadores. Temos uma série de constrangimentos em termos sociais. O teu trabalho é mais flexível? Não tens nenhuma questão desse género?

Não imagina. Se eu tivesse um horário como aquele que tu estás a falar, eu não ia gostar. Ia ser um bocado complicado para mim, porque tenho família. Agora, o que eu faço lá, com o pós-laboral que temos. Até porque não fazemos um pós-laboral tão alargado como o vosso, pelo menos até às 11h [23h.]. Mas, por exemplo, agora estamos a trabalhar ao sábado.

42. Nós já não fazemos isso. E a estabilidade profissional? O teu contrato de trabalho é a tempo incerto ou a termo certo? Ou está dependente das aprovações financeiras?

Está dependente das aprovações financeiras.

43. Pode dar-se o caso de estares em risco de...

Dá! Pois dá! Pode haver isso! Sim porque ali é uma Associação e tinha-se de ligar com projetos. Mas pronto, acho que isso já é uma outra dor de cabeça que também depende da instituição em que estou inserida: é uma associação, da forma como foi gerido este... O que é que aconteceu? Este trabalho inicial foi gerido como um projeto. Normalmente os projetos da casa e das Associações são projetos que têm um tempo determinado. Este também era! Este até era anual! Nós, todos os anos, temos de fazer nova candidatura a dizer sempre o mesmo! Acho que nunca se pensou que isto ia demorar tanto tempo. A própria casa nunca achou que... e aconteceu. Mas eu acho que se acontecer e isto terminar são muitas pessoas que ali estão e que a Associação não consegue integrá-las na casa.

44. E receias isso?

Eu recear não! Não sei.

45. Vamos ver!

Se se acontecer aconteceu! Costumo a dizer: o pior é a morte.

46. Achas que vais continuar a trabalhar nesta área? Quando digo esta área digo uma área mais abrangente. Não digo RVCC só, mas educação, formação, recrutamento. Já falaste duas vezes de recrutamento de pessoal. Parece que é uma referência?

Porque também fiz isso. O que eu acho que vai acontecer, mas isso é o que eu acho, mas eu sou muito otimista! Se falares com as minhas colegas elas vão-te dizer: “ela acredita sempre”... O que eu acho é que a *Associação Alfa* não vai ficar sem Centro. Mas acho que nós vamos ficar sem reconhecimento escolar e que a equipa vai mudar! Por isso, se eu ficar sem trabalho, Miguel, fiquei e é como eu digo as coisas piores é a morte. Por isso, tudo se há de resolver. De uma forma ou outra resolve-se. Seja na associação ou noutro sítio qualquer as coisas resolvem-se. De uma forma ou outra resolvem-se. Ficar sem pão na mesa não vou ficar. Não vou morrer à fome. Mas acho que não vai acontecer isso. Eu estou otimista. Acho que vamos à última da hora. Acho que ainda bem que vou de férias no mês de Agosto porque tudo o que acontecer não me vai chegar aos ouvidos. Já disse à minha colega que enquanto eu estiver fora, que ninguém me telefone. No dia tal podem-me telefonar.

47. Mas também não vais ver notícias nem nada do género!

Pois não. Por acaso tens razão. Tenho de ter esse cuidado. Exatamente! Não tinha pensado. Mas também me parece que vai ser como no ano passado. Disseram que iam dizer até dezembro e depois não disseram e isto vai acontecer da mesma forma. Ou vão dizer-nos à última da hora em agosto e quem estiver ali no Centro vai-se chatear porque como já aconteceu em dezembro. Eu em dezembro estava de licença de maternidade e elas estavam aqui e elas passaram um bocadinho mal. Porque uma vez era

isso e depois era isso e depois mudou... Isso stressa. Eu acho que vai acontecer vai ser o mesmo! Em agosto vai ser a mesma coisa e provavelmente ainda nos vão dizer que só em setembro e para os centros fazerem mais uma adenda de um mês ou qualquer coisa assim... arranjar forma. Já estou a contar com isso. Espero que não me estraguem as férias! Quero ir de férias à vontade e que na última semana de agosto me digam o que têm a dizer. Eu acho que a *Associação Alfa*, o CNO da *Associação Alfa* não fecha! Vai ser reestruturado! Mas vai ser reestruturado para todos ficarem aí! Reconhecimento escolar eu acho que... acredito que... gostava que pelo menos ficasse sob a responsabilidade de alguém, de alguma entidade, acho que é importante! Não devia acabar por si só, não devia. Mas acho que a *Associação Alfa* não vai ficar com isso. A *Associação Alfa* vai ficar com a parte profissional.

48. Com a articulação com as empresas,

Isso, por aí!

49. Têm falado de Centro de Aprendizagem ao Longo da Vida, Ensino Profissional. Saltando agora para um outro tópico mais relacionado com a regulação da atividade profissional. Há pouco tempo, durante esta entrevista, tu falaste da necessidade de haver alguma definição legislativa em termos de ocupação das funções, da denominação e da descrição funcional da ocupação. Achas que deveria mais regulação ainda? Ou esta regulação que existe é suficiente? Sendo mais claro: o que regula a nossa atividade profissional, e quando digo nossa é profissional de RVC, é a legislação que em meia dúzia de linhas diz: acompanhar o adulto, organizar o PRA, estruturar da sessão de júri. É uma definição relativamente genérica. Nós em termos das competências necessárias para sermos profissionais de RVC não há uma definição mais concreta. Tens alguma ideia disso? Achas que basta esta definição genérica ou a coisa deveria ser mais especificada? Como tal...

Acho que deveria ser mais especificada como todas as outras profissões. Tens uma descrição funcional... Numa empresa qualquer trabalhador tem uma descrição funcional e não é só isso. Um pedreiro, ou alguém, um técnico de, ou um ajudante a descrição é mais exaustiva do que um Técnico de RVC. Deve ser mais exaustivo claro. Quanto maior é a responsabilidade mais exaustivo tem de ser a descrição funcional e as responsabilidades inerentes.

50. Mas achas que cada empresa, cada organização deveria fazer essa descrição ou deveria ser a tutela a descrever?

Deveria ser a tutela a descrever! Se são eles que nos passam o trabalho, que nos dão as diretrizes, orientam e etc. A *Associação Alfa* não tem qualquer conhecimento da área. Quer dizer! Que conhecimento é que tem? Tem o conhecimento adquirido pela equipa técnica. Mas a equipa técnica é formada por outra entidade. Por isso, a outra entidade que tem de fazer uma descrição funcional sobre os elementos que formam a equipa.

51. Restringirias o acesso a determinadas licenciaturas ou concordas com o modelo existente?

É assim, eu tenho de defender também um pouco o meu trabalho a minha licenciatura e todos os licenciados. Se noutros sítios, para outras funções se limitam...

52. Mas eu estou a falar das licenciaturas específicas. Achas que deveriam ser só psicólogos? Sociólogos? De ciências de educação? Deveriam ser só os psicólogos? Podem

ser todos estes que trabalham numa área das ciências sociais? Estou-te a perguntar a tua opinião em relação a isso.

Não te sei dizer! Não te sei dizer porque eu acho que eles fazem na mesma um bom trabalho. Tenho uma amiga minha que é socióloga faz o mesmo trabalho que eu tão bem quanto eu. Também estive lá uma pessoa que era das Ciências da Educação e fez um trabalho tão bom quanto eu. Agora é como tudo.

53. Deveria ser dada a possibilidade a um engenheiro químico de ser profissional de RVC?

Eu acho que não, não parece! Repara, mas se nós estamos... Se a minha experiência profissional foi toda na base das competências e se eu valorizo as competências e não o canudo e se eu acho que daqui a pouco tempo deveria ser assim. Nós agora estamos a valorizar o canudo porque estamos numa sociedade que valoriza o canudo. Daqui a muito pouco tempo acho que os canudos não vão ser importantes. Vai ser importante o conhecimento, ou tu sabes fazer ou tu não sabes fazer. Por isso nessa base, qualquer tipo de profissional poderia se candidatar a algumas funções. Imagina que eu queria ser médica. Podia tentar ser médica. Mas depois tinha de passar por uma entrevista e tinham de perceber se eu realmente sei daquilo. Mas isso é daqui a muito tempo.

54. Quase que sugeres um processo de RVCC para os profissionais de RVC?

Sim, mas isso já é muito enviesado! Isso há de ser daqui a muito tempo, quando realmente os canudos não fizessem... Quando todo o nosso sistema educativo mudasse. Em função dos conhecimentos/competências e não em função dos canudos e do que estava escrito em papel. Pronto, era valorizar aquilo que a pessoa sabe. Se é bom, se é mau. Neste momento não! Neste momento as coisas estão estruturadas e se tu... Ainda para mais, coitados, os licenciados... Se é difícil encontrar trabalho para engenheiros, os licenciados em Ciências Sociais e Humanas também mais complicado está. E então, estas áreas que, à partida, têm em conta o perfil e o que exigido está mais ligado a profissionais dessas áreas. Acho que sim, acho que se pode limitar!

55. Uma credencial para o exercício de profissional de RVC?

Credencial o que queres dizer com isso?

56. Credencial, ou seja, um papel que nos habilitasse. Como um CAP, um certificado de aptidão profissional?

Não, não! Atualmente não faz sentido estar a fazer isso porque nós estamos num sistema em que as coisas estão definidas. Tu, para este tipo de funções é exigido, e há uma licenciatura adequada e tu não te podes candidatar. Então se nós estamos a dar, se nós estamos a fazer um trabalho de RVC para que aquela pessoa tenha o 9º ano de escolaridade para que aquela pessoa se possa candidatar a uma função em que ela até tinha competências e não a deixavam entrar porque até não tinha o 9º ano de escolaridade. Nós ainda estamos nesse sistema! Por isso, não faça sentido qualquer pessoa se candidatar a técnicos de RVC.

57. Até porque agora o mercado não vai conseguir absorver toda esta experiência acumulada. Porque há muita gente a trabalhar e a saber trabalhar com os processos de RVCC, enquanto profissional de RVC. Que agora vão ser postos no desemprego e foram posto e vão ser postos ainda mais.

Sim. E tu...

58. Só te estou a perguntar se haveria necessidade de regular essa oferta e essa procura de outras formas que não as que estão vigentes atualmente? Se seria necessário haver uma credencial? Eventualmente, para obter essa credencial se faria um processo de RVC, ou uma pós-graduação, ou uma coisa específica assim.

Mas porquê?

59. É uma hipótese.

Mas isso já não tem a ver com a pergunta que me fizeste. Tu queres reconhecer os conhecimentos ou as competências que um profissional adquiriu nesta área?

60. Não quero! Estou-me a perguntar se isso seria uma forma inteligente, ou interessante, ou pertinente para regular o mercado profissional dos profissionais de RVC? Não é a minha opinião específica.

Mas se vai deixar de existir, eu não estou a perceber!

61. Achas? Ainda há pouco disseste que eras otimista que iria continuar.

Não, enquanto profissional de RVCC vai terminar.

62. Vai terminar o profissional de RVC?

Eu acho que sim. Agora vai aparecer. As funções de um TDE podem-lhe dar outro nome mas eu acho que ele vai continuar a existir.

63. Mas achas que um profissional de RVC enquanto um orientador, enquanto uma pessoa que ajuda a organizar trabalho e a perspetivar saídas...

...Isso vai continuar. Mas depois não vais poder chamar técnico de RVC. Não chamas técnicos de RVC.

64. Achas que termina este género de profissão?

Acho que sim. O Profissional [processo de *RVCC Pro*] não. Vão manter! Mas um técnico de RVC no Profissional tem um papel um bocadinho mais pequenino. O tutor acaba por ter um papel mais relevante. Apesar de que nós orientamos! Eu acho que o nosso papel de mostrar as competências adquiridas ao longo da vida, de eles darem valor àquilo que aprenderam, de saberem o que é uma competência, de conseguirem passar para o papel. Acho que continua para o Profissional. O Escolar [processo de *RVCC escolar*], olha para o que eu te digo. Vai deixar de existir, eu acho! Vai existir, se calhar por NUT, duas entidades – isso é que eu gostava que acontecesse - duas entidades que pudessem fazer isso. Sem metas, sem nada! Era uma alternativa para aquelas pessoas que de facto gostariam de obter uma certificação escolar rápida mas que sabiam que tinham competências para isso. Mas não em todos os Centros como aqui. Por isso é que te estou a dizer. Uma credencial para técnico de RVC. Tu podes ter uma credencial para as competências que adquiriste enquanto técnico de RVC. Mas o nome teria de ser outro porque estás já a reduzir a uma função que vai deixar de existir.

65. Que função? Como é que tu designarias essa função? Sei que é em cima do joelho.

Porque depende daquilo que se vai fazer: se será de orientação...

66. Um bom profissional de RVC é o quê? Como se revela esse profissionalismo? O que é um bom técnico de RVC? Onde está o profissionalismo dessa pessoa?

Acho que como qualquer outra... Neste caso um bom profissional de RVC tem de conhecer tudo o que diz respeito ao Reconhecimento. A filosofia, o porque da importância, a relevância, como é que surgiu. Depois o que é conhecimento, o que é competência. Saber muito bem como está estruturado o reconhecimento para que aquela pessoa consiga chegar ao certificado. Perceba muito bem o referencial de competências chave. Conheça as pessoas, saiba orientar e saiba motivar. Saiba ser firme. Estabeleça uma boa relação com os formadores. Saiba ser mediador entre o participante e o formador. Basicamente será isso, não estou a ver muito mais. Quer dizer, deve haver mais coisas, mas deve ser por aí. Acho que não me esqueci de nada.

67. E os Códigos Deontológicos? Nós em termos de deontologia sempre tivemos uma certa fluidez, uma certa indefinição. Sabemos que temos de respeitar a privacidade das pessoas mas nunca houve nenhum grande esforço em termos da definição de um Código Deontológico. Tu achavas necessário? Achas que o bom senso e a razoabilidade dos profissionais das pessoas é suficiente?

Acho que tem a ver com a...

68. Tu também já tens uma matriz. A Psicologia também...

É um bocado por aí. A confidencialidade é talvez o mais importante porque as pessoas estão a falar da sua vida, onde tu vais buscar conhecimentos e competências. Depois há o respeito pelo outro! Se eu sou psicóloga e se já existe uma Ordem de Psicólogos. Acho que são os psicólogos que devem fazer... Imagina que alguém tem uma queixa. Uma queixa. Não sei por acaso como é que isso funciona. Mas se alguém tem uma queixa da minha pessoa enquanto profissional.

69. Enquanto profissional de RVC?

Ou enquanto psicóloga a exercer a função de profissional de RVC. Mas... O que estás a criar... eu estou a perceber.

70. Eu só estou a sugerir coisas!

Eu não acho que um técnico de RVC tenha de ser... Não é... Como é que hei de dizer: há um psicólogo, há um engenheiro químico, há um professor. Eu aí consigo perceber! Agora, depois dentro dessas licenciaturas depois existem funções que tu podes desempenhar. E eu acho que um técnico de RVC não me parece relevante criar à volta... Acho que é relevante criar um perfil, acho que é relevante criar as competências exigidas, que seja um bom profissional, que saiba o que está a trabalhar e como deve trabalhar. Acho que deve ser controlado por estar a mexer na vida das pessoas. Acho que deve haver também um código deontológico para esse trabalho. Mas não pode estar ao mesmo nível que é ser psicólogo, que é ser engenheiro, ou que é ser professor. Porque senão aí também trabalha. Se não, por exemplo, não é inferiorizar um técnico de RVC, mas, por exemplo, um Técnico de Recrutamento e Seleção, um Técnico de Recurso Humanos, um Mediador de Formação, dos cursos, também trabalha com as pessoas! Também acompanha uma série de problemáticas que também tem de resolver. Aqui mexe um bocadinho mais porque trabalhas com a vida das pessoas. Mas a vida da pessoa... Ela também só te transmite aquilo que quer. O problema é que como tu mexes um bocadinho com a vida da pessoa, depois salta coisas. Eu acho é que, quando tu estás a trabalhar num Centro Novas Oportunidades, quando estás a trabalhar com isso, tu estás a trabalhar com uma massa humana que precisaria de outros profissionais. E já que trouxeste a massa humana para um sítio, acho que tu não os deverias deixar sair sem mais nada. Acho que devias apanhá-los e trabalhar. Trabalhar o quê? Trabalhar a parte

das competências, trabalhar a certificação escolar, a certificação profissional, trabalhar a formação, trabalhar a carreira, trabalhar a orientação, trabalhar até mesmo em termos psicológicos - há pessoas que nos aparecem e que estão deprimidas, pessoas que nos aparecem com outro tipo de problemas e, se calhar, isso, isso sim era excelente! Se conseguisses trabalhar essas coisas nos tais Centros Novas Oportunidades. Era dar uma nova oportunidade à pessoa que ali entrasse. Mas cada um teria um perfil definido por um técnico à chegada e, então, podia-se trabalhar uma série de coisa. O arranjar trabalho; a pessoa fazer um balanço de competências, como é, para aquilo que a pessoa quisesse e acho que aí sim. Acho que aí terias muita. Era relevante...

71. Para ver se estou a entender a dimensão da tua sugestão: em torno de uma organização; e torno de um Centro Novas Oportunidades ou outro nome qualquer, ter uma equipa multidisciplinar: psicólogos, educadores sociais, psicólogos clínicos, psicólogos sociais, psicólogos das organizações, sociólogos, gente de várias áreas, até de economia para gerir a carreira etc. ter uma equipa multidisciplinar que ajudasse o adulto, que centrasse no adulto o trabalho. Não seria necessário, se bem entendo, uma descrição funcional. Não era necessário o profissional de RVC, o que seria mais interessante, seria o psicólogo que está a trabalhar no centro.

Sim, sim.

72. Com determinados atributos especiais específicos. Que tivesse determinadas funções a cumprir.

Exatamente, exatamente!

73. Ou seja, e agora a pergunta: seria um modelo não tão formalizado, enquanto o profissional de RVC, a referência seria mais a licenciatura de base?

Sim. Mas depois as competências...

74. Com competências específicas.

Repara, as competências que eu adquiri como técnica de RVC foram muitas porque eu estive este tempo todo a contactar com pessoas de diferentes estilos de pessoas. E aí são competências que me ajudariam a desempenhar outras funções. E realmente eu compreendo que isso teria de ser reconhecido. Para que eu possa mostrar a outros.

75. Mas, por exemplo, nas escolas, para a carreira de professor, um biólogo que se licenciou em Biologia... Ele depois é socializado de uma determinada forma e torna-se professor de Biologia. A referência inicial é ser professor. Se nós pusermos um modelo similar, nós teremos o profissional de RVC que foi licenciado em Psicologia, mas o modelo inicial seria o profissional de RVC licenciado em psicologia. Estou-me a fazer entender? Tu não acreditas nisto. Não acreditas que a referência primordial, o pilar seja profissional de RVC. Consideras mais que é mais fundamental ser o psicólogo.

Acho isso porque acho que o profissional de RVC vai acabar.

76. Imagina que continuava! Imagina que era uma profissão ou uma ocupação profissional que iria continuar?

[*Suspiro*] Para a certificação escolar tende a acabar. Acabas por ter poucas pessoas para trabalhar. Só se for um trabalho de reconhecimento de competências qualquer que seja. Reconhecer competências, a pessoa fazer um reconhecimento de competências qualquer que seja. Talvez aí.

77. Ou seja, eu estou a perceber. Eu não estou com um projeto. Eu não tenho projeto nenhum.

Eu sei, Miguel! Estás a pensar numa coisa que eu não tinha pensado. Isso de criar um perfil para o técnico de RVC já há algum tempo foi criado. Na altura chegou a ir ter connosco um francês que pouco de português percebia e que tentou também fazer isso com vários técnicos a nível internacional, tentar criar isso que era o perfil do... Mas quando se pensou criar o perfil não se pensou criar... Era o perfil para depois criar uma categoria profissional como técnico de RVC, como tudo aquilo inerente a isso. Também tentaram fazer isso. É verdade, é isso, aconteceu. Agora perdi-me, mas pronto por acaso isso já tinha acontecido. Agora não acho que faça sentido porque ele vai acabar de existir. Mas eu estou a ver tantas especializações que existem e essas especializações no trabalho de todas as áreas estão no Catálogo de Qualificações. Deve haver lá o técnico de refrigeração. E provavelmente também acho que faz sentido haver um técnico de RVC, também deve haver um Técnico de Recursos Humanos. Sendo assim, acho que faz sentido se isto continuar. Mas como eu acho que isto não vai continuar, o escolar. Pode é continuar aí um Técnico que já vai há dez anos e agora com o novo governo essa função que se mantenha perdendo o C final. Pronto e se calhar aí faz sentido haver um técnico de RVC. Um técnico de Balanço de Competências.

78. Tu fazes a diferenciação entre escolar e profissional, mas o técnico de RVC continua a ter a mesma função e poderá ter outras funções, noutras repartições que não o CNO. O Centro de Emprego também faz uma espécie de balanço de competências ou querem fazer.

Sim, mas aí está tens de chamar isso. Tem de ser um termo mais abrangente para nos poder permitir saltar de uma coisa para a outra. Porque se há um perfil para técnico de RVC e eu sou técnico de RVC mas isto vai acabar ou vai estar completamente alterado eu depois não faço nada com isso. Eu depois tenho de falar eu das minhas competências que eu adquiri enquanto técnica de RVC mas mais importante são as minhas competências não é o ser técnica de RVC porque técnica de RVC acabou. Agora se for um técnico de BC. Porque não se pensarmos assim, um técnico de diagnóstico e encaminhamento também não era importante ter um perfil associado?

79. Sim, sim. O próprio coordenador também é um perfil importante!

Pois aí está, mas se for assim eu acho que todos os projetos que existem... Porque há muito projetos, digo eu, que devem surgir aí com funções que nós não conhecemos mas têm termos diferentes e que se calhar também gostariam de ser...

80. ...Certificadas, credencializadas. Quais são as principais aprendizagens que tu fizeste? Resumidamente o que salientarias? Ao longo deste tempo, a grande aprendizagem? Já referiste o relacionamento, a maior segurança de ter relacionares com as pessoas, com a diversidade das pessoas. Alguma outra aprendizagem que salientarias?

Olha em termos...

81. Que possa ser um contributo para o teu futuro profissional. Imagina que estávamos numa entrevista de emprego e eu te fazia esta pergunta. Ao longo destes anos...

Numa entrevista de emprego... Eu, se calhar, ia voltar a salientar coisas que se eu dissesse que era psicóloga as pessoas já entenderiam. Sou psicóloga então estou vocacionada para trabalhar com o outro, com as pessoas e isso como técnica de RVC. Já te disse, acabei por aperfeiçoar. Agora se eu passar à parte técnica a nível de conhecimentos técnicos. Posso-te dizer, realizar uma candidatura, conhecer projetos, organizar formação, ser mediadora, criação de instrumentos de mediação, depois toda a burocracia inerente a este trabalho, saber o que é o quê. Mas acho que tem mais a ver com nível de gestão. Acho que ia focar mais isso! Sou capaz de gerir um grupo de pessoas; sou capaz de ver as dificuldades e tentar colmatá-las através de atividades que eu penso e que estou a analisar e estar a criar para esse efeito. Ser capaz de ter autonomia para e por ter tido essa autonomia ser capaz de pensar mais além do que só aplicar aquilo que foi dito para aplicar: “tens estes instrumentos de mediação, aplica. Vê se eles conseguem; eles entregaram-te esse PRA, analisa”. Não! Sou capaz de ver o que está errado o que não está errado, as dificuldades que as pessoas têm e não têm e adequar à pessoa. Fazer a gestão do grupo. Fazer a gestão da pessoa e a gestão do grupo.

82. Muitas competências!

Não. Sim, sim!

83. São muitas! Não sei se tens acompanhado estas novas movimentações da constituição de associações de profissionais de Educação e Formação de Adultos. Surgiram duas entretanto no fim do ano passado. Tens algum comentário em relação a isso? Pensas associar-te?

Duas?

84. Duas: ANPEFA e APRENDÊNCIAS. Uma mais do norte e outra nacional. Desconhecias?

Desconhecia e nunca me iria associar.

85. Não? Mas achavas necessário? Nunca sentiste a necessidade associativa? O teu trabalho é mais individualizado em torno da equipa de trabalho que tu integras?

É. Sinto-o assim.

86. Em termos de Braga nunca sentiste necessidade de te articular com as outras equipas dos outros centros.

No início deste trabalho houve sempre a tentativa de assim o fazer e recorde-me de, quando os Centros surgiram, terem-nos telefonado para estarem connosco, para terem reuniões connosco, para colocarem dúvidas. Como éramos Centros mais antigos poderíamos ajudar. Haver uma partilha e uma disseminação das práticas. Isso foi sempre um dos objetivos da ANEFA. Agora, com o tempo tu vais acabar por... Segues assim um caminho, outra pessoa segue o outro. Depois há alguns contactos telefónicos com Centros que tu conheces melhor para perguntares: o que estás a fazer? Surgiu isto! Estás a fazer desta forma? Olha, por exemplo, eu não estou a ser capaz de submeter a candidatura. Porquê? Isso já surgiu e nós entramos em contacto com os Centros que nos são mais próximos e que nos damos bem. E, no inicialmente, ao nível das práticas isso também aconteceu. Mas depois ao longo das práticas não. Tu também comesas a te formatar numa dada forma de atuar. A equipa também já é grande e nós também, em reunião e com as formações que vamos tendo, iríamos mudando as coisas. Aquilo que eu te posso dizer é que, inicialmente, a gente estava sempre a mudar. A gente alterava este instrumento a gente alterava aquele, a gente fazia isto e a gente fazia aquilo. Passado alguns anos deixamos de o fazer. Tenho

que dizer que as coisas... Porque se calhar as coisas também vieram mais bem definidas da ANQ e também, se calhar, aquela motivação inicial vai-se perdendo um pouco. Mas, no início, nós, não era todos os meses, mas estávamos sempre a fazer alterações aos instrumentos. Mudávamos isto, mudávamos aquilo, em termos da carga horária, em termos da gestão da formação. A criação e as competências que eu adquiri na aplicação de um projeto que era muito embrionário, que era muito teórico, deu-me uma série de competências. Ou aplicar as coisas no terreno e ver o que é que resulta e o que é que não resulta a este nível. Agora, se eu for só técnica de RVC... Como eu te digo, essa minha amiga é só técnica de RVC, já chegou numa altura que já estava formado, em que lhe é passado o trabalho, ela está com as pessoas, há competências, há, mas acho que são menos do que aquelas que eu adquiri. A minha carreira, porque infelizmente, digo isto, mas não é para estar... Digo isto porque gostava de ter feito mais coisas, mas pronto, chega uma altura em que já não há muito a aprender, vai-se aprendendo aos pouquinhos, vais limando arestas.

87. Às vezes dizem que a união faz a força. Seja em torno de regiões, tipo concelhos, seja uma união associativa. Não achas que os profissionais de RVC, as pessoas que trabalham nas Novas Oportunidades se estivessem articulados não conseguiriam ter mais relevo social, ou relevância social? Não achas que seria mais difícil a mudança e a extinção de alguns centros e tudo o mais?

[Trejeito facial a assinalar dúvida]

88. És muito descrente?

Sou, sou porque isto enveredou por um caminho que não deveria ter enveredado. Neste momento, eu valorizo o que faço mas neste momento isto tinha que acabar.

89. Neste momento tinha que acabar?

Já deveria ter acabado!

90. As Novas Oportunidades?

Não as Novas Oportunidades.

91. O RVCC?

O RVCC escolar.

92. Porquê?

Não é o acabar. Disse mal! É a reestruturação. Deveria ter sido reestruturado! E chegou a um ponto que os Centros não deveriam ter proliferado como proliferaram. No momento em que isso aconteceu não há muito a fazer. No momento em que há orientações políticas e financeiras por trás, como existe em todo o lado, não há muito a fazer. Por isso é que eu estou descrente. O reconhecimento escolar não pode ser realizado para toda a gente, não como sendo certificação. Ou seja, eu não concordo com o técnico de RVCC e tentar criar um perfil, criar uma categoria e ligar-me a um movimento da forma como isto está, porque eu não me acredito... Não me acredito nisto assim.

93. Então as novas indicações para o futuro até concordarás com elas? Existirá um RVCC inicial e a certificação será noutras modalidades. Eventualmente no recorrente, através de

formação modular, ou mesmo num curso EFA. Acreditas no RVCC como a primeira etapa para a definição de um projeto educativo?

Acredito!

94. É mais ou menos... É esta a grande ideia!

Isso acredito! Mas eu acredito nisso em tudo. Acho que o Balanço de Competências é uma coisa fundamental hoje em dia. Se a gente quer pensar no sistema educativo de uma forma mais moderna, mais atual, que tem a ver com as competências, para qualquer coisa que tu queiras fazes um Balanço de Competências. Mesmo até para uma função. Mas, se calhar, mais vale o Balanço de Competências e não o canudo, não o papel. De que é que vale um certificado de informática, se eu já me esqueci e nem sei ligar o computador. Isso foi o que eu aprendi ao longo deste trabalho. E mesmo quando já saí da minha licenciatura. Tenho um canudo e o que é o canudo representa? Sou psicóloga! Só sou psicóloga enquanto começar a trabalhar enquanto psicóloga e começar a aplicar os conhecimentos que adquiri e aprender outros na prática. Com a prática, com a pessoa, naquele domínio de intervenção, ou noutros. Acho que é por aí. É isso que o nosso sistema educativo tem de mudar. E é isso de bom que trouxe toda esta história do RVCC. Trouxe uma nova abordagem ao sistema educativo e uma nova filosofia. Só que perdeu-se. Porque depois começou só a ser valorizado o certificado que era emitido e os números. E quantas pessoas é que nós temos com o 9º ano? Quantas pessoas mais com o 12º ano? Só que também... e o que é que nós fizemos? Foi dar outro canudo, outro papel que se calhar também não representa nada, para algumas pessoas.

95. E como achas que será o teu futuro? O teu futuro profissional? Na tua lógica de gestão de carreira.

Que não é nenhuma como tu vês [*risos*].

96. Então não é? Definiste pormenorizadamente as tuas competências; falaste das referências que tens em termos da psicologia e eventualmente do afloramento de alguns projetos. A pergunta inevitável será: dentro destes constrangimentos económicos, sociais, tudo, como é que vais gerir o teu futuro? Vou voltar a fazer-te a pergunta: vais continuar a trabalhar nesta área de educação e formação de adultos? Vais fazer uma reconversão profissional? O que tens estado a pensar nisso? Não sei se estás a pensar nisso!

A reconversão profissional... Eu vou apostar na minha formação. Vou apostar na minha formação em áreas distintas, não tem nada a ver com isto. Vou apostar em formações que me possam atrair na área clínica, a nível da psicologia. Clínica, Saúde e depois vou apostar noutro tipo de formação que não tem nada a ver com isto. Mas isso primeiro é o que eu quero fazer para depois fazer a tal reconversão profissional. Agora, para agora que não consigo adquirir essa formação em dois ou três meses. Para agora vou apostar naquilo que existe. Como eu acho que não vou ficar desempregada, eu vou-me adaptar aquilo que surgir, a esta nova reconversão dos Centros Novas Oportunidades a estas novas funções. Como eu acho que não vou ficar desempregada. Se ficar desempregada – ó Miguel – isto aqui é trabalhar com aquilo que houver, porque tenho de trabalhar, ao nível da formação, ao nível dos recursos humanos, e, se calhar, se isso não acontecer, enveredar por outras áreas que nem tinha pensado, mas isso aí vai ser a oferta. A procura... Eu gostava de procurar isto, isto e isto. Mas ela não há. Por isso é o que me vai aparecer. Mas acho que não, isto vai continuar com uma nova orientação, com uma nova filosofia e de certeza que as minhas competências vão continuar a fazer falta. Vou continuar a utilizá-las nesta nova atividade. Mas se calhar o objetivo vai ser um bocadinho diferente.

97. Não sei se tens alguma dúvida, algum comentário, algum último comentário? Há alguma pergunta que te deveria fazer e não fiz?

Sei lá! Eu acho é que não te respondi aquilo que tu querias que eu respondesse.

98. Respondeste e bem. Eu não estou com um projeto à partida. Eu não estou com uma ideia que quero comprovar. Aliás, quando se fazem entrevistas é para descobrirmos novas perspetivas, novas maneiras de olhar para as coisas e aí sim, aí fui olhando e fui...

Se calhar fui um bocadinho diferente, ou não? Se calhar outras que vieram à entrevista.

99. Tens abordagens específicas, se calhar relacionadas, por um lado, com a formação profissional e, por outro, com o contexto organizacional onde trabalhas. É diferente! Se fosses uma profissional a trabalhares numa escola, os teus problemas, se calhar, eram outros. Normalmente, as pessoas falam de outras perspetivas, de outras coisas. Analisando um bocado, há uma matriz comum. Há uma identidade. Há pontos – não é uma identidade fixa – há pontos que são comuns e que serviriam para definir uma identidade profissional. Por exemplo, esta questão da relação com os adultos; a maneira como se gere, não só as expectativas dos adultos, mas o próprio trabalho. Há uma identidade comum! Fomos bem socializados, digamos assim. A última pergunta: se tivesses sido tu a fazer as perguntas, que perguntas é que farias e que eu não fiz?

Não há assim. Não sei, ó Miguel. Fui-te respondendo e o fio condutor também se foi diluindo. Percebes? Foi mais uma pergunta tipo de café que tu orientaste só. Olha tipo *Alta Definição* [programa de Televisão].

100. O que dizem os teus olhos?

Acabava assim! Só que não ias ter um grande plano dos olhos. Não. Acho que já disse ao longo da entrevista e valorizo muito isto. Acho que foi uma orientação diferente de tudo aquilo que foi feito a nível educativo em Portugal. Fiquei admirada no círculo de estudos por fazer aquele trabalho com outros países. Dei-me conta que os outros países a nível europeu não saíram daquilo, não trouxeram nada de novo para mim: muito ligado ao profissional, a parte escolar... Achei aquilo tipo testes. Testes *ad hoc* que faziam, nada de... pelo menos aquilo que eu retirei. Acho que Portugal trouxe algo novo. Acho que deveria ser valorizado. E fico triste por se ter perdido ao longo dos anos essa parte boa. Mas acho que era um ponto de partida, o RVCC para haver grandes mudanças no sistema educativo mesmo formal. E até no campo profissional, ao nível do recrutamento e seleção de pessoal, ao nível de trabalhar por competências, o trabalhar a competência e nunca o conhecimento. O ter técnicos de BC a trabalhar com a pessoa, haver essa necessidade a tal gestão de carreira, acho que isso era importante. Haver essa mudança nos currículos da escola, direcionar mais para aquilo que é o profissional, para aquilo que é o... Quando estive convosco nas reuniões, dei-me conta de duas orientações completamente distintas. Que é: não vamos criar pessoas para aquilo que há falta; Há falta de profissionais desta área então vamos criar pessoas para aí. Não! Porque primeiro temos de dar liberdade à pessoa para o que realmente ela quer e para a aptidão que ela tem e depois quando elas saírem do sistema educativo, vão para o terreno e se calhar já não há aquilo que havia em falta... Já não é isso e é outra coisa. Eu consigo perceber essas duas vertentes mas eu acho que deve haver uma visão mais prática. E debes formar as pessoas nunca afunilando, é verdade. Deve ser uma coisa mais abrangente! Dar competências às pessoas, dar conhecimentos às pessoas mais abrangentes para que elas possam depois ao ir para o trabalho, para o terreno, trabalhar várias coisas e não só uma. Como por exemplo, no campo da engenharia, há muito

engenharia... quer dizer: começou-se a esmiuçar tanto que eu não sei até que ponto é isso importante. Acho que se calhar deveriam trabalhar mais blocos de especializações e não afunilar. O estudante tem de ser capaz de fazer mais coisas, de ser mais versátil, ser mais polivalente dentro de uma área de estudo que ele escolheu. Há as matemáticas, há as biológicas, há as físico-químicas, há as filosofias, mas depois trabalhar muita coisa lá dentro. E depois tu aprendes trabalhando. Tu não aprendes em aulas! As tais teorias não servem... Se calhar serve para os marrões! Se calhar serve para aquelas pessoas que já são formatadas para o estudo e que querem estudar e que querem se aplicar. Mas há muito ali que já acabam por fugir, um bocadinho, a esse sistema e que acabam por fazer as coisas por fazer e depois saem com pouca coisa. Quando eu saí de psicologia, saí com quê? Saí com uma forma diferente de ver a realidade diferente, se calhar, de outro. Há certos conhecimentos que eu adquiri que fez-me estar mais atenta a alguma coisa, mais sensível a outra, ser capaz de, perante um problema, pesquisar, estudar e interpretar aquilo que é importante para eu conseguir resolver esse problema. Mas se calhar, se fosse posta à frente, com uma questão que, se calhar, já trabalhei em psicologia... Eu não era capaz porque se calhar eu tinha-me esquecido. O que é que eu acho? Eu acho que esta nova abordagem, esta nova lufada de ar fresco, deveria ser valorizado e aproveitado para várias áreas da população. Acho que não. Isso depois perdeu-se.

101. Então nós profissionais, seríamos – lá está – orientadores, alguém que ajude a definir projetos? Não transmissores.

Um psicólogo também não é transmissor de nada. Em termos clínicos, uma pessoa que tenha um problema nunca pode dizer que um psicólogo ajudou. Tu não estás ali para ajudar ou a tratar. Tu estás ali para orientar a pessoa a ajudar-se a si própria. A pessoa tem de ser capaz com as suas capacidades de conseguir sarar ou conseguir tornar-se um indivíduo mais forte, mais capaz. É isso que um psicólogo faz! O Técnico de RV seria também um bocadinho isso. Seria um orientador. Mediante aquilo que tem, aquilo que lhe aparece à frente, mediar, mediante a problemática que a pessoa vai expressar! Em termos da competência: tu agora estás a direcionar para o perfil do técnico. O que é que é o técnico? O técnico para mim é um mediador que se deve manter como mediador e deve trabalhar a massa humana que se consegue trazer para os Centros Novas Oportunidades. A todos os níveis, como eu te falei a tal multidisciplinaridade. Depois é a parte do conhecimento e da competência. Daqui a dez, vinte anos – tu, na altura, numa reunião, também disseste isso - já não vai ser tão importante, isto do 9º do 12º, provavelmente não. Provavelmente o tipo de aprendizagem, os miúdos quando entram na escola se calhar não vão ter um sistema educativo não tão escalonado, não tão direcionado para aquelas disciplinas. Se calhar vão ter uma aprendizagem diferente. Espero eu que sim! Se calhar tu vais conseguir abrir as cabeças das crianças muito mais cedo e elas vão começar desde novas a interpretar o mundo à sua maneira e a abarcar conceitos mais abrangentes que não o $2+2=4$. Agora vou para aquela disciplina e vou aprender aquilo e depois vou para aquela outra. E depois porque eu acho também que as pessoas devem ter uma base comum. Por exemplo, não sei se é tão interessante, na minha área, deixares de ter matemática, ter biologia, ter química, ter música e ter desenho.

102. Uma educação mais abrangente e a especialização ser quase só em contexto de trabalho?

Por exemplo, com tutores, com pessoas da área. E depois criavas as tais credenciais [risos].

103. Um processo de RVC permanente, para todas as áreas. Também é o que querem fazer com o Catálogo Nacional de Qualificações, querem formatar a coisa de tal forma que possa

ser feito dessa maneira. Não tenho mais questões. Nós podíamos ter sempre mais questões mas o meu trabalho é sempre muito concreto, sobre estes três tópicos que fomos falando ao longo da entrevista. Tenho-te a agradecer a disponibilidade!

Anexo 3

Matriz de redução de dados

Quadro 1 - Quadro resumo da Matriz de Redução de Dados

| Categorias | Subcategorias | Unidades de registo/de contexto |
|---|--|---------------------------------|
| 1. Práticas profissionais | 1.1. Perfil funcional e atributos do profissional de RVC | 1.1.1 a 1.1.20 |
| | 1.2. Avaliação das práticas profissionais | 1.2.1 a 1.2.31 |
| | 1.3. Regulação das práticas profissionais | 1.3.1 a 1.3.8 |
| 2. Identidades profissionais | 2.1. Pluralidade de identificações | 2.1.1 a 2.1.18 |
| | 2.2. Reconhecimento e visibilidade social | 2.2.1 a 2.2.11 |
| 3. Espaços e processos de aprendizagem | 3.1. Adequabilidade da formação inicial | 3.1.1 a 3.1.6 |
| | 3.2. Motivação para formação contínua | 3.2.1 a 3.2.13 |
| | 3.3. Aprendizagem pela prática/em contexto de trabalho | 3.3.1 a 3.3.6 |

| Cat. | Sub-cat. | | Unidade de Contexto/Unidade de Registo | Inferências |
|---------------------------|--|--------|---|--|
| 1. Práticas profissionais | 1.1. Perfil funcional e atributos do profissional de RVC | 1.1.1 | Neste caso um bom profissional de RVC tem de conhecer tudo o que diz respeito ao Reconhecimento. A filosofia, o porque da importância, a relevância, como é que surgiu. Depois o que é conhecimento, o que é competência. Saber muito bem como está estruturado o reconhecimento para que aquela pessoa consiga chegar ao certificado. Perceba muito bem o referencial de competências chave. Conheça as pessoas, saiba orientar e saiba motivar. Saiba ser firme. Estabeleça uma boa relação com os formadores. Saiba ser mediador entre o participante e o formador. (E5.66) | - Saberes teóricos necessários: filosofia, conceitos, história e instrumentos - Competências interpessoais |
| | | 1.1.2 | Não é fácil criar um indicador para um bom profissional. Mas é muito mais, eu diria, não aquele que cumpre horários e procedimento, mas aquele que trás algo de novo para o adulto. (E3.57) | - Dificuldade em criar um índice de profissionalismo |
| | | 1.1.3 | Eu acho que tem de ser uma pessoa informada, tem de ser uma pessoa culta, tem de ser uma pessoa capaz de dar resposta, ou de assumir: “eu trago-lhe a resposta” e trazer. Tem que ser correta; tem que ser honesta; tem que ser capaz de claramente explicar, explanar as coisas aos adultos e eu acho que ao mesmo tempo tem de ser um incentivador, um motivador, um bocadinho maternal, assim um bocadinho mãezinha. Porque, de facto, aquilo que é feito neste momento, eles têm mesmo de trabalhar e bastante. E muitas vezes precisam mesmo daquele amparo para ganharem fôlego para continuar e ir por aí fora. Mas essas características não sei se são específicas do profissional de RVC, se calhar não são, se calhar podem-se aplicar a muitas profissões (E4.81) | - Saberes e atributos pessoais: fiável, comunicador, motivador. - Generalização dos saberes - Pouca especificidade e distintividade do profissional de RVC |
| | | 1.1.4 | Uma vez mais acho que é importante sabermos-nos relacionar bem com as pessoas, sermos capazes de nos adaptarmos às diferentes características das pessoas porque tu para uma pessoa com determinadas características vais ter de ser de uma maneira, com outra vais ter de ser de outra. É preciso termos essa capacidade de mutação, digamos assim. Pô-los a trabalhar em grupo, é importante saber gerir o grupo, acho que é muito importante. É importante também nós próprios refletirmos acerca daquilo que vamos pô-los a refletir. Seremos atentos, procurarmos estar informados e de vez em quando também é importante pararmos e olharmos para a nossa prática, porque as coisas acabam por ficar de tal forma automatizadas que nós nem... é assim... é assim... e pronto. Acho que às vezes é importante nós pararmos e pensarmos se alguma coisa pode ser melhorada e mudada. (E2.59) | - Capacidade de relacionamento interpessoal; - Capacidade de reflexão sobre as próprias práticas |
| | | 1.1.5 | Deve-se ser rigoroso mas condescendente também. Isto ao longo do processo e quando eu falo em condescendente estou a pensar em muitas das pessoas que ficam pelo caminho ficam apenas porque não houve um cuidado em atender a situação particular do adulto naquele momento. Portanto, o rigor! Depois, e isto por formação, ou por sensibilidade, as questões relacionadas com o desmontar de um certo o ‘nacional-porreirismo’ em que muitos dos adultos se situam na vida. Este alertar para um brio no trabalho, na família, na relação com as artes, com a vida, como o país, com o mundo. O profissional nunca deve estar satisfeito, lá porque o adulto faz uma conclusão de quatro linhas e por isso se cumpre mais uma etapa. Eu diria que o profissional deve ser um eterno insatisfeito e passar essa sensação ao adulto. (E3.57) | - Rigor e inquietude como estratégia educativa e de acompanhamento |
| | | 1.1.6 | No nosso trabalho é muito importante a relação que nós criamos e o saber lidar com pessoas, isso é o fundamental e estarmos preparados para nos adaptar às idiossincrasias de cada um. Quando vou para um grupo já não me sinto com receio, sinto-me capaz de lidar seja com pessoas mais refilonas, mais brutas, mais... Mas isso também, acho que – contigo, por exemplo, acho que aprendo muito contigo, por exemplo, por aquilo que vais dizendo, pelas tuas ideias, por aquilo que vais partilhando connosco e também me põe a mim a pensar, me faz refletir, me faz questionar algumas práticas - contigo e com o resto dos colegas. Acho que estou mais madura. (E2.22) | - Adaptação às idiossincrasias individuais - Amadurecimento pessoal e amadurecimento das práticas |
| | | 1.1.7 | Por outro lado, tem que estar por dentro de todos os referenciais, tem de saber, tem de saber como é que... Até acho que, pelo menos daquilo que eu sei, acho que nós, vamos fazendo mais; vamos sabendo mais do que os próprios formadores. Nós é que temos de ter o papel. Enquanto o formador de uma área vai e pega só na área dele, daquela forma, nós temos de ser capazes de ajudar o adulto a interligar tudo e temos de estar por dentro de tudo o que acontece desde o início até ao fim. Desde o momento em que é encaminhado e temos de saber mais ou menos o perfil até ao momento em que sai e vai a júri. (E2.27) | - Capacidade de articular os adultos e o trabalho específico de cada elemento da equipa |
| | | 1.1.8 | ...até acaba por ser a nós que atribuem mais responsabilidade e muitos até acham que nós é somos que somos os coordenadores. Nos é que temos de gerir tudo. Gerimos os formadores, gerimos o trabalho deles, portanto, ficam com uma perceção bastante positiva do nosso trabalho. (E2.48) | - Responsabilização do profissional de RVC |
| | | 1.1.9 | Talvez seja uma pessoa compreensiva... tolerante... Portanto, acho que aceito a diferença. Não sei se pode ser por aí! Tenho um campo... um bocado, se calhar, abrangente das coisas... Não sei se passa um bocado por isso... pela tolerância... pela compreensão... (E1.22) | - Características pessoais |
| | | 1.1.10 | ...pode-se dizer até porque não venho das Engenharias se não tenho 25 anos. E fui amadurecendo várias questões, quer por via do estudo, quer por via indireta, que me habilitem, de certa forma, hoje quase naturalmente exercer a atividade. (E3.59) | - ‘naturalização’ das práticas profissionais |
| | | 1.1.11 | Não tem a ver com o relacionamento mas tem a ver com a forma como se constrói e a ajuda é diferenciada. É diferente! Não tem nada a ver o princípio e agora. Em termos de relacionamento também acho que houve diferenças, por uma questão de vida, acho eu, também me permitiu maior aproximação com os adultos. (E4.29) | - Circunstâncias da vida a influenciar as práticas profissionais |

| | | | | |
|--|--|--------|---|---|
| | | 1.1.12 | Depois também tem a ver com características pessoas porque eu sou uma pessoa insegura por natureza. (E2.17) | - Características pessoais a influenciar as práticas profissionais: as inseguranças |
| | | 1.1.13 | Primeiro sou mais novinha e desde que cheguei aqui à escola trabalhei com formadores bastante mais velhos. Não sei se foi por isso também que eu criei aquela ideia... Uma espécie de relação hierárquica que efetivamente não existe. Em termos de trabalho em si... Tudo bem, são eles que validam as competências, mas a nossa voz também é muito importante nesse sentido. Agora, há coisas que podiam ser melhoradas. (E2.29) | - Características pessoais a influenciar as práticas profissionais: a idade |
| | | 1.1.14 | Até porque eu tenho, em termos estritamente pessoais, <i>handicaps</i> , ou teria e tenho menos agora, algum acanhamento, alguma dificuldade em ser... Estabelecer relações empáticas. Ao início isso custou-me um pouco. Tive de me ir munindo de algumas estratégias, de alguma flexibilidade que me aproximasse do outro. Essa fase, esses anos de trabalho em formação, quer com os miúdos quer com os menos miúdos, me foi servindo e foi sem dúvida muito útil. (E3.5) | - Características pessoais a influenciar as práticas profissionais: a timidez |
| | | 1.1.15 | Eu cresci à volta... À mesa, durante muitos anos, o tema de conversa era a Educação, eram os alunos, era a escola. Todos os dias: almoço e jantar! Todos os dias: almoço e jantar. Todos os dias! Anos e anos disto! Portanto, eu sem ter qualquer perspectiva de vir a trabalhar nessa área, tinha uma bagagem sobre o que era a Escola muito grande, quer pelo que era dito, quer pelo que não era dito, quer pelo que eu percebia nas entrelinhas que funcionava bem ou mal. (E3.37) | - 'Naturalização' das práticas |
| | | 1.1.16 | Acho que às vezes sou muito agitada e não sei até que ponto transmito essa agitação para os adultos e depois começo a dar muita informação. Às vezes sinto isso nas sessões iniciais! É tudo novo para eles e eu vou e... [<i>simulação de disparos como uma torrente de informação</i>] Se calhar devia deixá-los assimilar as coisas com mais calma. É uma coisa que acaba por ser bom e acaba por ser mau. Eu sou muito stressada e isso, às vezes, faz com que eu seja impulsiva. Sou impulsiva e reajo sem pensar. Por outro lado, também me dá aquela energia para pôr as coisas todas e agilizar. Mas pronto às vezes também sou um bocadinho precipitada. (E2.57) | - Características pessoais a influenciar as práticas profissionais: a temperança |
| | | 1.1.17 | Brinco muito com eles precisamente para que se esbatam as diferenças que eles sentem muito: O respeito que eles sentem perante a instituição escola ou a figura do professor. (E3.28) | - Humor como estratégia educativa e de acompanhamento |
| | | 1.1.18 | Mas, normalmente, até através dos silêncios e das pequenas colocações e do encontrar do momento exato para dizer de forma 'curta e grossa' algo, pô-los a pensar e, rapidamente, tornar o pensamento seu, o pensamento que é partilhado mas ajudar a que outro o entenda como algo que está a construir naquele momento (E3.28) | - Silêncio e gestão dos silêncios como estratégia comunicacional |
| | | 1.1.19 | Pelo menos a ideia de que é importante atender ao outro, chegar ao outro, compreender a sua lógica de pensamento e com isto, enfim, flexibilizar um pouco as ideias... a construção própria que se tem e que tantas vezes inviabiliza relações, aproximações. (E3.30) | - Empatia como estratégia educativa e de acompanhamento |
| | | 1.1.20 | Por outro lado, não sei se por preparação minha ou por alguma sensibilidade para, tendo a ter ótimas relações com os adultos e relações mais próximas com eles do que aquela que eles criam com a restante equipa formativa, portanto, os formadores. Estou a falar de uma equipa de formadores com uma idade já. Não são propriamente novos e que, portanto, e apesar de já estarem alguns deles a trabalhar nisto há algum tempo, continuam a sentir alguma dificuldade - porventura, acham que não é esse o papel deles - em chegar-se para, portanto, são muito diretivos muitas vezes... Enfim, tendem a não olhar para as condições socioeconómicas o capital cultural, os acontecimentos que fizeram com que as pessoas fossem o que são hoje. Portanto, eu sinto da parte deles uma grande proximidade! (E3.42) | - Diferenciações de abordagem em relação com as condições socioeconómicas |

| | | | | |
|--|---|-------|--|---|
| | 1.2. Avaliação das práticas profissionais | 1.2.1 | Acho que com o tempo tornei-me mais exigente, no bom sentido. Antes sofria daquele mal de ver os adultos como uns coitadinhos e de amparar sempre. Agora não! Acho que são adultos, <i>ok</i> . Nem todos os adultos são carentes ou têm... e se calhar eu, à partida, pensava isso, ou abandonaram a escola por motivos frágeis, ou... Não, nem todos! Muitos deles até, ao voltarem à escola a estudar, foi importante e é importante! Acho que evolui nesse sentido. Porque no princípio acho que lhes 'amparava muito o jogo', não é ser compreensiva de mais, mas era até... Faziam um bocadinho e até achava que já estava e até eu não puxava mais por eles, porque pronto... coitados... agora não, já os posiciono como deve ser acho que estava errada e evolui. (E1.32) | - Transformação das práticas: a despsicologização |
| | | 1.2.2 | Acho que, inicialmente era muito maternalista com os adultos e isso depois fazia com que eles não fossem tão autónomos. Às vezes, até confundia um bocado as coisas em termos relacionais e aproximava-me demais e isso faz com que, em determinadas situações, não esteja a ser... pronto... facilite mais as coisas... Não está certo! Mas de uma forma geral tenho uma relação boa com os adultos! (E2.42) | - Transformação das práticas: a despsicologização |
| | | 1.2.3 | Há uma postura que eu acho que – eu estava a pensar assim, mas ao mesmo tempo a pensar que não era assim, que não é bem assim – mas há uma postura mais maternal ou há um relacionamento mais maternal com os miúdos do que com os adultos, pois os adultos espera-se que... São crescidos, são autónomos, portanto isso influencia, obviamente, a forma de relacionamento (E4.4) | Definição da adulez: a autonomia |

| | | | |
|--|--------|---|---|
| | 1.2.4 | Agora, eu diria, talvez, que o traquejo me tornou menos passível de ser aldrabado. Dito de outra forma: sou hoje mais seguro naquilo que faço; percebo muito mais rapidamente; distingo mais rapidamente; típico mais rapidamente os adultos que tenho à frente e isso ajuda-me a ser mais rápido na minha resposta, mais assertivo, mais incisivo, mais, por vezes, mais duro, outras vezes nem tanto, não é necessário. Mais uma vez, foi a experiência, é o traquejo que me ajuda a realizar estas mudanças. Nunca fui muito sensível, ou nunca me subjuguei à normativa que a tutela impõe; à necessidade de atualizares constantemente o SIGO, nunca faço esse tipo de coisas, quase como se tivesse num limbo profissional: "Julguem-me! Demitam-me!". Eu não estou para me chatear com isso! Há outras coisas para fazer muito mais importantes, e olha... (E3.22) | <ul style="list-style-type: none"> - Transformação das práticas: a experiência profissional como aumento de consciência - A resistência à normativa tutelar |
| | 1.2.5 | Tendo em conta todo o desgaste que temos... O desgaste psicológico! Trabalhar com pessoas é muito desgastante e muita gente não têm essa noção. Atendendo às nossas qualificações e tudo isso somos mal remunerados comparando com outras profissões. Não é que a nossa profissão seja melhor, se calhar nem é tanto por aí. Já estamos a entrar outro campo. (E2.61) | <ul style="list-style-type: none"> - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> |
| | 1.2.6 | Porque gosto de trabalhar com pessoas e porque gosto de me relacionar com pessoas. Gosto de despertar a curiosidade, o conhecimento, o gostar de saber, o querer saber mais nas pessoas, sempre gostei disto. E passa muito por aí, exatamente, este trabalho enquanto profissional de RVCC. (E4.57) | <ul style="list-style-type: none"> - Atratividade das práticas profissionais |
| | 1.2.7 | Portanto, como ser humano, acho que aprendi muito e aprendo muito ainda com muitos deles. Às vezes, até pode ser cansativo e desgastante ainda assim ainda tem um lado com mais coisas boas do que coisas más. Mais até na relação comigo e com eles. (E1.33) | <ul style="list-style-type: none"> - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> |
| | 1.2.8 | Ao final de dez anos é como em qualquer profissão, perde-se um bocadinho o interesse. Se me perguntarem: então o que é que eu gosto agora? É o contacto com as pessoas. (E5.21) | <ul style="list-style-type: none"> - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> - atratividade das práticas profissionais |
| | 1.2.9 | Primeiro porque era uma coisa nova. Depois estava no início da minha carreira e então também existe aquele empenho, aquela motivação, aquela vontade de aprender. Quanto mais novo melhor. Agora também! Mas pronto, na altura também senti isso. (E5.3) | <ul style="list-style-type: none"> - Início de carreira |
| | 1.2.10 | Acho que tu depois és mais prática na resolução de situações. Não te envolve tanto com alguns problemas! (E5.23) | <ul style="list-style-type: none"> - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> |
| | 1.2.11 | [<i>Autoestima</i>] É importantíssima! Se uma pessoa não acredita nela própria, nas suas capacidades e no que é capaz de fazer, não vai ter capacidade de empreendedorismo. Portanto, eu acho que se bem que seja, aparentemente, um ganho subjetivo, que não é subjetivo, porque ele depois pode-se aplicar na prática. Obviamente que uma pessoa que não gosta dela, se não gosta dela, não acredita nela, não se vai arriscar a nada! Quando uma pessoa aumenta sua autoestima tem uma capacidade de relacionamento com os outros melhor. Porque também se gosta mais dela também é capaz de gostar mais dos outros. Portanto, em relação a isso, acho que ainda não está muito bem visto o ganho que é o aumento da autoestima, a melhoria do relacionamento familiar, tudo isso vai ter implicações sociais e na empregabilidade que tanto se fala (E4.46) | <ul style="list-style-type: none"> - As implicações da prática profissional: a autoestima - As implicações da autoestima |
| | 1.2.12 | Em termos sociais e face à realidade com a qual nós trabalhamos, desde logo o facto de recebermos e tivemos acesso a populações que de outra forma nunca mais seriam colocadas em nenhum processo educativo. Desde logo isso acho que é importante e depois todo o trabalho que é feito em grupo e mesmo individualmente, as reflexões que nós ajudamos os adultos a fazer, acho que possibilitam alterações em termos de cidadania, em termos de relacionamento com os familiares, em termos de contexto de trabalho e acho que sim, acho que isso, em termos sociais, é fundamental. O teres cidadãos que buscam o conhecimento, que reconhecem as suas fragilidades, as suas potencialidades, que se esforçam por fazer algo melhor. Não sei se estou a ter uma visão muito idílica da coisa. Daquilo que eu vou vendo com os adultos com quem trabalho, vejo claramente... Assisti a situações em que há alterações a nível do relacionamento familiar, nomeadamente com os filhos; há uma aproximação e com os restantes elementos da família. A nível profissional também noto alterações e a nível mais macro, sim, socialmente também (E2.46) | <ul style="list-style-type: none"> - As implicações da prática profissional: reconfiguração de processos e percursos educativos; pessoais e profissionais |
| | 1.2.13 | [<i>o manifestado e por manifestar</i>] Sim, mas eu acho que as pessoas não escrevem. A maior parte das vezes não escrevem. Mas revivem-nas! Revivem-nas para elas próprias. Quando me dizem: "Doutora, estou com a cabeça 'feita num oitão', porque lembrei-me de coisas que não me queria lembrar, estavam esquecidas e não sei quê". Isto são aquelas coisas que vamos fazendo, que podem estar certas ou estar erradas, mas que eu faço: o facto de as pessoas reviverem a sua vida vai reestruturar, re-perspectivar as situações vividas. Eu acho que isto vai ajudar e muito no crescimento da sua autoestima. Vão ver o que foram capazes de fazer; vão retribuir; vão reanalisar as suas partes difíceis das suas vidas e é aquilo que, a meu ver, que traz o tal aumento de autoestima que tanto se fala. (E4.45) | <ul style="list-style-type: none"> - As implicações da prática profissional: o manifestado e o não manifestado |

| | | | |
|--|--------|---|---|
| | 1.2.14 | Agora neste momento, trabalhar um bocado a prazo é complicado. E, às vezes, saber gerir essa razão e emoção não é fácil. Às vezes, é o que eu te digo, gostava de ter mais tempo para perder. Por um lado é importante termos metas e objetivos. Se as metas não fossem para cortar, é importante, porque senão um portefólio pode ser feito eternamente. Haveria sempre alguma coisa que eu lhe pudesse pedir para eles falarem. Então, nunca mais se sairia do sítio! Ou era possível estarmos sempre a marcar sessões e haver sempre qualquer coisa. (E1.143) | - As limitações das metas quantitativas |
| | 1.2.15 | É assim: quando eu estou em sessão ou quando estamos em sessão a trabalhar todos, não sinto quase nada do que eu estou a dizer, porque até vibro, até falo, até ouço! Aliás, há muita partilha e muita comunicação. Mas, depois as coisas vão assentando e depois há uma parte em que é como te digo: intelectualmente estimulante não é. Gosto de ler as biografias, gosto de ajudar, gosto de dar ideias, a construir, a desenvolver. Mas muitas vezes eu já te disse que eu até parece que eu desaprendo. Desaprendi quase a escrever o português. (E1.152) | - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> - As práticas profissionais como possibilidades de desaprendizagem |
| | 1.2.16 | Por exemplo, tenho uma colega minha que é Técnica e ao falar com ela, com essa minha amiga, eu sei que ela é só Técnica. Ela tem os grupos e ela faz aquele trabalhinho. Nós na associação não somos assim! Como já estamos desde o início nós percebemos daquilo! E então, quando há uma coisa para resolver, mesmo quando nos ligam da ANQ e tudo, é a nós que nos vão ligar, porque nós sabemos das coisas. (E5.26) | - A tecnicização das práticas profissionais |
| | 1.2.17 | Eu acho que é essencial não se ser um técnico! Isto é, eu acho que é essencial ver-se para além de, estar-se para além dos procedimentos inscritos numa determinada diretriz. Quem não tenha a cultura, a sensibilidade, o gosto por interferir positivamente em trajetos... Em pessoas que querem ser ajudadas, querem progredir, querem avançar... Quem não tem este gosto especial, quem esteja a olhar para o relógio para sair às 6 da tarde não está a prestar um bom serviço (E3.39) | - A tecnicização das práticas profissionais - A lógica de serviço |
| | 1.2.18 | Ora bem, entendidos à letra pelos tais técnicos que eu há pouco criticava, muito de funcionalismo público (entendido aqui negativamente), não são transformacionais. Muitas vezes são apenas o aproveitamento, claro está, com o beneplácito dos tais técnicos, são o aproveitamento de uma oportunidade ou de uma construção que não traduz necessariamente melhorias significativas na formação das pessoas. Daí eu achar que é importante complementar a nossa ação com o rigor humanístico-qualquer coisa que deixe as pessoas um pouco conscientes das suas lacunas (E3.41) | - A tecnicização das práticas profissionais - Função educativa |
| | 1.2.19 | Porque ingenuamente, possivelmente, ao início pensei que, de facto, poderia ser algo que teria importância, relevância e que a nossa ação, a minha, a nossa, poderia ser aperfeiçoada, limada, mas não ser abandonada. Poderia haver fóruns nacionais de discussão, como chegou a haver. Poderia haver uma aproximação muito grande - eu desejava isso - entre a tutela e alguns Centros, entre os Centros, e quando percebo que nada do que se fez de bom serviu para alguma coisa, aparentemente – também estou naquela fase desgostosa – tão depressa estava lá em cima, como estou cá em baixo (E3.66) | - Comunidades de prática: a constituição e sedimentação |
| | 1.2.20 | Eu sinto-me importante no que faço por quase dos meus adultos, mais nada, ponto final. De alguns adultos... E mais nada ponto final. Não tenho o reconhecimento da tutela! A tutela não acha que aquilo que eu faço é importante; os pares também não. A sociedade no seu todo também não (E3.62) | - Negligência institucional e tutelar |
| | 1.2.21 | Eu agora não é tentar desresponsabilizar-me mas antes sentia que tinha mais uma carga... Sentia-me mais sobrecarregada do que agora. Isto é, alguma coisa que corria mal... (E1.80) | - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> |
| | 1.2.22 | Uma novidade qualquer que é para eu não esmorecer e para não ser sempre a mesma coisa (E1.80) | - A tecnicização das práticas profissionais |
| | 1.2.23 | Sinto um bocado falta de tempo dos formadores. Não é que eu não goste até de falar um bocadinho de CLC, ou de STC ou de CP, ou das outras que até gosto. Sempre saio um bocado do ramerrame! Mas depois é a função de mediadora. Mediar formadores-formandos... Às vezes, até é cansativo ter mediar e ter de gerir. Porque nós fazemos tudo! Só não marcamos júris. De resto, conseguíamos perfeitamente levar o Centro para a frente (E1.143). | - Desgaste psicológico e <i>burnout</i> |
| | 1.2.24 | Para além disso, eu acho que se procurasse, se calhar, outros temas mais interessantes... Mais necessários! Porque eu até acho muito giro: o DNA, a hereditariedade, a genética, mas é um conhecimento... Ok, tudo bem! Eu sou parecida com a minha mãe e com o meu pai; os meus filhos são parecidos comigo, no fundo é o que vai dar. [Risos] É engraçado mas não é essencial para a vida, para sobreviver! Se calhar, por exemplo, despertar nos adultos, arranjar uma técnica para isso, criar ideias novas, para criar novos negócios, etc. Isso poderia ser muito mais interessante do que os átomos. Pronto! Acho que há uma tentativa falhada de querer igualar o Referencial à parte da escolaridade, o que não faz muito sentido. (E4.46) | - Possibilidades de transformação das práticas: criatividade |

| | | | | |
|--|--|--------|--|---|
| | | 1.2.25 | Teria de ser uma vertente mais direcionada para o bem-estar das pessoas, para a capacidade de agir... Os conhecimentos são importantes porque até inclusivamente acho que o facto de ser difícil isso vai-lhe dar autoestima também. Porque chegam ao fim a pensar: "cheguei a fazer uma coisa complicada e difícil". Mas não tanto desta forma que se pede conhecimentos que ninguém tem! Ninguém tem. Nenhum licenciado tem! E se nós sabemos que os licenciados ao fim de dois anos perdem 50% do conhecimento que adquiriram, que no fundo são conhecimentos memorizados e muitas vezes nem isso e, muitas vezes, pouco interiorizados. Se se pede isso aos licenciados o que vai acontecer com o processo de RVCC, com os adultos do processo de RVCC, não é. (E4.48). | - Possibilidades de transformação das práticas: bem-estar |
| | | 1.2.26 | Há [pausa] temáticas ou há [pausa] assuntos que seriam talvez importantes de ser trabalhadas e estou a pensar nas questões relacionadas com o empreendedorismo, de forma mais genérica: a criatividade, etc. que, talvez – e com isso também uma ligação mais próxima com os Centros de Emprego e do mundo empresarial - que uma vez fazendo parte do argumentário do profissional talvez fosse muito útil nesta relação com o adulto e na capacidade de o potenciar para um degrau acima (E3. 60) | - Possibilidades de transformação das práticas: empreendedorismo e ligação ao mundo empresarial |
| | | 1.2.27 | ...Coaching, do empreendedorismo, da própria capacidade de criar o seu próprio emprego (E3.61) | - Possibilidades de transformação das práticas: criação do próprio emprego; coaching |
| | | 1.2.28 | ...eu tão pouco me sinto um profissional de RVC, na verdade! Acho que sou muito mais do que isso! A minha função não está desenhada para aquilo que faço! Dito de outra forma ainda: ao longo deste tempo todo, sempre achei que a minha – sempre achei não, mas em determinada altura achei – que eu me sentiria muito mais realizado e muito mais profissional, mais exigente comigo próprio, se tivesse outra função, dentro desta lógica. Que seria a de Coordenador de Centro. Sempre achei que tinha um perfil mais adequado para Coordenador. Isso não é possível dado o desenho da coisa, mas cheguei a comentar com várias pessoas que era este o meu objetivo se fosse possível. Porque me libertaria de algum cansaço inerente ao trabalho direto com os adultos e permitir-me-ia pensar nas coisas de uma forma mais abrangente e depois fazer algo que eu acho que se deve fazer e não se faz tanto que é a interligação dos Centros com o meio social, comunitário, empresarial, muito mais efetivo, muito mais dinâmico. Às tantas, estamos todos envolvidos numa redoma muito circunscritos no nosso trabalhinho invisível. Até o meu trajeto profissional anterior me fez sentir que, em determinada altura, me fez sentir que o meu futuro seria esse. Estar mais numa área de decisões e de definição de caminhos a seguir do que propriamente depois na... (E3.73) | - As práticas de profissional de RVC como forma de subemprego |
| | | 1.2.29 | Não! Fez parte do meu percurso. Apareceu! Como poderia ter aparecido outra coisa. Apareceu e mantive-me. Inicialmente foi uma coisa que me deu alguma 'pica', porque era uma coisa nova e tu tinhas que trabalhar, tinhas que criar, tinhas que experimentar e tu criticavas e depois tu... Era uma coisa multifacetada: ias a formações, recebias formação, davas formação. Havia os encontros! Tudo muito interessante! (E5.21) | - A tecnicização das práticas profissionais - Desgaste psicológico e burnout |
| | | 1.2.30 | Aqui entram outra ordem de fatores. Por natureza sou um pouco avesso a estar muito tempo no mesmo lugar e, portanto, já há algum tempo atrás que sinto um chamamento para fazer outras coisas. Isso é um facto! Agora, o meu trajeto profissional, a minha idade, levam-me a não agir de... e não pensar de forma ligeira nesses assuntos! É evidente que se eu sentisse, da parte de quem tem essa responsabilidade, um interesse efetivo em aproveitar a minha experiência, o meu saber, seja o que for... Eu sentiria que sim, que era este o meu caminho! Por outro lado, não nego que, às vezes, apetece-me é desaparecer daqui e fazer outras coisas. Eu gosto de fazer outras coisas! Este tipo de atividade é muito absorvente! Acho que até foi contigo que comentei isso, se não foi... Ando a prefaciar livros de outros, quando eu gostava era de ser prefaciado, pois eu gosto muito de escrever e não tenho discernimento mental, muitas vezes, para o fazer. Estou nesta, neste momento: decidam-se! Eu arranjarei o que fazer e saberei fazê-lo bem. Preciso é de sentir que.... Eu não quero sentir que me estou a aproveitar de algo. Quero-me sentir útil nesta área, se for o entendimento de quem de direito, porque senão também me sinto mal em estar aqui a eternizar-me em algo que não é sequer bem visto socialmente. (E3.72) | - As práticas de profissional de RVC como forma de subemprego |

| | | | | |
|--|--|--------|--|--|
| | | 1.2.31 | <p>...o RVCC para haver grandes mudanças no sistema educativo mesmo formal. E até no campo profissional, ao nível do recrutamento e seleção de pessoal, ao nível de trabalhar por competências, o trabalhar a competência e nunca o conhecimento. O ter técnicos de BC a trabalhar com a pessoa, haver essa necessidade a tal gestão de carreira, acho que isso era importante. Haver essa mudança nos currículos da escola, direcionar mais para aquilo que é o profissional, para aquilo que é o... Quando estive convosco nas reuniões, dei-me conta de duas orientações completamente distintas. Que é: não vamos criar pessoas para aquilo que há falta; Há falta de profissionais desta área então vamos criar pessoas para aí. Não! Porque primeiro temos de dar liberdade à pessoa para o que realmente ela quer e para a aptidão que ela tem e depois quando elas saírem do sistema educativo, vão para o terreno e se calhar já não há aquilo que havia em falta já não é isso e é outra coisa. Eu consigo perceber essas duas vertentes mas eu acho que deve haver uma visão mais prática. E deves formar as pessoas nunca afunilando, é verdade. Deve ser uma coisa mais abrangente! Dar competências às pessoas, dar conhecimentos às pessoas mais abrangentes para que elas possam depois ao ir para o trabalho, para o terreno, trabalhar várias coisas e não só uma. Como por exemplo, no campo da engenharia, há muito engenharia... quer dizer: começou-se a esmiuçar tanto que eu não sei até que ponto é isso importante. Acho que se calhar deveriam trabalhar mais blocos de especializações e não afunilar. O estudante tem de ser capaz de fazer mais coisas, de ser mais versátil, ser mais polivalente dentro de uma área de estudo que ele escolheu. Há as matemáticas, há as biológicas, há as físico-químicas, há as filosofias, mas depois trabalhar muita coisa lá dentro. E depois tu aprendes trabalhando. Tu não aprendes em aulas! As tais teorias não servem... Se calhar serve para os marrões! Se calhar serve para aquelas pessoas que já são formatadas para o estudo e que querem estudar e que querem se aplicar. Mas há muito ali que já acabam por fugir, um bocadinho, a esse sistema e que acabam por fazer as coisas por fazer e depois saem com pouca coisa. Quando eu saí de psicologia, saí com quê? Saí com uma forma diferente de ver a realidade diferente se calhar de outro. Há certos conhecimentos que eu adquiri que fez-me estar mais atenta a alguma coisa, mais sensível a outra, ser capaz de, perante um problema, pesquisar, estudar e interpretar aquilo que é importante para eu conseguir resolver esse problema. Mas se calhar, se fosse posta à frente, com uma questão que se calhar já trabalhei em psicologia eu não era capaz porque se calhar eu tinha-me esquecido. O que é que eu acho? Eu acho que esta nova abordagem, esta nova lufada de ar fresco, deveria ser valorizado e aproveitado para várias áreas da população. Acho que não. Isso depois perdeu-se. (E5.100)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Alterações no sistema educativo escolar; - Alterações no campo profissional (recrutamento e seleção de pessoal) - Maior abrangência das práticas profissionais |
|--|--|--------|--|--|

| | | | | |
|--|---|-------|--|--|
| | 1.3. Regulação das práticas profissionais | 1.3.1 | <p>Mudanças, não há assim muitas mudanças, se queres que te diga. Eu acho que eles acabaram de alguma forma por definir mais o nosso trabalho, em termos de instrumentos a utilizar, das regras, aqueles caderninhos que eles nos entregaram, os manuais: de como se deve fazer uma sessão de júri, como o Técnico de Diagnóstico. Inicialmente não havia Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento, aí houve mudanças! O problema aqui é que as mudanças surgiram e houve uma formalização das coisas, só que aumentaram também o número dos Centros. Se isso tivesse acontecido logo no início com poucos centros, as coisas ficariam mais bem estruturadas – o tal feedback – e uma coisa ajuda a outra. (E5.9)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Definição das práticas profissionais - Formalização |
| | | 1.3.2 | <p>...com tantos Centros a abrir, eles tinham de definir alguma coisa, se não cada Centro fazia o que queria (E5.9)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Definição das práticas profissionais - Formalização |
| | | 1.3.3 | <p>O que acontece é que já voltei a ver noutros Centros os mesmos instrumentos que se utilizavam inicialmente. (E5.9)</p> | |
| | | 1.3.4 | <p>Tu podes ter uma credencial para as competências que adquiriste enquanto técnico de RVC. Mas o nome teria de ser outro porque estás já a reduzir a uma função que vai deixar de existir. (E5.64)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Definição de perfil |
| | | 1.3.5 | <p>Tipo um código deontológico do profissional de RVCC. Trazer mais honestidade e correção à prática à profissão. Acho que podia ser uma forma de “limpar”. Nós sabemos! Podemos não ver mas ouvimos dizer partindo do princípio onde há fumo há fogo. Podia eventualmente limpar a imagem. (E4.75)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Código deontológico |
| | | 1.3.6 | <p>Não sei. Estás-me a fazer perguntas... Que não sei. A questão aqui... Já falamos disso... O profissional de RVCC agrega pessoas de diferentes áreas e por isso é que eu acho que independentemente da licenciatura, da formação que a pessoa tenha, deveria ser obrigatória fazer um curso, não é um C.A.P. [Certificado de Aptidão Pedagógica], mas uma coisa desse género que te desse habilitação profissional para desempenhares estas funções e depois deveria haver uma entidade que regulamentasse toda a nossa ação, que nos protegesse quando fosse necessário. No fundo aquilo que uma ordem faz, que promovesse formação, agora, ultimamente tem aparecido mais, que realmente promovesse o desenvolvimento dos Profissionais de RVCC, que regulamentasse tudo, que amparasse, desse apoio, apoio jurídico, apoio... (E2.68)</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Obrigatoriedade de cursos específicos - Entidade reguladora de práticas |

| | | | | |
|--|--|-------|---|--|
| | | 1.3.7 | Acho que é relevante criar um perfil, acho que é relevante criar as competências exigidas, que seja um bom profissional, que saiba o que está a trabalhar e como deve trabalhar. Acho que deve ser controlado por estar a mexer na vida das pessoas. Acho que deve haver também um código deontológico para esse trabalho. Mas não pode estar ao mesmo nível que é ser psicólogo, que é ser engenheiro, ou que é ser professor. Porque senão aí também trabalha. Se não por exemplo, não é inferiorizar um técnico de RVC mas por exemplo, um Técnico de Recrutamento e Seleção, um Técnico de Recurso Humanos, um Mediador de Formação, dos cursos. Também trabalha com as pessoas! Também acompanha uma série de problemáticas que também tem de resolver. Aqui mexe um bocadinho mais porque trabalha com a vida das pessoas. Mas a vida da pessoa... Ela também só te transmite aquilo que quer. O problema é que como tu mexes um bocadinho com a vida da pessoa, depois salta coisas. Eu acho é que, quando tu estás a trabalhar num Centro Novas Oportunidades, quando estás a trabalhar com isso, tu estás a trabalhar com uma massa humana que precisaria de outros profissionais. E já que trouxeste a massa humana para um sítio, acho que tu não os deverias deixar sair sem mais nada. Acho que devias apanha-los e trabalhar. Trabalhar o quê? Trabalhar a parte das competências, trabalhar a certificação escolar, a certificação profissional, trabalhar a formação, trabalhar a carreira, trabalhar a orientação, trabalhar até mesmo em termos psicológicos - há pessoas que nos aparecem e que estão deprimidas, pessoas que nos aparecem com outro tipo de problemas e, se calhar, isso, isso sim era excelente! Se conseguisses trabalhar essas coisas nos tais Centros Novas Oportunidades. Era dar uma nova oportunidade à pessoa que ali entrasse. Mas cada um teria um perfil definido por um técnico à chegada e, então, podia-se trabalhar um série de coisa. O arranjar trabalho; a pessoa fazer um balanço de competências, como é, para aquilo que a pessoa quisesse e acho que aí sim. Acho que aí terias muita. Era relevante... (E5.70) | - Definição de perfil - Código deontológico |
| | | 1.3.8 | Deveria ser a tutela a descrever! Se são eles que nos passam o trabalho, que nos dão as diretrizes, orientam e etc. A Associação Alfa não tem qualquer conhecimento da área. Quer dizer! Que conhecimento é que tem? Tem o conhecimento adquirido pela equipa técnica. Mas a equipa técnica é formada por outra entidade. Por isso, a outra entidade que tem de fazer uma descrição funcional sobre os elementos que formam a equipa. (E5.50) | - Definição de perfil pela tutela |

| | | | | |
|------------------------------|------------------------------------|-------|--|---|
| 2. Identidades profissionais | 2.1. Pluralidade de identificações | 2.1.1 | Eu diria que digo que sou profissional de RVC e estou ali para ajudar os adultos a verem, a descobrirem os seus conhecimentos e as suas aprendizagens. Mas acaba sempre por também vir: mas sou psicóloga! Eu acho que... Tem graça! Pensando agora, eu lembro-me perfeitamente, de início: “eu sou psicóloga e estou a trabalhar como profissional de RVC na Escola Secundária Z”. Ultimamente e talvez até por estarem a ser mais atacadas e ser preciso defendê-las, explica-las porque as pessoas não sabem o que é, eu digo: “trabalho nas Novas Oportunidades. Muitas vezes eu digo trabalho nas Novas Oportunidades e pronto! Novas Oportunidades. (E4.33) | - Identidade múltiplas |
| | | 2.1.2 | Não digo confusão ou se calhar eu também induzo. Há sempre alguma coisa pessoal ou alguma pessoa mais frágil que, sendo eu formadora, mas que me procura no papel de psicóloga (E4.7) | - Identidade múltiplas |
| | | 2.1.3 | Acaba sempre por aparecer alguém com um problema específico, com uma situação específica, que inclusivamente acabam por dizer: “a doutora é psicóloga!”; “Mas eu não estou aqui como psicóloga!”. Mas certo é que depois... Depois não se pode fugir. (E4.8) | - Identidade múltiplas |
| | | 2.1.4 | Enquanto profissional podes fazer isso. Enquanto psicólogo, tu não deves fazer isso, enquanto psicólogo clínico, não deves fazer isso. (E4.54) | - Identidade múltiplas |
| | | 2.1.5 | É pelo valor humano que eu gosto do meu trabalho. É por isso que eu sou psicóloga. É um bocado mais ligado à minha licenciatura. (E5.21) | - Identidade de base definida pela licenciatura |
| | | 2.1.6 | Eu se calhar ia voltar a salientar coisas que se eu dissesse que era psicóloga as pessoas já entenderiam. Sou psicóloga então estou vocacionada para trabalhar com o outro, com as pessoas e isso como técnica de RVC. Já te disse, acabei por aperfeiçoar. Agora se eu passar à parte técnica a nível de conhecimentos técnicos. Posso-te dizer, realizar uma candidatura, conhecer projetos, organizar formação, ser mediadora, criação de instrumentos de mediação, depois toda a burocracia inerente a este trabalho, saber o que é o quê. Mas acho que tem mais a ver com nível de gestão. Acho que ia focar mais isso! Sou capaz de gerir um grupo de pessoas; sou capaz de ver as dificuldades e tentar colmatá-las através de atividades que eu penso e que estou a analisar e estar a criar para esse efeito. Ser capaz de ter autonomia para e por ter tido essa autonomia ser capaz de pensar mais além do que só aplicar aquilo que foi dito para aplicar: “tens estes instrumentos de mediação, aplica. Vê se eles conseguem; eles entregaram-te esse PRA, analisa”. Não! Sou capaz de ver o que está errado o que não está errado, as dificuldades que as pessoas têm e não têm e adequar à pessoa. Fazer a gestão do grupo. Fazer a gestão da pessoa e a gestão do grupo. (E5.81) | - Competências das qualificações de base |

| | | | |
|--|--------|---|--|
| | 2.1.7 | Claro. Sou psicóloga. Trabalho com adultos! Se as pessoas me perguntam indiretamente eu digo: “trabalho num CNO”. Se me perguntam, falo. Normalmente se estás com alguém que já sabe disto normalmente há uma conversa que não interessa nem a gregos nem a troianos, não interessa nada ter a conversa. É só por isso! Mas se eu tiver que dizer digo, caramba. Não tenho, não tenho... Até porque eu defendo este trabalho. Agora já me canso de defender o trabalho. (E5.39) | - Ocultação das práticas e das identidades específicas |
| | 2.1.8 | ...Licenciado em sociologia... (E3.48) | |
| | 2.1.9 | Uma educadora de adultos, não. Não sei o que queres dizer com uma educadora? (E1.52) | - Indefinição educador de adultos |
| | 2.1.10 | Ensino a mexer no computador; ensino a fazer pesquisas; ensino a pôr imagens; ensino a formatar textos; ensino, se for preciso, a corrigir um erro. De matemática, se houver alguma dúvida, também ensino e gosto dessa parte, de lhes ensinar! O que eu noto é que eles gostam que lhes expliquem bem as coisas (E1.55). | - Definição educador de adultos |
| | 2.1.11 | O que é que é educar? (E2.36) | |
| | 2.1.12 | Eu acho que na educação não depende só do educador, depende também do educando. Por mais que façamos, se a pessoa não estiver receptiva a... Por mais que façamos não vamos ter um papel transformativo nessa pessoa. (E2.37) | - Relação dialógica e relacional |
| | 2.1.13 | ...mexer com as pessoas! Ou melhor: abaná-las - mas isso não é uma finalidade, é um meio - de forma a que um dia mais tarde, elas sintam que valeu a pena os meses de trabalho que tiveram e que isso, de alguma forma, contribuiu para serem melhores pessoas, melhores profissionais, melhores cidadãos, melhores pais, melhores filhos (E3.25) | - Definição educador de adultos |
| | 2.1.14 | ...é um educador senão também aquele que provoca, que estimula, que inquieta? Eu gosto de achar que sou um pouco disso! Nem sei se sou, espero ser! Gosto de achar que é um pouco isso que me define. Portanto, uma educação muito mais virada para a cidadania, para a arte, para valores que nos transcendam de alguma forma do que para esta questão muito em voga, hoje em dia, da empregabilidade. (E3.26) | - Definição educador de adultos |
| | 2.1.15 | Eu na verdade, a forma como eu entendo o processo de RVCC vai para além do processo de RVCC porque ninguém fala em inquietação. (E3.40) | - Definição educador de adultos |
| | 2.1.16 | Um psicólogo também não é transmissor de nada. Em termos clínicos, uma pessoa que tenha um problema nunca pode dizer que um psicólogo ajudou. Tu não estás ali para ajudar ou a tratar. Tu estás ali para orientar a pessoa a ajudar-se a si própria. A pessoa tem de ser capaz com as suas capacidades de conseguir sarar ou conseguir tornar-se um indivíduo mais forte, mais capaz. É isso que um psicólogo faz! O Técnico de RV, seria também um bocadinho isso. Seria um orientador. Mediante aquilo que tem, aquilo que lhe aparece à frente, mediar, mediante a problemática que a pessoa vai expressar! Em termos da competência: tu agora estás a direcionar para o perfil do técnico. O que é que é o técnico? O técnico para mim é um mediador que se deve manter como mediador e deve trabalhar a massa humana que se consegue trazer para os Centros Novas Oportunidades. A todos os níveis, como eu te falei a tal multidisciplinaridade. Depois é a parte do conhecimento e da competência. Daqui a dez vinte anos – tu, na altura, numa reunião, também disseste isso - já não vai ser tão importante, isto do 9º do 12º, provavelmente não. Provavelmente o tipo de aprendizagem, os miúdos quando entram na escola se calhar não vão ter um sistema educativa não tão escalonado, não tão direcionada para aquelas disciplinas. Se calhar vão ter uma aprendizagem diferente. Espero eu que sim! Se calhar tu vais conseguir abrir as cabeças das crianças muito mais cedo e elas vão começar desde novas a interpretar o mundo à sua maneira e a abarcar conceitos mais abrangentes que não o 2+2=4. Agora vou para aquela disciplina e vou aprender aquilo e depois vou para aquela outra. E depois porque eu acho também que as pessoas devem ter uma base comum. Por exemplo, não sei se é tão interessante, na minha área, deixares de ter matemática, ter biologia, ter química, ter música e ter desenho. (E5.101) | - Definição de uma prática |
| | 2.1.17 | ...lembrei-me de uma referência, de uma irmã que diz: “nós já somos a 4ª geração de professores”. Professores ou formadores. Ela é que se lembrou lá disso – mas é assim, se por um lado, há tanto tempo que eu dou formações, está na sequência, está no seguimento. (E4.61) | - Genealogia disposicional |
| | 2.1.18 | Quando eu falava da minha tendência ou da minha sensibilidade para algumas problemáticas relacionadas com o desfavorecimento social ou com as dicotomias sociais, tinha muito a ver com essa educação para a diferença, para o outro que, desejavelmente, se quer para seres que se preocupam para essas matérias. Sem dúvida alguma. A educação que tive foi preponderante neste caminho, que não foi propriamente escolhido! É um caminho que zigzagueantemente me levou até aqui mas o qual não renego. É um caminho que me orgulho! (E3.12) | Genealogia disposicional |

| | | | |
|---|-------|---|---|
| 2.2. Reconhecimento e visibilidade social | 2.2.1 | Não há necessariamente muitas convergências, ou haverá algumas entre a ação do Profissional e dos adultos mas a um nível da perceção da sociedade, desde sempre que há muitos pontos de interrogação – e alguns serão legítimos -, muitas dúvidas, muitas críticas. (E3.41) | - Desconhecimento social das práticas |
| | 2.2.2 | Em termos de visibilidade ou de aceitação pública – como até já te disse – às vezes custa-me dizer que sou profissional de RVC, as pessoas nem sabem o que isso é, Reconhecimento de Competências das Novas Oportunidades. (E3.11) | - Visibilidade pública |
| | 2.2.3 | Porque há uma carga negativa, pejorativa relativamente a esta nomenclatura. Porque muito associado a um determinado partido que levou isto avanti. Não é pela aceitação pública, pela visibilidade pública que eu estou nisto. Não é pelo salário, não é pelo horário de trabalho: trazemos muito trabalho para casa, muitas vezes, como sabes. É, sobretudo, como há pouco tentei dizer, a oportunidade de, de facto, conhecer pessoas; histórias de vida absolutamente fantásticas e, portanto, eu sinto, que... Um dia, comentei isto com o meu primo, foi algo do género: a geografia e a topografia humana desta região, eu hoje sinto que a conheço muito melhor, do que conhecia há cinco anos atrás. Conheço muito melhor a minha região e os que nela habitam, do que há cinco anos atrás! Porque conheço as pessoas! Como também conhecerás... Isto dá-nos um poder, que é algo que não sei se estás para aí a analisar ou não, mas que é interessante ver por esta lógica, dá um poder impressionante! Um poder impressionante! (E3.44) | - Desconhecimento social das práticas - Crítica das práticas - Perceção pública negativa |
| | 2.2.4 | Por um lado há questão dos mitos todos que se vão criando lá fora e as pessoas ficam sempre um bocadinho de pé atrás, olham com estranheza. Mas eu explico, explico que... e até pergunto à pessoa, por exemplo, se não sente que ao longo da vida se vai aprendendo e todos os dias se nós estivermos com os canais abertos somos capazes de aprender. O que eu explico é que aqui é feito um reconhecimento dessas aprendizagens que não são feitas em contexto necessariamente formativo, formal. Falo dos diferentes contextos e depois dou exemplos específicos e digo que realmente o nosso trabalho é muito complicado porque não é como um professor. Isso é uma das grandes dificuldades que eu sinto e acho que os formadores têm a vida mais facilitada nesse sentido é que se nós tivéssemos uma matéria para dar... Hoje vou dar isto, isto e isto. Nós aqui temos de ajudar as pessoas a refletir, temos de pôr as pessoas a refletir. Isso é uma coisa que é muito difícil. Nós próprios sentimos dificuldade em refletir. Saber refletir não é... Agora estou a mudar um bocado de assunto. Mas esse é um dos grandes desafios que a nossa profissão tem. É realmente levar o adulto a... Ele pode ter efetivamente as competências mas nem está consciente que as tem e ser capaz de refletir acerca delas. Por isso eu explico que o nosso trabalho é complicado. (E2.24) | - Perceção pública negativa - Desconhecimento social das práticas - Esclarecimento das práticas profissionais |
| | 2.2.5 | Já passei por várias fases: do entusiasmo frenético à descrença. Eu senti em determinada altura deste projeto que aquilo que eu estava a fazer era, de facto, realmente importante! Era de facto transformador, era de facto algo quase... Portanto, trinta e tal anos depois, ou quarenta anos depois da fase da alfabetização, nos idos de abril, um regresso à ignorância adormecida e invisível que perpassa por todas as ruínas do país. E, portanto, a assunção ou preocupação de um determinado governo, não interessa qual com esta questão, pareceu-me fantástica. Fazer parte do conjunto de pessoas que a partir de determinada altura... foi para mim fantástico e, durante uns tempos, até porque houve reconhecimento institucional pelo trabalho que efetuei, senti que estava verdadeiramente no local que precisava de estar! Um sítio que não me dá – nunca o busquei também – condições materiais fantásticas, mas que me dava a oportunidade de 'mexer' com pessoas. Cansado estava eu de mexer com processos e com procedimentos e com aquela tal parte que estava por detrás da formação. O aproximar-me das pessoas era, foi, em determinada altura, brutal! Até porque, alguns, vários, destes processos, destas pessoas, de facto alteraram a sua vida, ora porque passaram a ler muitíssimo mais, ora porque passaram a escrever muitíssimo melhor, ora porque mudaram de profissão, ora porque se transformaram. E ficaram, e ficam, e mostram-no, muitíssimo gratos! A partir de determinada altura, com o desinvestimento que eu sinto, e não serei o único, que se está a fazer neste campo, há, de facto, não consigo negá-lo e isso até me atormenta um bocado, que é para não dizer muito, há sentimentos dúbios da minha parte, porque, às tantas, eu já não tenho a mesma facilidade que tinha em me automotivar para o meu trabalho. Como se necessitasse da bênção institucional para realizar a minha função com o brio que é necessário. Portanto, ultimamente tenho andado um pouco à deriva emocional entre o brio que necessito e o apoio que também me faz falta para me sentir completo, realizado. (E3.34) | - Perceção pública negativa - Compromisso governamental |
| | 2.2.6 | Primeiro, nesta altura do campeonato já não apresento [como profissional de RVC]. Como já te disse da outra vez. (E5.15) | - Perceção pública negativa |
| | 2.2.7 | ... Sei que quando digo que sou profissional de RVC. Primeiro digo que sou profissional de RVC e... “Ah o que é isso?” E depois quando digo que trabalho num CNO, levo sempre ou muitas vezes com aquela cara feia, tipo... derivado à má informação que se vai veiculando. (E2.47) | - Perceção pública negativa |
| | 2.2.8 | Muito deles muitas vezes veem-me como coordenador. Escrevem mesmo isso. Outra grande parte, tratam-me como professor. A figura de Profissional ou de Técnico de RVCC, não é algo que lhes entra muito bem na sua forma de ver as coisas. (E3.42) | - Desconhecimento social das práticas |

| | | | | |
|--|---|--------|--|--|
| | | 2.2.9 | A escola, o meio, não olha para mim, para este ator educativo da mesma forma, claro! Está muito desfasada do que é isto da Educação de Adultos, da metodologia, das particularidades que esta ação exige. Portanto, o meu estatuto na escola é algo que andará entre estas duas imagens: o tipo formado em Sociologia que trabalha lá no CNO; e o Sr. Professor X, que é um tipo extraordinário e muito amigo e impecável, e isto e aquilo e aqueloutro. (E3.42) | - Desconhecimento organizacional |
| | | 2.2.10 | ...como deves calcular, os Coordenadores têm aquela vertente mais política e também não podem ficar tão mal! E depois dizem coisa que tu sabes que não é verdade. Porque aquilo que acontece no meu Centro, acontece no deles. E eles para trabalharem aquilo têm de fazer às vezes coisas que eu sei que não é assim tão bonitinho quanto se fala, não é? (E5. 26) | - Semelhança dos constrangimentos |
| | | 2.2.11 | Ao início nesta escola onde estou agora. Nós começamos a trabalhar muito bem, eu senti que tinha voz dentro da equipa, as pessoas gostavam de me ouvir, seguiam os meus conselhos; rapidamente se acertou a metodologia - é um pouco pretensioso o que eu estou a dizer mas... - àquilo que eu achava e os primeiros resultados foram muito bons. Tivemos também a sorte de termos adultos muito bons e fizemos trabalho muito bom. Acho que o posso dizer! Num dos primeiros júris tivemos também não foi a sorte, foi a visão, de convidarmos um tipo que era O avaliador externo da altura e que ficou simplesmente maravilhado com aquilo. Escreveu uma série de elogios públicos à coisa, propôs-nos uma... (como se diz, nem me estou a recordar do nome – há uma figura...). Em função desse <i>feedback</i> muito positivo que tinha ligações com a Agência [Nacional de Qualificações], aliás. Depois a Agência convidou-nos para dar formação a uma série de Centros, isso aconteceu! Replicou-se essa formação! Houve ali uma altura de algum interesse, pelo menos ao nível do reconhecimento que eu ia sentido. E depois, também muito rapidamente passou-se para um outro extremo. O extremo em que me senti - nos sentimos - um pouco abandonados. (E3.64) | - Estratégias de divulgação |
| 3. Espaços e processos de aprendizagem | 3.1. Adequabilidade da formação inicial | 3.1.1 | Em relação aos profissionais de RVC eu achava um bocado estranho que outros cursos que não de Ciências Sociais estivessem presentes. Atualmente - obviamente que tem a ver com a experiência que eu tenho tido com os colegas também – acho que não. Acho que qualquer pessoa pode ajudar. No fundo acaba sempre por ser isso, ajudar os adultos a fazer o seu portefólio. (E4.74) | - Adequabilidade da formação em Ciências Sociais e Humanas |
| | | 3.1.2 | ... é lógico que um técnico de RVC esteja ligado a áreas das Ciências Sociais e Humanas, mas se calhar porque tens de definir uma licenciatura. Se não tivesses de definir uma licenciatura, acho que depois poderias criar um perfil de competências e numa entrevista para esse profissional, ver se essa pessoa teria essas competências/conhecimentos independentemente da sua licenciatura, mas no nosso país nós trabalhamos muito com uma base: a licenciatura disto, a licenciatura daquilo. (E5.7) | - Adequabilidade da formação em Ciências Sociais e Humanas |
| | | 3.1.3 | A Sociologia sempre me atraiu porque, de certa forma, ao ler alguns sociólogos, e não só, na imprensa escrita sobretudo quando era mais catraio, adolescente, identifiquei-me com uma certa forma de ver o mundo, uma certa tendência para a ideia de que só a educação, verdadeiramente, é capaz de transformar as pessoas, de lhes criar oportunidades de sucesso, de reconhecimento, de progressão social (E3.7) | - Constituição do olhar específico |
| | | 3.1.4 | essa natural sensibilidade, para não deixarmos que o nosso entendimento das coisas seja superficial. Estou-me a lembrar da velha história da reprodução social e da forma como a escola reproduz tendencialmente as condições que existem à partida. Sempre fui, desde miúdo, muito sensível a isto. Sempre fiz amizades com miúdos, com colegas de outras classes sociais, muito mais desfavorecidas. (E3.8) | - Constituição do olhar específico |
| | | 3.1.5 | Tem uma coisa a ver que é o ajudar! O ajudar tem um sentido muito lato. Podemos ajudar em termos emocionais, de problemas patológicos, ou profundos, emocionais, etc. Ou podemos ajudar e o que acontece não é tão pouco frequente quanto isso, que as histórias de vida mexem com as pessoas. A mim já me aconteceu várias vezes as pessoas estarem numa sessão individual, estamos a ver a história de vida e vêm ao de cima os problemas, vêm ao de cima as lágrimas, vêm ao de cima as situações difíceis que estão a viver. Portanto, quase é um complemento, quase poderia dizer que complementa e eu sei que essas coisas acontecerem são boas para as pessoas, de alguma forma estão a expurgar ou estão a pôr cá fora parte do seu mal-estar. Portanto, eu acho que Psicologia completa, complementa ou pode complementar um profissional de RVC. (E4.38) | - Constituição do olhar específico |
| | | 3.1.6 | Trabalhei! Trabalhei ao nível do relacionamento interpessoal, ao nível do contacto com o outro, no conseguir... Na própria entrevista, para ver se a pessoa tinha ou não tinha perfil para entrar num processo de RVC, a forma como se conduz uma entrevista, a forma como se percebe algo da pessoa a partir da linguagem não-verbal dela, a forma como se deixa a pessoa à vontade, a esse nível. Isso são competências que tu adquires, não competências... São conhecimentos que são trabalhados na área da Psicologia, nesse contacto com o outro, com o utente, com o paciente, seja como for; na relação que se estabelece e como se conduz, como se consegue que a pessoa fique mais à vontade; como se conduz a intervenção da pessoa; como se leva a pessoa a escrever aquilo que nós queremos que se escreva, a tal narrativa. Por aí, isso era trabalhado na Psicologia e também trabalhado na formação inicial para os técnicos de RVCC. (E5.6) | - Constituição do olhar específico |

| | | | |
|---|--------|--|---|
| 3.2. Motivação para a formação continua | 3.2.1 | ...onze anos depois de ter terminado o curso, um bocado para 'reciclagem' e para percecionar a perspetiva de cá de Braga. Eu tirei em Lisboa, portanto... [psicologia] Dinâmica, por isso era uma outra forma de trabalhar. Achei que era importante atualizar-me... (E4.9) | - Formação como atualização de saberes |
| | 3.2.2 | É por poder partilhar experiências com pessoas que fazem o mesmo que eu... me ajuda a crescer, me ajuda a olhar para as coisas de forma diferente. É uma forma de me atualizar dentro das minhas funções. (E2.76) | - Constituição de redes informais |
| | 3.2.3 | Acho que é importante ter noção de todas as fases do processo, desde o acolhimento, diagnóstico e encaminhamento; o que é que é feito especificamente em cada um desses momentos; entrar em contacto com os instrumentos e, sobretudo, eu acho que também é importante, e foi um exercício que até fiz numa formação, nós experimentarmos um bocadinho aquilo que depois vamos fazer com os adultos, ou seja, aqueles instrumentos fazermos como se fossemos nós a fazer porque conseguimos assim pormo-nos no lado deles e, mais facilmente, depois conseguimos explicar-lhes e dar-lhes ideias, as estratégias de como eles poderão eventualmente fazer o seu processo. (E2.16) | - Simulação das práticas |
| | 3.2.4 | Sim, fiz aquela formação que a Universidade do Minho, na altura disponibilizou e fiz muitas pesquisas e fui a vários encontros e enquanto filho de professores tive algum acesso a literatura que também me ajudou. (E3.28) | - Genealogia disposicional |
| | 3.2.5 | O que eu tirei foi uma pós-graduação mas que não tinha nada a ver com isto. (E5.31) | - Formação como 'libertação' cognitiva |
| | 3.2.6 | Porque era uma outra área que eu achei piada e porque queria enveredar também pela clínica. E porque me poderia surgir outras. E também porque já estava um bocadinho cansada. (E5.32) | - Formação como 'libertação' cognitiva |
| | 3.2.7 | Essa formação por acaso foi interessante porque apanhou as diferentes fases do processo, pude contactar com pessoas que desempenham diferentes funções e, por acaso, acho que foi uma mais-valia essa formação (E2.14) | - Simulação das práticas |
| | 3.2.8 | Eu vou apostar na minha formação. Vou apostar na minha formação em áreas distintas, não tem nada a ver com isto. Vou apostar em formações que me possam atrair na área clínica, a nível da psicologia. Clínica, Saúde e depois vou apostar noutro tipo de formação que não tem nada a ver com isto. Mas isso primeiro é o que eu quero fazer para depois fazer a tal reconversão profissional. Agora, para agora que não consigo adquirir essa formação em dois ou três meses. Para agora vou apostar naquilo que existe. Como eu acho que não vou ficar desempregada, eu vou-me adaptar aquilo que surgir, a esta nova reconversão dos Centros Novas Oportunidades a estas novas funções. (E5.96) | - Formação como possibilidade de reconversão profissional |
| | 3.2.9 | Portanto, e agora em relação a formações que eu recebi na vertente educacional, eu fiz algumas, não muitas e muito sinceramente é assim: a minha prática, a minha experiência, foi quem me ensinou. Quando vou a uma formação é uma frustração porque a maior parte das coisas eu conheço-as, eu trabalhei-as, eu fi-las, portanto, não gosto muito de formações, de receber formações. Não tenho muita paciência! (E4.10) | - Aprendizagem pelas práticas |
| | 3.2.10 | De princípio até achava muito interessante, mas depois aquilo tornou-se... Também tinha aquelas vertentes que eu não gosto muito que é de: contabilidades, economias, finanças, etc. Mas nem isso me puxou porque normalmente as coisas novas despertam-me. Interessa-me saber! Portanto, não te sei dizer. Neste momento não vejo nenhuma formação que gostasse de fazer. (E4.13) | - Frustração com as formações |
| | 3.2.11 | É um cliché que a formação é sempre importante e que se aprende sempre alguma coisa, óbvio! Mas até acho que quem me deu a formação estavam também a desbravar caminho e a aprender, portanto, não foi assim uma... Não acho que isso me tenha preparado de forma diferente, não! Ouvi muito do mesmo (E1.15) | - Frustração com as formações |
| | 3.2.12 | Houve uma altura em que era mais do mesmo. Era mais do mesmo porque o que acontece. Tinhas a formação e começavam a entrar novos Centros. As dúvidas que tu tinhas, iniciais, pelo menos retiraste ou pelo menos já sabias qual era a resposta. E como entravam novos Centros, esses Centros tinham as dúvidas que tu tinhas inicialmente e então, às vezes, era mais do mesmo. (E5.30) | - Frustração com as formações |

| | | | | |
|--|--|--------|---|--|
| | | 3.2.13 | Com alguns adultos já lhe pude dar até algumas sugestões de como poderiam trabalhar a nível da saúde. Foi-me útil, sobretudo, mais a questão de me obrigar a ganhar aquele hábito de fazer pesquisa, de fazer investigação, de ir buscar mais informação. (E2.20) | Aplicabilidade dos conhecimentos da formação |
|--|--|--------|---|--|

| | | | |
|--|-------|--|--|
| 3.3. Aprendizagem pela prática / em contexto de trabalho | 3.3.1 | Era, era um bocado desagradável porque uma pessoa não sabe, não sabe o que fazer, não sabe a quem perguntar, não sabe como fazer. Eu lembro-me de um bocado, meia receosa, meia a medo, perguntar aos colegas: “olha, como se faz isto no SIGO? Como é que não sei quê? Como é que não sei quê?” Mas era desagradável porque acho que tinhas uma lista, uma check-list do que tinha de dizer ou que fazer, mas mais nada. De facto, o apoio acabava por vir das colegas que já trabalhavam cá. Portanto, já tinham aprendido e era por aí que ia aprendendo. (E4.24) | - Aprendizagens com os colegas de trabalho |
| | 3.3.2 | Só sou psicóloga enquanto começar a trabalhar enquanto psicóloga e começar a aplicar os conhecimentos que adquiri e aprender outros na prática. Com a prática, com a pessoa, naquele domínio de intervenção, ou noutros. Acho que é por aí. É isso que o nosso sistema educativo tem de mudar. E é isso de bom que trouxe toda esta história do RVCC. Trouxe uma nova abordagem ao sistema educativo e uma nova filosofia. (E5.94) | - Aprendizagem por ajustamentos sucessivos |
| | 3.3.3 | No que diz respeito ao relacionamento com o adulto, sim. Mas acho que muito daquilo que eu fui aprendendo foi muito em contexto de trabalho e também em formações mais específicas. (E2.9) | - Aprendizagem por ajustamentos sucessivos |
| | 3.3.4 | Quando vim trabalhar sentia-me um bocado perdida. Não conhecia os referenciais. Fui começando a trabalhar a “pôr as mãos na massa” e fui aprendendo. [em surdina] Posso dizer isto? É uma crítica que eu faço aqui. Cheguei aqui e tive uma reunião numa sexta-feira para começar a receber um grupo na semana seguinte (E2.12) | - Aprendizagem por superação de desafios |
| | 3.3.5 | A metodologia na altura era pelos ‘instrumentozinhos’. Tentei ler os instrumentos tentei pensar também com alguma da experiência que tinha em formação, como é... O meu objetivo foi tentar criar o espírito de grupo e acho que os adultos foram aprendendo como eu fui aprendendo também. Chamei muitas vezes os formadores porque não estava ainda muito... Mas correu muito bem esse primeiro grupo, por acaso. Apesar de eu ser ‘verde’... Foi assim que fui vendo e fui pensando como se poderia melhorar. E correu muito bem. (E2.13) | - Aprendizagens múltiplas: em termos pessoais e em grupo |
| | 3.3.6 | Se calhar. Quem cá estava, e falo das chefias, ou seja de quem for, deveriam ter pegado nas novas pessoas, o grupo de seis que entramos de uma vez e, no fundo, ‘puxá-las’ a uma sala e vamos aqui e vamos explicar as coisas todas direitinhas para nós sabermos como tínhamos de fazer. Coisa que não foi feita, portanto! Entramos no grupo que já cá estava! Portanto, deveria ter havido, não era em termos de integração e apresentação, era mesmo na parte profissional. Mesmo na parte: “o trabalho é este e faz-se desta maneira!”. Em vez de: “Olhe, está aqui uma check-list. Vem meia hora mais cedo! Prepare as fotocópias...”. Andávamos todos às aranhas! (E4.26) | - Lideranças como dinamizadores de aprendizagens |

Anexo 4

1. Perfil de competências dos profissionais de RVC

Atividades

- Acolher as pessoas e esclarecer sobre os objetivos, metodologia e funcionamento do processo de RVCC
- Recolher os eventuais elementos necessários de identificação
- Orientar o processo de acordo com o perfil do sujeito
- Clarificar o pedido e esclarecer sobre os objetivos e a formalização de um contrato de intervenção.
- Apoiar a identificação, avaliação e reconhecimento de competências através da exploração do percurso pessoal, social e profissional
- Adaptar, selecionar e implementar técnicas e instrumentos do processo de reconhecimento
- Dinamizar sessões coletivas e individuais de exploração do percurso pessoal do sujeito no sentido da identificação, avaliação e reconhecimento de competências
- Apoiar as tarefas de construção ativa e autónoma do PRA e de procura de evidências/ provas documentais
- Orientar as pessoas no pedido de validação e acompanhamento das sessões de Júri de validação
- Apoiar a identificação de oportunidades de aprendizagem e promover o encaminhamento para opções de formação
- Dinamizar a avaliação da intervenção no processo de RVCC com a equipa de técnicos envolvidos.

Competências e critérios de evidência

Saberes Teóricos Fundamentais

- Conhece e mobiliza noções básicas de psicologia do desenvolvimento humano
- Conhece e mobiliza noções básicas de psicologia da aprendizagem e andragogia
- Conhece e mobiliza conceitos básicos da psicologia das relações interpessoais
- Conhece e mobiliza noções básicas de psicossociologia
- Conhece e mobilizar conceitos gerais de psicologia social e das organizações
- Conhece e mobiliza teorias e modelos de desenvolvimento vocacional
- Conhece e mobiliza conceitos chave de educação e formação de adultos
- Conhece a organização do sistema de educação e formação português

Saberes Técnicos (Procedimentos)

- É capaz de estruturar e realizar atividades de atendimento
- É capaz de dinamizar sessões de informação e esclarecimento
- Implementa e gere procedimentos e instrumentos de RVCC
- É capaz de organizar e dinamizar sessões individuais e de grupo
- Promove atividades coletivas de produção, partilha e confronto de informação
- É capaz de facilitar a exploração de síntese da informação produzida e recolhida durante o processo
- É capaz de adaptar os diversos processos às pessoas
- Conhece e mobiliza as diferentes técnicas de RVC, interpretando os diversos referenciais
- Desenvolve processos de autoformação e autodesenvolvimento das suas competências pessoais e profissionais
- Conhece e aplica métodos e técnicas de entrevista
- Conhece e utiliza a metodologia de Balanço de Competências e outras metodologias de reconhecimento das competências adquiridas
- Aplica materiais, documentos e referenciais específicos dos domínios de competências do processo de RVCC
- Conhece e utiliza processos de identificação, avaliação, reconhecimento, validação e certificação de

competências

- Compreende e aplica a abordagem autobiográfica
- É capaz de gerir e animar grupos.

Saberes relacionais e Sociais

- É capaz de se adaptar às situações, aos indivíduos e aos contextos
- Estabelece relações interpessoais empáticas, securizantes e desafiadoras
- Encoraja o desenvolvimento pessoal do indivíduo a promoção da sua autonomia
- Trabalha em equipa, aceitando novas ideias e novas formas de atuação
- Demonstra sensibilidade e abertura a situações pessoais complexas, controlo de envolvimento afetivo, percebendo sem criticar.

Competências individuais e deontológicas

- Demonstra espírito de equipa, criatividade e inovação
- Demonstra autorregulação e autocontrolo, exigência pessoal, consciência dos limites
- Reflete de uma forma crítica e permanente sobre o seu trabalho e desempenho
- Apresenta disponibilidade e interesse por questões sociais e comunitárias e compreensão da diversidade, abertura a experiências diferentes
- Demonstra assertividade, gestão da atividade, confronto e desafio
- Conhece e aplica princípios éticos e deontológicos que presidem a sua prática profissional (confidencialidade e neutralidade)
- Demonstra idealismo, solidariedade, empenho, paciência e curiosidade intelectual
- Revela confiança pessoal, sentido de organização, orientação para objetivos e para resultados.

Domínio de diversas técnicas de comunicação

- Utiliza uma linguagem adequada e de compreensão fácil
- Utiliza tecnologias da informação e comunicação

/n Imaginário & Castro, 2011, pp. 235-238

2. Funções e competências dos profissionais de RVC

Acolhimento e inscrição dos adultos no processo de RVCC, recolha de elementos sobre o adulto e esclarecimento sobre o processo¹

- Ser capaz de acolher o adulto de uma forma empática, incentivando-o a inscrever-se, contribuindo para que este ultrapasse o receio e angústia inicial
- Ser capaz de explicitar o processo de RVCC ao adulto, para que este perceba as fases e implicações do processo
- Ser capaz de orientar e apoiar o adulto no preenchimento dos instrumentos usados na inscrição e informá-lo sobre o tipo de elementos que deve reunir sobre o seu percurso de vida
- Ser capaz de identificar e analisar, com base no diálogo e nos elementos disponibilizados nos instrumentos de inscrição, as situações em que o adulto não possui o perfil adequado para o processo RVCC, orientando-o para outro tipo de possibilidade formativa

Reconhecimento das competências dos adultos em processo de RVCC através da explicitação da sua experiência de vida e da resolução de problema

- Ser capaz de apoiar os adultos no desenvolvimento dos instrumentos de mediação, explicando a finalidade de cada instrumento e esclarecendo as dúvidas que surgem no preenchimento para que estes possam perceber a lógica do processo
- Ser capaz de envolver o adulto no processo, de modo a que este se sinta motivado e implicado na reflexão sobre a globalidade da sua experiência de vida
- Ser capaz de incentivar o adulto a refletir sobre a sua personalidade e os seus projetos de vida, apoiando-o na explicitação e formalização de um desses projetos
- Ser capaz de animar sessões em pequeno grupo, gerando um processo de colaboração interpessoal entre os adultos envolvidos, uma dinâmica de discussão e troca de ideias e experiências
- Ser capaz de apoiar e incentivar o adulto a ultrapassar bloqueios e estados emocionais que penalizam a reflexão sobre a sua experiência de vida
- Ser capaz de identificar os saberes e competências de cada adulto, quer através da explicitação da sua experiência de vida, quer através de situações proporcionadas nas sessões de reconhecimento
- Ser capaz de diagnosticar, nas primeiras sessões de reconhecimento, se o adulto possui o mínimo de competências para prosseguir o processo, orientando-o para essa tomada de consciência, por forma a que adulto perceba que pode ser mais adequado procurar outras ofertas formativas ou suspender o processo de RVC até adquirir outros saberes e desenvolver novas competências
- Ser capaz de orientar o adulto em processo de RVCC para uma tomada de consciência dos seus saberes e competências, promovendo um processo de auto-reconhecimento
- Ser capaz de confrontar o adulto com situações-problema para este evidenciar competências, e assim promover o reconhecimento nas áreas de competência-chave
- Ser capaz de orientar e apoiar os profissionais de RVC na operacionalização de situações-problema para que estes possam clarificar o tipo de competências passíveis de reconhecer

Validação das competências do adulto em processo RVCC, através da comparação entre as competências do adulto e as competências do referencial

- Ser capaz de comparar os saberes e competências que inferiu, através da experiência de vida do adulto e das situações vividas durante o processo, com as competências identificadas no referencial de competências-chave
- Ser capaz de analisar e discutir em equipa as competências evidenciadas pelo adulto para cada área de competência-chave do referencial, propondo ao adulto, caso seja necessário, um plano de formação complementar
- Ser capaz de fazer um balanço sobre o processo de reconhecimento do adulto no júri de validação e de

¹ Atualmente esta função é fundamentalmente da responsabilidade do Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento.

incentivar o adulto a prosseguir o seu percurso formativo e a concretizar os seus projetos de vida, numa perspectiva de valorização e reconhecimento do potencial de cada pessoa

Adaptação do dispositivo de RVCC, reformulação e conceção dos instrumentos de mediação e de inscrição

- Ser capaz de analisar as potencialidades e fragilidades do dispositivo de RVCC, propondo alterações de metodologias e procedimentos no sentido de garantir uma maior qualidade e eficácia do processo, quer para o adulto, quer para os objetivos do Centro
- Ser capaz de conceber e reformular os instrumentos de mediação aplicados no reconhecimento de competências e os instrumentos utilizados no momento da inscrição no processo de RVCC, promovendo a qualidade do trabalho realizado no Centro e o envolvimento do adulto ao longo do processo

Interpretação, descodificação e sugestões de alteração do referencial de competências-chave

- Ser capaz de interpretar e descodificar as competências do referencial tornando-o um instrumento de trabalho passível de ser utilizado por todos os elementos da equipa e, inclusivamente, pelos adultos em processo
- Ser capaz de analisar criticamente o referencial de competências-chave no sentido de o tornar um instrumento mais adequado e pertinente para o processo de RVCC, sugerindo a introdução, suspensão ou alteração de competências

Divulgação do processo de RVCC e da organização e funcionamento do Centro

- Ser capaz de explicar o processo de RVCC, a organização e funcionamento do Centro, quer a responsáveis institucionais, quer a grupos de adultos em condições de vir a beneficiar do processo, promovendo a sua participação

In Cavaco, 2007, pp. 25-27

3. Competências-chave para os educadores de adultos

A: Generic competences

A1 Competence in systematic reflection on their own practice, learning and personal development: *being a fully autonomous lifelong learner.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of his/her own role within the institutional setting
- has knowledge of the possibilities for further development of his/her own professional practice

Skills: The adult learning professional

- is able to be self-reflective
- has the ability of critical thinking towards his/her own professional practice
- is able to assess his/her own learning needs
- is able to manage his/her own learning process
- is able to organise work and time

Attitudes: The adult learning professional

- is authentic and consistent in his/her opinion
- is interested in his/her own professional development

A2 Competence in communicating and collaborating with adult learners, colleagues and stakeholders: *being a communicator and team player.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of ways to establish a relationship of trust with adult learners, colleagues and stakeholders
- has knowledge of relevant communications techniques

Skills: The adult learning professional

- is able to communicate in a clear fashion with adult learners, colleagues and stakeholders.
- is able to work in teams
- is able to collaborate closely with colleagues
- is able to exchange knowledge and experience
- is able to identify problems and find solutions together
- is able to give and receive feedback to and from adult learners, colleagues and stakeholders
- is able to use the feedback in the improvement of the professional practice

Attitudes: The adult learning professional

- has integrity
- respects others and their different backgrounds
- has a positive attitude towards working together

A3 Competence in being aware of, and taking responsibility for the institutional setting in which adult learning takes place at all levels (institute, sector, the wider profession and society): *being responsible for the further development of adult learning.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the institutional setting of the institute
- is aware of the mission and the role of the institute, the sector and the role the profession plays in society and within the European context of Lifelong learning

Skills: The adult learning professional

- is able to take up responsibility for the further development and improvement of the institute, the sector and the profession
- is able to anticipate change in society that affects the institute and the profession
- is able to participate in networks
- is able to communicate, negotiate and find solutions to problems together with stakeholders

Attitudes: The adult learning professional

- is loyal and committed to his/her own profession
- is open to change
- is solution minded
- is aware of the social and societal dimension in adult learning
- is aware of possible political or ethical aspects in adult learning

A4 Competence in making use of their own expertise and the available learning resources: *being an expert in a field of study/practice²*.

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the field of study (subject knowledge) or the field of practice (experience, practical knowledge)
- has knowledge of relevant recent developments in (academic) literature or study
- has knowledge of the learning resources learners bring in themselves (knowledge, experience, expertise)
- has knowledge concerning the learning resources that can be used in the learning process, including those that stimulate adults' self-directed learning

Skills: The adult learning professional

- is able to select the right learning resources
- is able to choose and attune the resources to the demands of the individual adult learner and the group.
- is able to make use of the learning resources the adult learners bring in.
- is able to motivate adult learners to learn independently using suggested learning resources

Attitudes: The adult learning professional

- is aware of relevant recent developments in his/her own field of expertise
- has an open mind towards using new learning resources.
- shows creativity in selecting the resources in order to stimulate adult learners to learn independently

A5 Competence in making use of different learning methods, styles and techniques including new media and awareness of new possibilities, including e-skills and ability to assess them critically: *being able to deploy different learning methods, styles and techniques in working with adults³*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of learning methods (didactics) relevant for the learning processes of adult learners
- has knowledge of learning styles (approaches) relevant for the learning processes of adult learners
- has knowledge of learning techniques (ICT, new media and social networks) relevant for the learning processes of adult learners
- oversees relevant recent developments concerning new media and the possibilities that comes with it in supporting the learning process

Skills: The adult learning professional

- is able to use the learning methods (didactics) to support the learning process of adults
- is able to use the learning styles (approaches) to support the learning process of adults
- is able to use the learning techniques, including ICT and new media (social networks) to support the learning process of adults.
- is able to adjust the style of guiding the learning process to the individual adult learner and the group

Attitudes: The adult learning professional

- is confident in applying different learning methods, styles and techniques
- has a positive, though critical view towards new developments in methods, styles and techniques.
- is open to change in using new technologies
- is creative in using different methods, styles and techniques in the learning process to stimulate adult learners.
- has a critical and reflective attitude towards available information and takes responsibility for the use of information

² For professionals supportive for the learning process, the expertise concerns not subject knowledge, but specific (for example managerial, administrative or ICT) expertise.

³ For professionals supportive for the learning process, the didactical competence is less relevant.

A6 Competence in empowering the adult learners to learn and support themselves in their development into, or as, fully autonomous lifelong learners: *being a motivator*.

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge on methods and techniques to stimulate, motivate and empower adult learners to learn and develop themselves
- has knowledge of cultural differences of learners

Skills: The adult learning professional

- is able to motivate, stimulate and empower adult learners
- is able to communicate the relevance of the learning process within a wider perspective
- is able to bring in daily life

Attitudes: The adult learning professional

- is empathic
- is inspiring for adult learners

A7 Competence in dealing with group dynamics and heterogeneity in the background, learning needs, motivation and prior experience of adult learners: *being able to deal with heterogeneity and diversity*.

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the value of diversity and heterogeneity in a group
- has knowledge of the stages of human development in adulthood
- has knowledge of group dynamics
- has knowledge of methods to deal with possible conflict situations

Skills: The adult learning professional

- is able to recognise diversity in backgrounds
- is able to recognise the value of diversity
- is able to deal with heterogeneity
- is able to analyse behaviour
- is able to recognise tensions, problems and possible conflicts
- is able to act strategically to prevent and/or manage these possible conflicts

Attitudes: The adult learning professional

- is reliable
- is consistent
- is to be trusted
- is empathic
- has respect for difference in order to deal with heterogeneity and group dynamics

Specific competences

B1 Competence in assessment of prior experience, perceived learning needs, demands, motivations and wishes of adult learners: *being capable of assessing adult learning needs*.

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of assessment techniques
- has knowledge of human development
- has knowledge of cultural, social and religious background of adult learners in order to understand the context for the development of the adult learner and the motivation (intrinsic, extrinsic) that she/he has

Skills: The adult learning professional

- is able to use adequately assessment techniques
- is able to relate the prior experience and knowledge of adult learners to the learning objectives and the course of the learning process
- is able to make use of the experience, knowledge and skills of adult learners in order to let them learn in a self-directed way.
- is able to listen carefully,
- is able to assess non-verbal communication
- is able to deal with possible language difficulties and other disadvantages
- is able to deploy a wide range of teaching strategies

Attitudes: The adult learning professional

- is interested in the motivations of adult learners
- is open to the knowledge, skills and experience that adult learners bring with them
- is aware of the life of the adult learners and their background in order to use that as a learning resource

B2 Competence in selecting appropriate learning styles and didactical methods for the adult learning process: *being capable in designing the learning process.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of a wide range of learning styles and didactical methods to be used in the learning process
- has knowledge of how to design a curriculum

Skills: The adult learning professional

- is able to use the learning styles and didactical methods in the learning process
- is able to translate the objectives in a learning process, given a specific time frame
- is able to adjust the learning process to the needs of the individual adult learner and the group

Attitudes: The adult learning professional

- is creative
- is open-minded towards new strategies and changes in the learning process

B3 Competence in facilitating the learning process for adult learners: *being a facilitator of knowledge (practical and/or theoretical) and a stimulator of adult learners' own development.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of human development and the stages of adult development
- has knowledge of different didactical methods
- has knowledge of different learning and teaching styles (approaches)
- has knowledge of different techniques, including knowledge of ICT and the ways ICT can be used in the learning process

Skills: The adult learning professional

- has the ability to use different methods,
- has the ability to use different styles
- has the ability to use different techniques
- is able to deal with heterogeneity in group of adult learners
- has the ability to guide and stimulate adult learners to learn independently
- is able to bring everyday life into the learning process
- is able to attune the learning process to the living world of the adult learners.
- is able to steer the learning process by providing appropriate contextualised assignments or tasks to the adult learners and to assess the outcomes

Attitudes: The adult learning professional

- is aware of different backgrounds of the adult learners, their different styles of learning habits
- portrays flexibility in attuning or changing the learning process to the needs and the progress of the adult learners

B4 Competence to continuously monitor and evaluate the adult learning process in order to improve it on an ongoing basis: *being an evaluator of the learning process.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of different monitoring and evaluation techniques
- has knowledge of the ways that outcomes can be used to improve the learning process, learning strategies and his/her own practice

Skills: The adult learning professional

- is able to use the different techniques
- is able to listen carefully
- is able to interpret the outcomes of the monitoring or evaluation process

Attitudes: The adult learning professional

- is self-reflective
- is willing to invest in the further development
- is willing to improve the learning process and the strategy used in his/her own practice

B5 Competence in advising on career, life, further development and, if necessary, the use of professional help: *being an advisor/counsellor.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the career and work environment of the adult learner
- has knowledge of the stage of human development of the adult learner
- has knowledge of the educational offer
- has knowledge of to use of tests
- has knowledge of the organisations for professional help and support

Skills: The adult learning professional

- has the skills to advise adult learners on their career, work, further development and link this to educational offers
- has the ability to use tests to collect information on characteristics of the adult learner
- has the ability to refer adult learners who need professional help and support

Attitudes: The adult learning professional

- is communicative
- is reliable
- is honest
- is able to establish a relationship of trust with the adult learner
- respects the background of the adult learner

B6 Competence in designing and constructing study programmes: *being a programme developer.*

Knowledge: The adult learning professional

- has thorough knowledge of curriculum design, adult learning theory, resources and methods that can be used in the delivery of the programme
- has thorough knowledge of assessment techniques

Skills: The adult learning professional

- is able to design and construct the study programmes according to relevant adult learning theory and the needs and demands of the adult learners
- is able to use assessment techniques
- is able to direct other adult learning professionals in the use of the study programme

Attitudes: The adult learning professional

- is aware of the need for flexible programmes
- is able to attune the programme to the adult learners' circumstances
- is aware that others must be able to work with the programme

B7 Competence in managing financial resources and assessing the social and economic benefits of the provision: *being financially responsible.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge on how financial resources should be managed
- has knowledge on possible external resources

Skills: The adult learning professional

- has the skills to use financial data, techniques and software to manage the finances of the institute
- is able to see, assess and describe the social and economic benefits

Attitudes: The adult learning professional

- is strict
- is responsible
- is reliable
- can be highly trusted
- is aware not only of the financial, but also of the social dimension of adult education

B8 Competence in managing human resources in an adult learning institute: *being a (people) manager.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of human resource management, selection and recruitment policies and practices in adult learning
- has knowledge of team building
- has knowledge of assessment techniques
- has knowledge of continuous development of staff

Skills: The adult learning professional

- has the ability to assess the work and competences of staff
- has the ability to read group processes and body language
- is able to build teams
- has the ability to select and recruit appropriate staff
- has leadership qualities

Attitudes: The adult learning professional

- has authority
- is reliable
- is strict
- has empathy
- is aware of individual behaviour, group processes and human development

B9 Competence in managing and leading the adult learning institute in general and managing the quality of the provision of the adult learning institute: *being a general manager.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the organisational and institutional procedures
- has knowledge of quality management and relevant policies (including European policy)

Skills: The adult learning professional

- has the ability to formulate and defend the mission of the institute
- has the ability to manage and lead the institute according to that mission
- has the ability to implement organisational procedures and systems for accountability (quality management)
- understands the learning needs of society and adults and is able to attune the institute towards those needs

Attitudes: The adult learning professional

- has authority in leading the institute
- is aware of the specific characteristics of the sector
- has leadership qualities
- is open minded
- is aware of the political context in which the institute works

B10 Competence in marketing and public relations: *being able to reach the target groups, and promote the institute.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of PR, marketing, mobilisation and outreach strategies
- has knowledge of the characteristics of the target groups
- has knowledge of relevant stakeholders

Skills: The adult learning professional

- is able to use different PR and marketing strategies
- is able to see new opportunities for new programmes and directions
- is able to communicate with stakeholders, external parties and organisations

Attitudes: The adult learning professional

- is sensitive for new chances, possibilities and developments
- is able to critically assess the institutional role given the wider context
- is a communicator
- is aware of political nuances

B11 Competence in dealing with administrative issues involving adult learners and adult learning professionals: *being supportive in administrative issues.*

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of the systems, programmes and software used for administrative purposes
- has knowledge of the responsibilities in the institute

Skills: The adult learning professional

- has the skills to work with the administrative systems, programmes and software
- is skilled in administrative work

- is able to deal with information requests from (potential) adult learners and adult learning professionals

Attitudes: The adult learning professional

- is precise in carrying out administrative work
- is friendly and cooperative in dealing with questions and requests

B12 Competence in facilitating ICT-based learning environments and support adult learning professionals and adult learners in using these learning environments: *being a ICT facilitator*.

Knowledge: The adult learning professional

- has knowledge of ICT design and ICT-based learning environments
- has knowledge of the possibilities and constraints of ICT-learning environments and the hardware supporting the environments

Skills: The adult learning professional

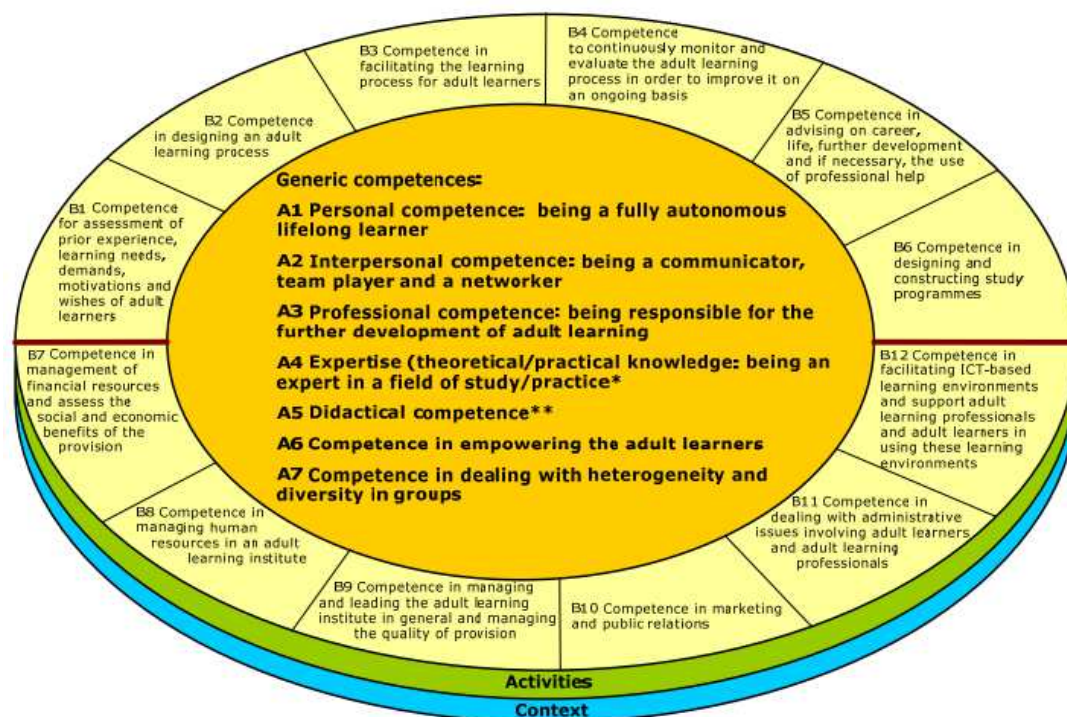
- has the ability to design and facilitate ICT-based learning environments
- is able to support the learning environment and the people who work and study within this ICT-based learning environment
- is able to assess the effectiveness of the environment.

Attitudes: The adult learning professional

- is aware of the behaviour of adult learners in the ICT-based learning environment
- thinks critically on the use of ICT and the impact ICT can have on the behaviour of adult learners (and adult learning professionals)

In *Key competences for adult learning professionals* (Buiskool, Brook, van Lakerveldal, Zarifis, & Osborne, 2010, pp. 91-97)

Figura 1 - Competências-chave dos profissionais de Educação e Formação de Adultos



* For professionals not directly involved in the learning process, the expertise concerns not subject knowledge, but specific (for example managerial, administrative or ICT) expertise.

** For professionals not directly involved in the learning process or supportive in a managerial, administrative way, the didactical competence is less relevant.

Retirado de *Key competences for adult learning professionals* (Buiskool, Brook, van Lakerveldal, Zarifis, & Osborne, 2010, p.116)